a *Take it Off* novel

CAMBRIA HEBERT

TRYST

Sometimes all a girl needs is a little fling…





A tradução desta obra foi efetuada pelo Grupo Rhealeza Traduções {GRT}, de forma a levar ao leitor, acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária. O grupo RHEALEZA tem como objetivo a tradução e disponibilização parcial de livros sem previsão de publicação no Brasil, sem portanto, qualquer obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado dos membros do grupo e que jamais deverá ser compartilhado em quaisquer rede social (Facebook, grupos, blogs, sites} ou ainda, quaisquer outros de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo Rhealeza de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.



Staff

Tradução: Heloisa

Revisão Inicial: Anfitrite/ Nix

Revisão Final: Luma/Hera

Leitura Final: Mikka/Mitra

Formatação: Kytzia

Disponibilização:

Grupo Rhealeza Traduções

05/2018

TRYST

Take it Off #08

CAMBRIA HEBERT

Sinopse

Às vezes, tudo o que uma garota precisa é de uma pequena aventura.

Talie Ronson precisa de férias.

Da vida.

Desde que pegou seu marido safado na cama, traindo-a com sua assistente, sua vida virou de cabeça pra baixo. Seu carro é uma sucata, seu trabalho é uma droga e sua irmã perfeita e linda gosta de se gabar de sua vida maravilhosa cada vez que "faz" o almoço.

Em um esforço para salvar o que sobrou de sua vida e sua sanidade, ela aceita o conselho de sua melhor amiga maluquinha e vai para a ilha de Mezena. Uma semana na praia, sozinha, é exatamente o que ela precisa para recarregar as energias e relaxar.

Só que seu tempo sozinha está prestes a acabar.

A atividade favorita de Gavin Palmer é andar por aí de cueca e comer comidas industrializadas. Ele e os vizinhos têm um acordo, um não se envolve nos negócios do outro. Gavin vive na praia não de férias, mas para se isolar. Ele já conviveu com pessoas o suficiente para durar uma vida inteira.

Mas, o isolamento de Gavin é interrompido quando seu vizinho normalmente silencioso começa a perturbar sua paz. Ele anda pela areia prestes a dar um fim nesse problema... Só que não é um cara.

É Talie.

Ela é louca, intrometida e fala demais.

Mas ela é gostosa e observá-la do seu quarto o faz pensar que talvez ele tenha tido solidão suficiente. Talvez uma semana de companhia seja exatamente o que ele precisa.

Talvez o que ambos precisem seja de um encontro sem compromisso.

PRÓLOGO

Talie

Eu não fazia sexo há seis meses. Seis meses. Eu era praticamente uma virgem novamente. Quero dizer, é sério. “Eles” dizem que quando você se casa, sua vida sexual vai pelo ralo, mas eu não sabia quem eram “eles” e eu tinha certeza de que minha vida sexual não pioraria até eu ser uma velhinha.

Eu não era uma velhinha.

E eu meio que queria socar “eles” na cara.

Vou culpar a minha agressividade pela frustração sexual.

Os homens não deveriam ser loucos por sexo? Na minha experiência com certeza eram. Meu marido e eu costumávamos fazer sexo o tempo todo, mas lentamente começou a diminuir e em seguida, praticamente evaporou da face da terra.

Mas isso ia mudar. Eu faria algo a respeito. Pelo que sei, eu poderia definhar por falta de prazer ou poderia pegar o touro pelos chifres (ou pênis).

Definhar não soou tão atraente, por isso tirei a tarde de folga do trabalho (nada para perder lá) e decidi ir para casa e arrumar o cenário para a noite. No meu caminho, parei na loja e peguei algumas velas rosa para uma noite quente e um pouco de óleo de massagem comestível.

Entrei no apartamento e fechei a porta atrás de mim. Assim que fui para o balcão da cozinha, ouvi um som.

Um gemido.

Coloquei a sacola no balcão silenciosamente e inclinei a cabeça, tentando ouvir. Outro gemido flutuou pelo apartamento e eu franzi meu nariz.



Deixei a televisão ligada quando saí para o trabalho esta manhã?

E se sim, que raio de programas diurnos eles colocavam no ar hoje em dia?

Eu caminhei pelo corredor sobre o tapete de pelúcia e parei na frente da porta parcialmente fechada do meu quarto.

Os sons de respirações pesadas e do movimento de um colchão eram inconfundíveis. Eu realmente tentei não pensar besteiras.

Realmente.

Mas qual é... cheirava a sexo aqui fora. Um aroma profundo e almiscarado que se impregnava no ar.

Coloquei minha mão contra a porta e empurrei-a, abrindo lentamente.

Levei alguns segundos para registrar o que estava vendo. O choque me deixou imóvel. Tudo o que eu podia fazer era ficar ali e assistir.

Eu não tinha deixado à televisão ligada esta manhã.

E agora eu sabia por que meu marido não me tocou nos últimos seis meses.

Ele estava muito ocupado tocando outra pessoa. Alguém que não era sua esposa.

Estavam tão envolvidos no ato que nem perceberam que eu estava lá. Então eu os assisti. Esta era a minha casa. Era a minha cama. E francamente, uma parte de mim pensava que eu estava sonhando.

Os lençóis de algodão branco que eu tinha comprado com todo o carinho, estavam emaranhados em torno das pernas do casal no centro da cama king size. Os travesseiros que escolhi carinhosamente estavam todos retorcidos do impulso e movimento contínuo e o edredom cinza-escuro estava metade caindo da cama e metade no chão.

Havia uma mulher sentada em cima do meu marido. Seu cabelo castanho era muito longo e grosso, ele caía em suas costas desordenadamente como se estivessem no ato há algum tempo. Enquanto eu olhava, ela empurrou para cima dele e sentou-se, inclinando

sua cabeça para trás e soltando um gemido alto enquanto se movia sobre ele, friccionando seu corpo contra o dele.

Assisti quando meu marido se inclinou e agarrou seus seios, dando-lhes um pequeno aperto e grunhindo com prazer.

Isso foi como uma facada no coração.

Como ele pôde fazer isso comigo? Como podia dizer que me amava, pedir para passar o resto da minha vida com ele e depois trazer outra mulher para nossa casa e para a nossa cama?

A dor que senti pode ter sido dilacerante, mas não durou tempo suficiente. Foi rapidamente substituída pela raiva. Faíscas quentes e furiosas inflamaram dentro de mim e meus pés começaram a se mover.

Caminhei para dentro do quarto e parei na beira da cama.

—Talie! —Meu marido engasgou, inclinando-se em uma posição sentada. A mulher que transava com meu marido não deslizou dele. Em vez disso, enterrou o rosto em seu peito nu, como se estivesse tentando se esconder.

Isso me enfureceu.

Estendi a mão e peguei um punhado do seu cabelo grosso e puxei-a para trás.

—Saia de cima do meu marido, sua vaca imunda.

Ela gritou quando a puxei do seu colo, revelando seu orgulhoso membro. Fiz uma careta e a joguei com seus peitos falsos no chão.

—Talie, eu posso explicar. —Ele disse, puxando o edredom para cobrir sua masculinidade. Ele estava provavelmente nervoso achando que eu iria agarrá-lo como agarrei o cabelo da Barbie morena.

Nunca mais tocaria naquela coisa.

E realmente... esse era o mantra favorito de todos os idiotas? “Eu posso explicar”.

—Você não precisa explicar. Meus olhos enxergam muito bem. — Eu rebati.

A menina se levantou do tapete e começou a recolher suas roupas, que estavam jogadas pelo meu quarto.

—Espero que ele te satisfaça porque com certeza nunca me satisfez. —Eu atirei.

Seus olhos se arregalaram e Blake (meu marido traidor) começou a engasgar.

—Cale-se. —Eu disse a ele quando agarrei Barbie novamente e comecei a arrastá-la pelo apartamento em direção à porta da frente.

—Eu não estou vestida! —Ela gritou.

—Que pena.

Abri a porta e a empurrei. Ela estava lá no meio do corredor, segurando suas roupas contra seu peito nu. Seus olhos se estreitaram e um olhar de ódio cruzou seu rosto.

—Ele me disse que você nunca o fez feliz.

—Você pode querer fazer uma visita ao cirurgião que fez seus peitos. Eles estão tortos. —Bati a porta em seu rosto chocado.

Meu peito estava ofegante e minhas mãos tremiam quando me virei.

Blake estava parado lá, abotoando uma calça preta. —Isso era mesmo necessário?

Pelo menos ele não tentou inventar uma desculpa. Não havia desculpas para ele. E não havia desculpa por ter me casado com ele, já que fiquei em um casamento que claramente nunca me faria feliz.

Abri a porta mais uma vez. Felizmente a Barbie já tinha fugido.

—Saia.

Ele me encarou.

—Eu tenho certeza que não gaguejei. Eu disse para sair daqui.

—Este é o meu apartamento também. —Disse ele, cruzando os braços sobre o peito.



—Oh, você pode tê-lo. —Respondi calmamente. —Darei o fora em duas horas.

Seus braços caíram para os lados. —Para onde você vai? —Choque registrado em todo o seu rosto e percebi então, que ele não me respeitava. Provavelmente nunca respeitou. Ele sabia que iria ser pego um dia, mas pensou que eu ficaria. Ele pensou que eu aturaria isso.

Ele não me conhecia.

—Isso não é da sua conta. Agora saia antes que eu comece a gritar.

Ele caminhou, parando na minha frente como se fosse tocar meu rosto. Estapeei sua mão. —Estarei fora em duas horas.

Assim que ele estava no corredor, bati a porta e tranquei as fechaduras. Caí contra a madeira pintada de branco e suspirei. Senti-me como se tivesse corrido uma maratona. Sem fôlego, meu peito apertado, o estômago doendo e cada membro do meu corpo pesado e exaurido.

Lágrimas nublaram minha visão e eu funguei. Olhei para a sacola cheia de coisas românticas para a noite.

Que grande e bela piada.

Empurrei-me para longe da porta, levantei o queixo e engoli as lágrimas não derramadas.

Eu poderia sentir pena de mim mesma mais tarde.

Neste momento, tinha que fazer as malas.

CAPÍTULO 1

Talie

Fui ao banco mais próximo e transferi todo o dinheiro de nossas contas conjuntas para minhas economias pessoais.

Ok, não todo o nosso dinheiro.

Deixei um dólar.

Achei muito generoso.

Depois de colocar algum dinheiro na minha carteira, atravessei a cidade até o condomínio fechado. Se não fosse o acesso permanente que eu possuía, sabia que o guarda nunca me deixaria passar do portão. O carro que eu conduzia não pertencia a um condomínio como este. Era uma lata velha.

Sempre planejamos comprar um novo. Estávamos economizando porque Blake comprou um BMW pouco antes de nos casarmos e não queríamos contrair outra dívida tão cedo no nosso casamento.

Ele era um completo canalha.

Minha irmã abriu a porta para sua casa de três mil metros quadrados no subúrbio, parecendo que acabara de sair de uma passarela em Paris.

Sim, ela era uma dessas mulheres.

Do tipo de mulher que nunca tinha um fio cabelo fora do lugar. Do tipo que acordava de manhã parecendo uma espécie de anjo divino, com o cabelo perfeitamente arrumado e pele brilhante. Ela sempre se vestia impecavelmente, mesmo que fosse roupa para ficar em casa. Seu cabelo longo e escuro estava sempre enrolado, sempre brilhando e seu rosto sempre perfeitamente maquiado.

Ela era uma verdadeira Barbie.

Eu parecia o corcunda de Notre Dame ao lado dela.



—Talie! —Disse ela, sua voz ofegante (estava sempre sem fôlego). —Eu não estava esperando por você! Será que temos um almoço marcado e eu esqueci?

Eu queria rir. Ela nunca esquecia os compromissos que marcava. —Desculpe aparecer sem avisar, Joanna. Agora é uma má hora?

—Não, entre. —Disse ela, segurando a porta aberta para que eu pudesse passar por sua entrada com pisos de madeira e tetos altos. —Acabei de terminar o meu trabalho do dia.

A minha irmã trabalhava em casa como contadora. Ela só trabalhava meio período porque tinha duas filhas pequenas e realmente, eles não precisavam do dinheiro. Eu sempre pensei que sua decisão de manter alguns clientes mesmo depois que teve filhos era mais porque ela gostava de dizer às pessoas que era contadora.

—Onde estão as gêmeas? —Perguntei, procurando por Ainsley e Avery. Eram as gêmeas de dois anos de idade, a imagem e semelhança de sua mãe.

—Tiffany as levou para a piscina.

Tiffany era a babá das meninas e a piscina era parte dos privilégios que vieram com o condomínio.

—Você gostaria de algo para beber? —Joanna perguntou quando eu a segui pela casa e entrei na grande cozinha aberta. A cozinha possui armários personalizados na cor creme, azulejo de vidro e bancadas de granito.

—Não, obrigada. —Eu disse. O que eu realmente queria era uma garrafa inteira de vinho. E um canudo.

Joanna abriu a geladeira de aço inoxidável e puxou uma jarra de vidro cheio de água. Flutuando nela estavam fatias grossas de maçã vermelha e muitos paus de canela. Ela bebia essa mistura todos os dias e alegava que ajudava a manter sua aparência.

Eu me perguntava secretamente se ela já comeu alguma vez.

Sim. Isso era amargo. Em minha própria defesa, eu só peguei meu traidor, em breve ex-marido, na cama com uma mulher que passou o tempo fazendo cirurgias para se parecer com a Barbie.

Eu suspirei e vi Joanna se servir de um copo de água. Não devia ter vindo tão cedo. Eu sabia muito bem. Em um bom dia, eu só acharia a minha irmã e toda a sua glória perfeita levemente irritante. Em um dia ruim, eu me perguntaria o que diabos eu fiz para merecer as sobras da genética dos meus pais. Num dia como hoje...

Em um dia como hoje, eu me vi pensando que deveria apenas ter esquecido de abaixar o freio de mão da minha lata velha e em seguida sair para deixá-la “Acidentalmente” me atropelar.

Claro, eu nunca faria algo assim.

Isso era muito dramático.

Bem, isso e o fato de que eu seria a única pessoa que seria atropelada por uma sucata de metal sobre rodas e sobreviveria... apenas para viver com a bagunça de um corpo mutilado.

—Então, o que te traz aqui? —Joanna perguntou, empoleirando-se na beira da cadeira estofada, da mesa de vidro redonda.

—Preciso da ajuda do Jack.

O Jack era o marido da Joanna. Ele é um advogado de sucesso aqui em Raleigh e almeja associar-se a uma das maiores firmas da cidade. Eu não tenho dúvidas que irá conseguir. Se ele não fosse meu cunhado, eu não seria capaz de pagar trinta minutos do seu tempo.

Coisa boa os descontos para família.

As sobrancelhas delicadas de Joanna franziram-se. —Para que precisa de um advogado?

—Estou pedindo o divórcio. —As palavras foram praticamente uma granada caindo no meio da cozinha, acabando com sua atmosfera calma e tranquila.

Joanna engasgou e colocou uma mão em seu peito. —Um divórcio! —Disse ela como se fosse algum termo estrangeiro. —Por que no mundo você faria isso?

—Peguei Blake na cama esta tarde. Na minha cama. Com sua assistente.

Joanna pensou por um momento. —Tem que haver uma explicação razoável, Talie.

—Eles estavam nus. Ela estava em cima dele.

Seus lábios formaram um O.

—Ele está me traindo. Provavelmente por um longo tempo.

—Agora, você não tem certeza disso. Talvez tenha sido uma coisa de uma vez. Um erro.

Às vezes uma mulher não tinha que ver algo para saber.

E eu sabia que Blake transou com a Barbie desequilibrada mais de uma vez.

—Oh, foi um erro, com certeza. —Eu murmurei. —Um erro ter me casado com ele.

—Talie! —Joanna advertiu. Seu tom me fez ranger os dentes. Ela colocou a sua água de maçã e canela de lado e parou, colocando seus dedos com unhas pintadas de rosa em seus quadris. —Blake é um bom homem. Ele é muito bem-sucedido. Ele é bonito, vem de uma forte família tradicional sulista. Ele é um bom partido.

E é por isso que eu sabia que não devia vir aqui. —Você está realmente defendendo o fato de que ele estava dormindo com outra mulher. Na minha cama?

Ela empalideceu quando a imagem deixou um sabor desagradável em sua boca. —O que estou dizendo é que você fez votos. Você não pode jogar fora um bom casamento tão precipitadamente.

Bom casamento. Precipitação. Votos.

De repente eu me senti extremamente enjoada.

Eu me levantei, ignorando as tonturas atacando meu cérebro nebuloso. —Que horas Jack estará em casa esta noite?

—Provavelmente às sete.

—Pode pedir que ele elabore os papéis do divórcio? Diga-lhe que vou passar por aqui mais tarde esta semana para assiná-los e colocar as coisas em movimento.

—Onde você vai?

—Para a casa da Claire. Eu vou ficar lá. —Pelo menos rezei para que ela me deixasse, quando eu me jogasse no sofá e implorasse para ficar.

—Você precisa ir para casa. Resolver as coisas.

Eu a cortei. —Eu não posso falar sobre isso agora.

—Sim. Bem, eu tenho certeza que você teve um dia difícil.

Sim. Difícil.

Eu estava tentando entender como diabos isso aconteceu. Como pude estar tão errada sobre o homem com quem me casei? Eu também estava tentando não ficar chateada com minha irmã que estava meio que o defendendo.

—Por que você não fica? Podemos tomar chá e conversar sobre isso calmamente.

Calmamente = Joanna me dizendo o que fazer.

—Obrigada pela oferta, mana. —Eu disse, já indo em direção à porta da frente. —Mas não posso, não agora. Você vai ligar para Jack e pedir para trazer os papéis?

—Claro, mas tem certeza que não quer pensar nisso?

Não podia nem sequer pensar nisso. —Tenho certeza.

O rosto de Joanna mudou para uma carranca, criando um vinco entre suas sobrancelhas perfeitamente arqueadas. Suspirando, abracei a minha irmã. Ela retribuiu o abraço e eu senti lágrimas arderem na parte de trás dos meus olhos. Eu me afastei, abrindo a porta.

—Obrigada, Jo-Jo. —Eu disse, usando o nome que eu a chamava quando éramos crianças.

Eu não olhei para trás quando a porta se fechou atrás de mim, mas soltei um longo suspiro. Eu amava minha irmã, mas às vezes eu queria estrangulá-la.

Claro, foi apenas a minha sorte que quando virei à chave no meu velho Jetta o motor soou como um velho prestes a tossir o pulmão. Bati

no volante e soltei um grito frustrado. —Hoje não é dia para isso. —Exigi do meu carro. —Funcione droga!

Eu girei a chave outra vez e desta vez o motor voltou à vida. Inclinei minha testa contra o volante por alguns momentos, permitindo-me uns segundos de auto piedade antes de dirigir para fora do rico condomínio em direção ao consultório do meu terapeuta.

O estacionamento estava lotado quando cheguei lá, mas consegui pegar a última vaga no fundo. Acho que não era a única que precisava de terapia hoje. O aroma de massa frita flutuava através da brisa da tarde, chamando-me para mais perto e oferecendo milhares de calorias como conforto.

Não precisava mais me preocupar com calorias. Já que ninguém ia me ver de calcinha, eu poderia comer tantos donuts quanto quisesse e não sentir um pingo de culpa.

Uma mulher segurando um copo gigante de café gelado segurou a porta enquanto eu entrava e ficava no final da fila.

Meu terapeuta = Dunkin Donuts.

Que foi? Donuts fazem todos se sentirem melhor.

Dentro da loja de donuts estava um companheiro: Baskin Robbins. Donuts e sorvete? Eu não deveria.

Oh, espera. Sim. Sim, eu podia.

Peguei um bolo de sorvete branco que dizia: Parabéns! —Na parte superior com glacê rosa. Tirei-o do freezer e caminhei até o caixa. No balcão, encomendei uma dúzia de donuts e uma daquelas embalagens de café gigantes. E porque o meu medidor de ansiedade e stress estava fora dos gráficos, encomendei um grande cappuccino de açúcar mascavo.

O café tinha o efeito oposto em mim do que parecia ter sobre os outros. Não me deixava nervosa ou tensa. O café realmente me acalmava.

Assim que todo o açúcar, carboidratos e cafeína estavam empilhados em meus braços, entrei no meu carro e verifiquei o meu celular. Ainda era bastante cedo e eu não tinha certeza se Claire já estaria em casa, então disquei o número dela.

—Oi, garota. —Ela atendeu após dois toques.

—Você ainda está no trabalho?

—Infelizmente. —Ela disse, soando entediada. Trabalhar como gerente em uma grande loja de varejo não deve ser muito divertido.

—Você não deveria estar também?

—Saí cedo.

—Sortuda.

—Então... Vou precisar de um lugar para ficar. —Minha maldita voz de repente vacilou.

Houve uma pausa significativa no outro lado da linha. —Você sabe onde eu guardo a chave reserva.

Eu concordei e então disse a mim mesma que estava sendo idiota porque ela não podia me ver.

—Quer que eu pegue alguns donuts? —Perguntou ela.

—Eu já tenho alguns. Eu tenho um bolo de sorvete também.

—Está tão ruim assim? —Perguntou. Ela me conhecia tão bem.

—Muito. —Eu confirmei.

—Eu sinto uma dor de cabeça terrível chegando. —Ela começou. —Malditas dores de cabeça. Eu vou ter que sair mais cedo hoje. —Sua voz estava fortemente atada com arrependimento.

Eu sorri.

—Eu te vejo mais tarde. —Disse ela e eu já podia ouvi-la remexendo os papéis em sua mesa —Obrigada, Claire.

—Não coma tudo antes de eu chegar aí.

Depois que desliguei o telefone, olhei para o painel. —Eu não estou no clima para suas gracinhas hoje. —Eu disse ao carro. Deve ter entendido o que significava isso porque ligou na primeira tentativa.

Saí do estacionamento e tomei um bom e longo gole do café e suspirei.

CAPÍTULO 2

Talie

Era possível ter uma ressaca após comer porcarias?

Seria possível que meu terapeuta não fosse tão útil quanto deveria ser?

Sim e sim.

A luz solar surgiu entre as bordas das cortinas brancas na sala de visitas, criando listras brilhantes através do assoalho e da mobília. Eu abri um olho e olhei ao redor. Levou um momento para perceber onde eu estava.

Acordar em algum lugar ao invés da minha própria cama, da minha própria casa, era um pouco chocante. Mas não foi como se eu estivesse em um bar, me embebedasse e fosse para casa com um cara cujo nome eu nem conhecia. O sofá vermelho, poltrona roxa padronizada, e uma variedade de almofadas coloridas por todo o lugar eram muito familiares.

Sentada, inclinei-me contra o tecido vermelho, enquanto passava uma mão pelo meu cabelo fino e emaranhado. Garfos e colheres de plástico estavam espalhados pela mesa de café. A caixa branca de bolo estava vazia e suja com as migalhas da camada esmagada que ficava no centro do bolo.

Comemos a coisa toda.

E assim, tudo o que aconteceu no dia anterior veio correndo sobre mim.

Parece que me sentir como uma gorda gigante cujas taxas de açúcar no sangue provavelmente me colocariam em coma não era tão ruim quanto reviver o momento em que peguei meu marido sendo montado por uma biscate em meio aos meus lençóis de algodão.

Passei a noite toda afogando minhas mágoas em sorvete, donuts e pela aparência das latas vazias na mesa, refrigerante. O interior da minha

boca estava cheio com algum tipo de substância espessa, pegajosa e... fiz uma careta. Provavelmente era açúcar...

Ignorei a dor atrás dos meus olhos e a sensação de que tinha um caminhão cheio de areia nas pálpebras. Dobrei-me lentamente para levantar o meu saco de dormir do chão e em seguida, entrei no banheiro deixando o chuveiro tão quente quanto possível.

Depois de tirar as roupas que usei ontem e que dormi, joguei-as na lata de lixo mais próxima. Elas estavam sujas. Sujas de maneira que nenhuma máquina de lavar limparia. Elas seriam para sempre as roupas que usava quando descobri a verdade sobre o meu marido. Se as usasse de novo, me lembraria do som exato deles gemendo no quarto. Eu me lembraria da dor que eu senti quando entrei no quarto e os vi...

Nunca mais usaria essas roupas.

O jato escaldante da água me fez fazer careta quando o calor tocou a minha pele. Não me incomodei em ajustar a temperatura. Minha pele também estava suja. Eu não sabia quanto tempo Blake estava dormindo por aí, mas considerando o fato de que não tínhamos transado por seis meses, eu sabia que tinha que ser, pelo menos, esse tempo. Talvez tenha sido muito mais.

Talvez ele nunca tenha sido fiel.

Eu tremo. O pensamento de ele transar comigo e com outra pessoa me deixa doente. Pego o sabonete branco e começo a me esfregar. Eu não parei até sentir minha pele machucada e dolorida. Assim que terminei, virei minha atenção para o meu cabelo. Mesmo molhado, era uma bagunça emaranhada. Era longo, provavelmente longo demais para sua textura fina. Mas Joanna dizia que o cabelo comprido era mais feminino. Joanna dizia que os homens gostavam de mulheres com cabelos longos e brilhantes.

Blake sempre disse que gostava quando eu usava meu cabelo na altura dos meus ombros.

Blake era um grande mentiroso.

Depois que tirei todos os nós com shampoo e condicionador extra, eu fui para o jato, apenas observando o círculo de água em torno do ralo antes de desaparecer.



E agora?

O que uma mulher de vinte e quatro anos faz quando descobre que o marido não era quem ela pensava?

Joanna queria que eu ficasse com ele. Ela deixou isso perfeitamente claro ontem. Claire pensou que eu deveria fazê-lo infeliz antes de dar o fora nele.

Isso seria gastar muita energia em alguém que realmente não merecia mais do meu tempo. Sempre pensei que ser casada era o objetivo final da vida. Ter alguém que sempre te amaria, que sempre estaria lá. Para construir uma família e uma casa em torno desse amor.

Parecia que eu havia passado a maior parte da minha adolescência sonhando sobre como a vida seria perfeita assim que eu conhecesse um homem que significaria algo para mim.

Como fui ingênua.

Não mais. Não, agora a minha ingenuidade estava indo pelo ralo. A água ficou fria e desliguei a válvula e rapidamente me sequei antes de enrolar o tecido macio em torno de mim. Puxei meu creme de pentear e meu pente de dentes largos. Depois que apliquei todo o produto e penteei minhas mechas, me senti totalmente exausta e pesada. Eu não queria ter que secá-lo então torci em minha cabeça em um coque elegante.

Meus olhos estavam levemente inchados de chorar ontem à noite, então peguei o corretivo para os olhos e apliquei-o nas bolsas que tão graciosamente foram acrescentadas ao meu rosto. Após aplicar algum hidratante no resto da minha pele, dei um suspiro profundo. O pensamento de ir para o trabalho hoje literalmente me fez querer furar o olho com um lápis.

Mas eu tinha que ir.

Eu não me esconderia na casa de Claire como se tivesse vergonha. Como se eu tivesse feito algo errado. A culpa não era minha. Sim, talvez eu não fosse a mais fácil de se conviver. E sim, talvez eu não fosse a garota mais sexy ou mais bonita da região.

Mas eu não merecia ser traída.

Depois de vestir uma calça de linho preta e uma blusa listrada preta e branca, deixei o banheiro em uma nuvem de vapor e o cheiro de café recém-coado flutuava no corredor em direção a mim.

Claire estava na cozinha, vestida com uma camiseta enorme e leggings pretas. Seu cabelo vermelho curtinho estava bagunçado do sono, mas desde que o usava dessa maneira diariamente, ele parecia perfeito.

—Você sai da cama praticamente pronta para o trabalho. —Eu resmunguei, servindo-me de uma caneca cheia de café. Não me incomodei em adicionar meu creme de costume. Talvez se eu o bebesse preto, a cafeína forte queimaria um pouco do açúcar que ainda flutuava no meu sistema.

—Bem, vejo que acordou de bom humor. —Ela brincou e me olhou. —Como você está?

Um pouco do café que bebi deslizou abaixo de meu queixo e eu usei as costas da minha mão livre para limpá-lo. —Aguentando.

—Devia tirar o dia de folga. Inferno, o resto da semana. Dá um tempo. Não é todos os dias que uma mulher encontra o seu homem... —Ela começou, mas parou de falar.

—Eu vou trabalhar e ele não é mais o meu homem.

—Você realmente vai fazer isso? —Perguntou ela, servindo-se de um pouco de café.

Eu disse a ela sobre ir ver Jack. E que pediria o divórcio. Ela me avisou para não tomar uma decisão precipitada que eu poderia me arrepender mais tarde. Me disse que eu deveria dar um tempo e realmente pensar sobre o que queria.

O problema era que traição era traição. Hoje, amanhã... daqui cinco anos, isso não mudaria.

—Eu vou ver Jack mais tarde para colocar as coisas em movimento.

Ela acenou com a cabeça. —Eu imaginei. Você sabe que vou apoiá-la, não é?

A frase simples fez algo no meu peito apertar. —Eu sei que você vai. —Eu disse, minha voz amolecendo. Era bom saber que não importa o que, Claire sempre estaria do meu lado.

O toque abafado do meu celular flutuou pela cozinha, interrompendo o nosso café. Eu carreguei a caneca meio vazia para sala de estar onde minha bolsa estava caída no chão e puxei o meu celular. A tela mostrou uma ligação de casa.

Uma dor perfurou meu peito. Essa não era mais a minha casa.

Eu apertei o botão ignorar e me afastei. Claire levantou a sobrancelha numa pergunta silenciosa quando voltei para a cozinha. —É ele? —Perguntou ela.

—Sim. —Eu respondi, bebendo mais café.

—Ele não vai deixá-la ir tão fácil. —Disse ela, exprimindo os pensamentos exatos que estavam ocupando a minha mente.

—Ele não tem escolha. —Bebi o resto do café e coloquei a caneca na pia. Então fui terminar de me aprontar para o trabalho.

Seria um dia muito longo.

CAPÍTULO 3

Talie

Alguma vez mencionei que amava o meu trabalho?

Não?

Isso é porque ele era uma merda.

Meu trabalho era fazer todo o faturamento em um consultório médico local. Passava a maior parte do meu dia sentada atrás de uma mesa no meu escritório apertado, lidando com companhias de seguros, códigos de faturamento e as pessoas que achavam que era injusto o seu seguro não pagar mais por suas contas.

Muitas vezes concordava com essas pessoas, mas não podia dizer. Meu trabalho era atender suas chamadas raivosas e em seguida, tentar elaborar um sistema ou plano de pagamento para que eles pudessem pagar o que deviam.

Também não ajudava que o principal médico era um babaca egoísta. Todas as meninas que trabalharam no consultório (não havia homens) eram todas muito bonitas, com corpos tonificados, cabelos perfeitos e bundas grandes.

E então havia eu.

Eu tinha seios cheios, mas meu cabelo nunca foi perfeito e meu corpo precisava passar cerca de seis meses na academia antes que ele parecesse tonificado. Eu era uma daquelas mulheres que pareciam fofas. Eu tinha a forma de uma ampulheta, com seios grandes e o que as pessoas carinhosamente chamavam de uma bunda bem redonda.

Como dizer a alguém que sua bunda é grande parecendo um elogio, eu não tinha ideia.

Embora eu não esteja realmente acima do peso, eu poderia perder uns dez quilos e eliminar algumas das gordurinhas extras do meu corpo. Comer um bolo de sorvete inteiro e uma caixa de donuts não era a maneira certa de fazer isso. Eu sabia, mas acho que não me importava. Eu

nunca tinha sido a mais bonita ou a que atraía os olhares dos homens sempre que estava na rua. As pessoas sempre me disseram que eu era bonita. Sempre fui aquela que todos seriam apenas amigos enquanto cobiçavam minhas amigas.

No colegial, eu só queria que um cara me dissesse que eu era bonita, porque ser bonita aos olhos de um homem me faria ser bonita para todos os outros, ok.

Nunca encontrei esse cara.

Mas então Blake apareceu na faculdade. Ele era charmoso, carismático e autoconfiante. Fiquei surpresa quando ele começou a me olhar como se eu fosse mais do que apenas uma amiga. Ele poderia ter qualquer garota que quisesse... então por que estava olhando para mim?

Perguntei isso uma vez, depois que tivemos alguns encontros. Ele disse que gostava de mulher que não pensava apenas em si mesma, que não pensava como se parecia o tempo todo, alguém que gostasse de rir e comer pipoca com manteiga vendo filmes. Ele também disse que gostava do meu sorriso, que era a risada de um anjo.

Anjo = lindo.

A memória deixou um gosto amargo na minha boca. O que ele realmente quis dizer era que queria uma mulher que pensava mais nele do que em si mesma. Uma mulher que estaria muito ocupada pensando na sorte que tinha em estar com um empresário bem sucedido e que tinha uma família bem respeitada para perceber que ele só se importava consigo mesmo. Ele achou que eu ficaria muito grata ao notar que ele mentiu quando disse que não queria uma mulher presa em si mesma, o que ele realmente queria dizer era que ele queria alguém que olhasse para o outro lado enquanto ele dormia com o tipo de mulher que eu não era.

Ele devia ter prestado mais atenção.

Eu posso não ser bonita.

Mas eu não era capacho de ninguém.

Ele ligou para o meu telefone de novo cerca de uma hora depois que eu comecei a trabalhar, então eu só o desliguei e joguei na gaveta da minha mesa. Não estava a fim de lidar com ele hoje.

Estava enterrada em números e documentos quando o Dr. Asik passou pelo meu escritório. Ouvi o riso agudo de uma das garotas na recepção.

Eu revirei meus olhos. Nunca flertei com ele. Nunca sorri timidamente ou ri quando ele elogiou a minha roupa (não que ele já tivesse feito isso). Muitas vezes me perguntei com quantas meninas ele estava dormindo aqui e embora sempre me desse arrepio, nunca me deixou totalmente doente... Até agora.

Eu estava começando a achar que ele era algum tipo de psicopata.

Molly, a recepcionista bateu na minha porta e entrou. —Ela está na recepção. Ela quer vê-la.

Sua voz era simpática e parcialmente cansada.

Eu gemi. Eu sabia exatamente quem era ela. Sra. Luster era a epítome de uma pedra no meu sapato. Ela vinha aqui desde que comecei a trabalhar atrás desta mesa há vários anos. Eu às vezes temia que ela ou seus filhos tivessem que fazer uma visita ao consultório. Sempre resultava em cerca de um quilo de documentos para mim. Ela insistia que a companhia de seguros pagasse cada centavo de cada uma de suas despesas. Se eles não aprovassem toda a visita ou tratamento, ela me mandaria recodificar e enviar a fatura novamente. Se isso não funcionasse, ela me faria cobrar o seguro secundário. Sim, ela tinha um seguro secundário. Era uma coisa boa para se ter. Mas, francamente, essa mulher abusa do sistema e ela me usa para isso.

E se eu sequer pensasse em dizer que ela devia uma parte de sua despesa, seria como se a terceira guerra mundial estivesse prestes a acontecer.

Havia dias em que considerei ligar para dizer que estava doente quando pensei que teria que lidar com ela.

—Este dia pode ficar melhor? —Murmurei.

—Eu poderia dizer para ela marcar uma consulta... —Molly ofereceu.

—Ela não tem uma?

Ela balançou a cabeça. —Não, ela disse que isso diz respeito a uma despesa de uma consulta anterior.

Eu gemi. Eu conhecia a fatura. Já a tinha reenviado umas três vezes, até conseguir reduzir a cinquenta dólares. Eu pensei... não, eu esperava que ela pagasse e ficasse quieta.

Acho que minha ingenuidade se estendia para outras áreas da minha vida, além de quando se tratava de homens.

—Apenas mande-a entrar. Melhor acabar logo com isso.

Molly parecia aliviada. Eu não a culpava. Ela foi corajosa em oferecer-se para fazer a Sra. Luster agendar uma consulta porque a mulher provavelmente causaria uma cena. —Obrigada. —Ela responde e em seguida, vai buscar o dragão, quero dizer a mulher.

Pesquisei a despesa, que eu realmente sabia de cor e depois esperei ela entrar. Não demorou muito.

Ela entrou na sala, em todo o seu um metro e cinquenta e dois de altura. Para uma mulher tão pequena, ela com certeza ocupava muito espaço e atenção. Em suas mãos, segurava a fatura. Nas profundezas de seus olhos castanhos agitava a determinação de um lutador de MMA.

O peso que senti nos meus ombros mais cedo pareceu se intensificar. Eu limpei minha garganta e sentei-me um pouco mais aprumada, lutando contra o peso que estava sentindo.

—Recebi outra fatura hoje. Esta ameaçou me enviar para a agência de cobrança, se não for pago até o próximo mês.

—Sra. Luster, eu apresentei essa despesa específica três vezes. A questão é que seu filho quebrou o braço. Foi um infeliz acidente. Este hospital ficou muito feliz em ajudá-lo a curar-se e cuidar de seu tratamento. Como está seu filho, a propósito?

—Chandler está bem. —Ela resmungou.

—Isso é uma notícia maravilhosa. —Eu disse alegremente, enquanto o meu eu interior vomitava. —Espero que você compreenda que às vezes o seguro apenas não cobrirá contas inteiramente, não importa quantas vezes eu reenvie.

—Altere o código.

Esta mulher deveria ter sido advogada.

—Já alterei. Muitas vezes. Não há códigos que se apliquem a esta despesa.

—Você está dizendo que se recusa a fazer o seu trabalho? —Ela gritou.

A dor de cabeça intensificou. —Sra. Luster... —Eu comecei, não tendo certeza do que diria para acalmar essa maluca, mas sabia que eu tinha que fazer alguma coisa.

—Eu acho que eu não deveria estar surpreendida. —Ela murmurou. —Você não é nada além de uma biscate incompetente.

Eu ofeguei. —Desculpe-me?

Ela olhou para o meu peito, o que foi extremamente ofensivo. —Bem, é claro que não é por suas habilidades que você é mantida empregada aqui.

Como um fio esticado por muito tempo, eu quebrei. Levantei-me da minha cadeira para a minha altura máxima, que acontecia de ser dois centímetros a mais do que ela. —Isso foi extremamente desrespeitoso. Não há razão para ser rude. Eu sou muito boa no que faço.

—Se você fosse, você iria corrigir isso! —Ela exigiu, empurrando a conta entre nós.

—Apenas pague! —Eu explodi.

Dr. Asik abriu minha porta e entrou. Ele estava vestido com calça preta, uma camisa e o jaleco branco. —Senhoras? —Ele começou, olhando entre nós. —Há algum problema?

—Esta mulher é uma desculpa esfarrapada para uma representante de finanças. —Sra. Luster respondeu imediatamente.

Senti o meu rosto se ruborizar pelo seu ataque. Eu realmente não tinha paciência para isso hoje. —Dr. Asik, esta paciente está tendo um problema em pagar a conta. Ela ficou chateada e insultante.

Pensei que a mulher ia explodir. Seus olhos se estreitaram e seu peito inchou com a enorme respiração que ela puxou. —Deixe-me te dizer uma coisa. —Ela cuspiu. —Eu venho a este consultório com a minha família há vários anos. Tornou-se uma grande tarefa lidar com sua gerente de finanças. —Ela olhou diretamente para o médico. —Estou pensando que talvez devesse levar minha família para outro lugar.

—Por favor, Deus. —Rezei. Sim, eu disse isso em voz alta. Não foi o meu momento mais profissional, mas certamente foi mais agradável do que eu queria realmente dizer.

Dr. Asik deu um olhar para mim e em seguida, virou seus olhos azuis e sorriso encantador para a Sra. Luster. —Eu certamente espero que você não leve sua família para outro lugar, minha senhora. —Disse ele suavemente e com uma voz calma. Para um cara com um ego tão gigante, ele tinha bons modos. Mesmo que eu soubesse que era falso. —Você é uma parte valiosa desse hospital. Como está seu filho, a propósito?

Oh, Jesus. O que era isso, um bajulador desconhecido?

—Ele está indo bem, obrigada. Ele é um garoto popular, tem o gesso cheio de assinaturas.

Dr. Asik riu calorosamente. —Eu aposto que tem. —Ele olhou para baixo para a fatura sendo esmagada em sua mão. —Por que você não me deixa cuidar disso? —Disse ele, pegando a conta.

O meu estômago deu um nó. Sério? Ele ia recompensá-la por mau comportamento? Que idiota.

—Eu apreciaria isso. —Ela ronronou e me deu um olhar vitorioso.

Pensei em jogar meu porta canetas. Na. Cara. Dela.

Depois que ela entregou a conta ao médico, ele olhou para mim. —Devíamos conversar.

Minha boca secou e meu batimento cardíaco acelerou. Realmente? Esta maluca vem aqui e dá um ataque porque eu estava fazendo o meu trabalho e eu tenho problemas?

Este dia poderia ficar pior?

Eu limpei minha garganta. —É claro.

Antes de sair, a Sra. Luster olhou para mim e eu pensei que poderia ter visto um flash de arrependimento em seus olhos antes que sumisse e ela saísse da sala com sua postura arrogante.

Ouvi o clique suave da porta quando o médico fechou atrás dele. Eu afundei em minha cadeira, cansada.

—Isso foi péssimo. —Disse ele.

Meus olhos se incendiaram. —Aquela mulher é um monstro completo. Cada vez que ela vem aqui, todas nós estremecemos.

—Eu entendo. —Disse ele, meditando sobre minhas palavras.

Eu permaneci em silêncio. As palavras que queriam sair pela minha boca não eram muito agradáveis.

—Você trabalha aqui há um longo tempo. —Disse ele, colocando a fatura no bolso do jaleco. —Mas você não tem profissionalismo.

—Profissionalismo? —Eu repeti.

—Isso mesmo. Todas as outras garotas podem se encolher quando pacientes difícil entram, mas ao contrário de você, elas lidam com essas pessoas com graciosidade.

—Aquela mulher... —Eu comecei, sentindo a necessidade de me defender.

Ele levantou a mão para me parar. —Eu tenho te mantido aqui porque você é muito boa em codificação e com os números. Mas trabalhar com pessoas, fazer parte de uma equipe, não é o seu forte.

—Eu não sabia que estava em uma equipe. Eu sou a única representante de finanças que você tem aqui.

Ele suspirou e aproximou-se da beira da minha mesa. Eu juro que ele estava se elevando sobre mim. Um desejo intenso de revirar os olhos queimou dentro de mim. Eu ignorei. Eu realmente não queria que ele pensasse que eu estava desafiando-o.



—Esse é o problema, Talie. As pessoas neste escritório são uma equipe. Nós saímos para beber ocasionalmente. Ficamos até tarde para nos conhecermos e as outras mulheres aqui estão sempre prontas e dispostas a me deixar saber que gostam do seu trabalho.

E eu não tinha mais suspeitas de que as meninas daqui estavam dormindo com ele. Agora eu sabia que elas estavam.

—Talvez se você fosse mais profissional. —Disse ele, enfatizando a palavra profissional. —Eu poderia ser capaz de negligenciar sua aversão a trabalhar com os outros e ser hostil para com os pacientes.

—Hostil! —Eu vociferei. —Isso foi bem dramático. Minha cadeira deslizou para trás contra a parede.

Ele me olhou. Seus olhos persistentes me fizeram sentir suja. —Está tudo bem? —Perguntou ele. —Você está parecendo um pouco desgastada.

—Eu estou bem. —Respondi bruscamente.

—Talvez você gostasse de ir tomar uma bebida mais tarde e me dizer o que fez você ser menos cortês para com esta paciente hoje?

O silêncio caiu entre nós. Era como uma forte nevasca caindo sobre a sala, abafando todos os sons. Eu era uma garota esperta. Eu podia ler nas entrelinhas. E o que ele estava realmente dizendo era: dorme comigo como todas as outras aqui e eu vou esquecer o que aconteceu hoje.

Por que não consegui que meu marido dormisse comigo, mas esse monte de merda estava mais do que disposto?

Ele olhou para mim de forma encorajadora, acenando, como se isso fosse me hipnotizar para repetir a resposta.

Eu sorri docemente. —Obrigada pela sua preocupação, Dr. Asik. Receio estar ocupada esta noite. E todas as noites depois dessa.

Seus olhos se tornaram sombrios. Seus lábios se comprimiram. —Você tem certeza?

Mais uma vez, fui mal julgada por um homem que pensava que eu iria literalmente me render aos seus encantos. —Cem por cento de certeza.

Ele suspirou como se houvesse uma dor nele. —Receio ter de despedi-la.

Choque me percorreu. —O quê?

—Como eu disse, você não é profissional e demonstrou hoje que colocar a paciente em primeiro lugar foi difícil para você. Aqui neste hospital nós nos esforçamos para fazer o paciente sentir-se o mais confortável possível. Reúna suas coisas. Você está demitida.

Ele saiu do escritório sem outro olhar.

Afundei na cadeira de secretária que já não era minha.

Acho que isso respondeu à pergunta.

Este dia certamente poderia ficar pior.

CAPÍTULO 4

Talie

Nos reunimos em um restaurante ao ar livre, um dos mais bonitos em Raleigh. Sobre o pátio de concreto liso estava um enorme gazebo branco cheio de flores na cor lilás. As mesas eram todas brancas impecáveis e as cadeiras brancas eram adornadas com almofadas de cor verde maçã e vermelho. Não estava quente, em parte porque era apenas onze horas da manhã, mas também porque havia alguns discretos e silenciosos ventiladores colocados ao redor do restaurante para garantir uma brisa refrescante.

Os garçons estavam todos vestidos de branco com gravatas na cor verde brilhante e as mulheres na cor vermelha. Todos caminhavam com graça e muitos traziam grandes jarras de vidro com limonada e água gelada.

Meus passos vacilaram quando vi Jack sentado na mesa com Joanna. Eu raramente o via, exceto feriados e ocasiões especiais. Na verdade, nunca pensei tê-lo visto tão cedo num dia de expediente.

Quando fui para a mesa, não pude deixar de notar como eles eram um casal bonito. Joanna com seu cabelo grosso, lindo que estava sempre elegante, mesmo sentando-se ao ar livre, na umidade do Sul. Ela estava usando um casaco amarelo limão com um colar feito de flores em ouro branco. Sua cintura era fina e estreita, embora tenha dado à luz as gêmeas. Jack estava sentado à sua esquerda, vestido um terno cinza, camisa branca e gravata de seda azul escura. Seu rosto estava barbeado, e seu cabelo era castanho claro. Com toda a honestidade, eu sempre pensei que ele parecia um pouco com uma versão jovem do falecido John F. Kennedy.

Nenhum deles falou nada. Na verdade, olharam para direções opostas e me ocorreu que embora parecessem bonitos juntos, eles não pareciam estar conectados. Claro, eu sabia bem. A vida da Joanna era

perfeita, inclusive o casamento dela. Sabia que ela e Jack eram próximos. Ela só pensava que mostrar afeto demais em público era inapropriado.

Eles olharam para cima quando me aproximei da mesa. Joanna sorriu e Jack se levantou como o cavalheiro sulista que era. Depois que eu estava sentada em frente a ele, sentou-se ao lado de minha irmã novamente.

—Obrigada por me encontrar para almoçar. —Eu disse.

—Claro. —Joanna disse, olhando-me. Senti o escrutínio do seu olhar, mas por uma vez eu não me preocuparia com isso. Estava muito cansada para me importar. —Você parece cansada.

Ser enganada, demitida do meu trabalho e dormir no sofá da minha melhor amiga (porque eu era praticamente uma sem teto) faz uma menina sentir-se desgastada. Depois de ser despedida do trabalho ontem, voltei para a casa de Claire e chorei por um bom tempo. Então limpei seu apartamento (pensei que talvez limpeza pudesse ser meu novo terapeuta, já que tive que despedir a Dunkin Donuts) antes de afogar minhas mágoas em umas margaritas.

Minha vida estava literalmente desmoronando e eu não fazia ideia de por onde começar a reconstruí-la. Era muito cedo. Andei por aí sentindo como se carregasse uma tonelada nos ombros. Era difícil respirar, me mover e a constante preocupação ameaçou me levar lentamente à insanidade.

Não era assim que minha vida deveria ser.

Decidi não comentar sobre o fato de que eu parecia cansada. Em vez disso mudei de assunto. —Estou surpresa em vê-lo aqui. —Disse a Jack.

Ele sorriu e bebeu sua água gelada. —Você é da família. —Ele disse simplesmente.

A simples afirmação aliviou um pouco a pressão no meu peito. Eu posso estar perdendo tudo, mas ainda tenho a minha família. Eu levei um momento antes de responder, receosa de que minha voz vacilante me trairia.

—Joanna pediu que você elaborasse os papéis do divórcio?

Ela fez um pequeno sinal de protesto, mas a ignorei. A garçonete se aproximou da nossa mesa e Joanna acenou para ela, solicitando mais alguns momentos.

—Eu tenho que dizer, fiquei surpreso com o pedido. —Disse Jack.

—Bem, fiquei surpresa quando encontrei Blake fazendo sexo com outra mulher. —Gritei.

—Talie! —Joanna repreendeu. Ela olhou em volta para garantir que ninguém ouviu. Como se eu estivesse admitindo ter alguma doença contagiosa.

—O que você quer que eu diga Jo-Jo? —Perguntei cansada. —Posso colocar um laço sobre isso e fazê-lo parecer mais bonito, mas ainda é o mesmo.

—Isso é o que eu estava com medo. —Disse ela, olhando para Jack. Seus olhos se encontraram e eles fizeram aquela coisa silenciosa de comunicação marido-esposa.

Blake e eu nunca fizemos isso.

—Estou sentada aqui. —Lembrei-lhes.

Joanna sentou-se ereta e Jack inclinou-se para frente. —Você tem certeza de que pensou bem nisso? —Perguntou ele. —Você está com raiva. Você não está sendo você mesma. Talvez você devesse tirar um tempo para pensar.

E era por isso que Jack estava aqui. Joanna queria apoio. Ela pensou que ele poderia me convencer a desistir do divórcio.

Eu o olhei diretamente nos olhos. —Você já traiu minha irmã?

Joanna ofegou e sentou-se para trás na cadeira. Jack pareceu imperturbável com a pergunta. Advogados sempre conseguiam esconder suas emoções.

—Claro que não.

—E se você fizesse, você esperaria que Joanna ficasse com você?

Ele limpou a garganta, finalmente mostrando um pouco de desconforto.

—Isso é absurdo, Natalie. —Ela sibilou, usando meu nome completo.

—Você iria? —Perguntei-lhe. —Ficar com ele?

—Nós temos filhos. —Ela disse, como se isso explicasse tudo.

Eu tomei isso como um sim.

Perdi um pouco do respeito pela minha irmã naquele momento. Talvez não fosse justo julgá-la, mas não era isso o que ela estava fazendo comigo neste exato momento?

—Posso ver os papéis? —Eu virei para Jack.

Ele alcançou abaixo da mesa e puxou uma pasta preta no colo. A pilha de papéis estava perfeitamente arrumada, todos grampeados com um único grampo. Uma pilha de papéis e uma caneta era tudo o que eu precisava para terminar meu casamento. Para mudar minha vida. Parecia que depois que prometi amar alguém para sempre nos bons e maus momentos, não deveria ser tão fácil desfazer todas essas promessas.

—Leia-os. Se você tiver alguma dúvida, basta me ligar. —Jack disse gentilmente.

—Você tem uma caneta? —Perguntei.

—Talie. —Disse Joanna. —Você não vai assinar esses papéis. Por favor, pense nisso. Assiná-los seria um erro.

—Você realmente pensa assim? —Perguntei, sentando enquanto a garçonete voltava a encher todos os nossos copos com água gelada. Jack pediu um aperitivo para a mesa e ela nos deixou sozinhos mais uma vez.

—Talie. —Disse Joanna de forma empática. Como é que minha irmã mais velha sempre pôde colocar o tipo de emoção em sua voz que só uma irmã poderia? É como se meu coração respondesse automaticamente a esse tom. Como se fosse um cachorrinho treinado para o comando dele.

—Blake é um bom homem. Seu pai construiu uma empresa de construção bem sucedida e se tornou o primeiro empreendedor de Raleigh. Blake está preparado para assumir essa empresa. Ele é muito inteligente e experiente em negócios. Ele vai longe e onde você irá se ficar com ele.

Do que será que ela estava falando? Porque tudo que eu queria quando pensava em ficar com Blake era o inferno.

—Eu pensei que você queria uma casa e uma família? —Perguntou ela.

—Eu quero. —Era o que eu queria mais do que qualquer coisa. Acho que sou antiquada assim. Não era a forma como uma mulher moderna devia pensar. Eu certamente era a favor da igualdade das mulheres, mas havia algo maravilhoso (para mim) sobre ter filhos e vê-los crescer, ter uma casa que amava e onde poderia regar minhas rosas e assar cookies na cozinha. Era realmente tão errado querer apenas um marido para me amar, pensar que sou linda e estar cercada por meus filhos e netos?

Eu pensei que teria tudo isso com Blake.

—Você ainda pode ter isso.

—Ele me traiu. —Eu disse, minha voz vazia e cheia de emoção.

—Isso foi um erro. Certamente, agora ele viu o erro que cometeu. Ele sabe como é chegar em casa sem ter você nela. Você já falou com ele?

Eu balancei minha cabeça.

Ela suspirou. —Pelo menos fale com ele. Veja o que ele tem a dizer. Talvez ele queira fazer as pazes.

Parecia tão razoável. Como era possível. Ela me fez sentir que talvez eu tenha exagerado. Olhei para Jack.

Ele assentiu.

—Eu vou falar com ele. —Eu disse. Joanna sorriu. —Mas depois disso, vou lhe dar os papéis da separação. —Não me dei ao trabalho de olhar a reação dela. Em vez disso, olhei para Jack. —Quanto tempo até o divórcio ser finalizado?

—Na Carolina do Norte, você precisa estar separado por um ano antes de o divórcio acontecer.

Meus pulmões murcharam. —Um ano inteiro?

Ele assentiu.

Eu acho que um divórcio não era tão simples como papel e caneta, afinal. Eu não sabia se poderia lidar com isso por um ano inteiro. Parecia muito tempo. Eu precisava fazer com que esses documentos de separação fossem assinados o mais rápido possível para que um ano começasse.

A garçonete voltou com um prato grande de algum tipo de molho e uma cesta com pão e colocou-a na mesa entre nós. Meu estômago balançou. Peguei os papéis e coloquei-os debaixo do meu braço. —Acabei de lembrar que não posso ficar.

Levantei, murmurando uma desculpa. —Vocês dois tenham um almoço maravilhoso. —Joanna parecia que estava pronta para tentar mudar minha vontade. Eu já tive bastante disso. —Obrigada Jack. —Eu disse e depois corri, virando na esquina do prédio e parando para dar um longo suspiro de alívio.

Peguei meu celular e apertei alguns botões.

Ele respondeu no primeiro toque. Sua voz era como uma lança afiada diretamente no meu coração. Respirei fundo, ignorando a dor.

—Nós precisamos conversar.

CAPÍTULO 5

Talie

Nós nos encontramos na cena do crime, vulgo a casa que compartilhamos até dois dias atrás. Eu bati na porta quando cheguei, uma ação totalmente estranha. Quem bate na sua própria porta?

Mas já não era minha porta.

Eu precisava lembrar disso. Este apartamento deixou de ser minha casa quando saí carregando algumas malas grandes comigo.

Eu faria o que Joanna disse. Eu conversaria com Blake, veria onde estava a cabeça dele. Após essa conversa, talvez entendesse o que aconteceu. Talvez, apenas talvez, entendesse que ele realmente estava arrependido. Por um momento fugaz, imaginei um Blake chateado, implorando-me para perdoá-lo para que pudéssemos começar de novo.

Eu não teria que sair da minha vida. Não teria que abandonar o sonho de uma família e de uma casa. Não teria um ano inteiro de separação para suportar. Só de pensar em tudo voltando ao normal novamente aliviou um pouco da tensão que se acumulava na minha nuca.

E então ele abriu a porta.

Blake era um homem muito bonito e exalava charme. Isso praticamente escorria de seus poros. Eu costumava brincar e dizer que ele não precisava de água de colônia porque seus feromônios naturais faziam as mulheres caírem a seus pés.

Na verdade, eu realmente não achava mais essa piada era engraçada.

Ele tinha um cabelo grosso e escuro que usava um pouco longo e jogado para trás no seu rosto. Sua pele era morena, seus olhos escuros. Ele parecia o italiano que era. Seus lábios eram cheios e exuberantes, tinha covinhas nas bochechas quando sorria e os dentes eram brancos e retos.

Algumas das minhas colegas de trabalho (bem, ex-colegas de trabalho agora) o chamavam de Gaston porque ele parecia exatamente com o cara de A Bela e a Fera que achava que a Bela deveria se casar com ele. Nunca antes tinha visto a semelhança. Mas vi hoje.

E tendo visto a Bela e a Fera várias vezes, percebi olhando para ele que Gaston não era realmente um elogio. Claro que ele era observador, mas também era um completo babaca.

—Talie. —Ele disse calorosamente. O som do meu nome em seus lábios já ameaçou me enviar para uma poça de lágrimas. Ele abriu a porta totalmente. —Você sabe que não tem que bater.

—Eu acho que sim. —Eu disse, passando por ele e entrando no apartamento.

Os sofás de couro, a mesa de centro de madeira e várias almofadas neutras jogadas nos móveis eram exatamente os mesmos. Os quadros nas paredes, o relógio enorme que meus pais nos deram no natal, a maneira como a mesa da sala de jantar se inclinava um pouco porque uma das pernas era misteriosamente um pouco curta demais... Era tudo o mesmo.

Então, por que parecia tão diferente?

Fiquei no meio da sala, apertando o envelope com os papéis, olhando tudo e tentando não me sentir rasgada e devastada. As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse pensar.

—Como você pôde?

Eu me virei, meus olhos borrados focalizando o homem com quem honestamente pensei que ficaria para sempre. Ele engoliu em seco, o pomo de Adão em sua garganta balançou e eu olhei para a abertura em V da gola de sua camisa branca contra sua pele.

—Lamento que você tenha visto isso.

Mas ele não estava arrependido por fazer isso? Uma voz exigiu no fundo da minha mente.

—Você se arrependeria se não tivesse sido pego? —Perguntei, andando mais pelo apartamento. —Você ainda estaria dormindo com ela

enquanto eu me perguntava por que nossa vida sexual tornou-se inexistente?

Ele ficou pálido. —Você sabe que tenho tido muito estresse no trabalho. —Ele começou. —Papai realmente pressionou para me promover.

Levantei a mão. —Sim, eu sei que seu horário de trabalho é muito exigente. No entanto, você ainda encontrou tempo para se encaixar em algum tempo de qualidade com sua secretária. Por quê? Por que não eu?

—Já acabou. —Disse ele.

—Você a despediu? —Eu perguntei, o choque me atravessou. Talvez ele realmente lamentasse.

—Você sabe que não posso fazer isso. —Disse ele. —Ela processaria a empresa por assédio sexual. Você sabe o que algo assim poderia fazer com a reputação da empresa?

Muito conveniente. Ele foi forçado a mantê-la. Forçado a continuar trabalhando com ela. —Deve ser horrível se preocupar com o que as pessoas vão dizer quando souberem que você é um adúltero.

Um músculo pulsou no lado de sua mandíbula. —Natalie. —Ele advertiu.

—Eu pedi a Jack para elaborar os documentos do divórcio. —Tirei a pilha de documentos do envelope e depois tirei uma caneta da minha bolsa. —Está marcado onde precisamos assinar.

—Você não pode estar falando sério. —Ele realmente pareceu surpreso.

Levantei uma sobrancelha. —O que você achou que aconteceria?

—Isso é um exagero! —Ele disse, jogando as mãos no ar. —Eu não disse nada quando você arrumou suas malas e saiu. Eu não disse nada quando você se mudou para o apartamento de Claire. Eu nem pressionei quando você se recusou a atender qualquer um dos meus telefonemas.

—O que diabos você quer? Uma medalha? —Minha raiva começou a ferver. Ele agia como se eu não estivesse sendo razoável. Será que eu realmente o conheço?

—Mas estou estabelecendo limites sobre papéis de separação, Talie. —Ele disse, como se fosse o senhor de todos.

—Você pode estabelecer os limites que quiser. —Eu disse. —Depois de assinar esses documentos. Até vou emprestar a minha caneta.

Ele fez um grunhido irritado no fundo da garganta. —Não vou assinar esses documentos.

—Você realmente quer fazer isso mais difícil do que precisa ser?

—Você quer? —Ele cruzou os braços sobre o peito.

—Eu? —Eu engasguei. —Você foi o único aqui que traiu. Você é o único sem respeito pelos meus sentimentos. Você é responsável por isso, não eu.

—Então eu tive uma aventurazinha. Uma tentativa. Isso não significava nada para mim.

—Não é nada para mim! —Eu gritei.

—Os vizinhos... —Ele me lembrou.

Eu revirei os olhos. —Isso é tudo o que você quer, não é? Aparência. Você se importa mais com a aparência de um divórcio do que realmente me perder.

—Isso não é verdade.

—Não é?

Ele suspirou como se eu estivesse sendo uma criança petulante.

—Então, por que você não se desculpou pelo que fez. Por que você não me disse que me ama, apenas a mim? Por que você não me pediu perdão?

—Eu tentei te ligar.

—Você sabia onde eu estava. Você veio? Você tentou me procurar? —Pressionei, emoção e raiva crescendo dentro de mim até que senti que estava prestes a explodir. —Você não fez porque não se importa o suficiente.

—Eu estava te dando tempo para esfriar a cabeça. Para ver o motivo.

—E que motivo é esse?

—Não vamos nos separar.

—Você está certo. Eu quero um divórcio.

As palavras caíram entre nós como uma bigorna de ferro. Não pude deixar de notar o choque profundo em seus olhos. Minha reação realmente foi tão surpreendente?

—Você não pode se divorciar de mim. —Ele disse com altivez. Ele bem poderia ter dito, você não sabe quem eu sou?

Não me incomodei em responder. Em vez disso, fui até a mesa da sala onde coloquei os papéis e comecei a assinar em todos os lugares marcados com uma flecha amarela. Quando terminei, olhei para cima.

—Talie. —Disse ele, avançando. Ele tirou a caneta da minha mão e colocou-a na mesa. Me pegou pelos ombros e virou-me para encará-lo. —Me desculpe por ter te magoado.

—Você magoou. —Eu admiti, minha voz baixa.

—Eu sei querida. —Ele disse, atraindo-me para o seu peito e envolvendo seus braços ao meu redor. —Nós podemos superar isso. Podemos deixar isso para trás e seguir em frente. Você não quer ter um bebê?

Ele sabia que eu queria um bebê. Queria um com paixão.

—Tudo mudou. —Eu disse, minha voz abafada contra ele.

Ele fez um som de desacordo e acariciou a minha nuca. De repente, me senti como um cachorro sendo acariciado na cabeça. —Nada mudou se você não quiser que mude. Rasgue esses papéis. Venha para casa. Eu assumirei a empresa e podemos começar uma família. Você será mãe, como sempre sonhou.

Blake pegou meu rosto e puxou-me de volta para olhar nos meus olhos. Não pude impedir que as lágrimas nublassem minha visão. Ele estava me oferecendo tudo o que planejamos. Tudo o que eu queria.

—E sobre ela? —Eu disse amargamente.



—Não pense nela. —Ele disse gentilmente. —Você é minha esposa. Eu escolhi me casar com você. Aquela que escolhi para dar o meu nome.

Ele fez parecer que ganhei na loteria ou algo assim. E o amor?

—Assim que o bebê chegar, você ficará tão ocupada, que nem terá tempo de pensar nela. Eu serei discreto e...

Eu fiquei boquiaberta, em choque. Ele também poderia ter ficado da maneira como suas palavras doíam. —Você será discreto? —Eu disse, arrancando-me de seus braços.

Ele suspirou cansado.

—Você quer dizer que não tem intenção de dormir comigo?

Eu sempre pensei em Blake como um homem esperto... mas nunca tinha ouvido tanta besteira saindo da boca de alguém. Nunca.

—Eu sou um homem bem sucedido e poderoso. —Ele respondeu. —E eu tenho necessidades que você não pode satisfazer.

Oh. Meu. Deus.

Ele realmente disse isso? Em voz alta? Na minha cara?

Fiquei sem palavras. Completamente e totalmente sem palavras.

Ele deve ter tomado o meu silêncio como concordância, porque o idiota só piorou ainda mais a situação.

—Mas querida, você é minha esposa. A mãe dos meus filhos por nascer. Será você ao meu lado em todas as minhas conquistas, seu nome estampado em todas as páginas de negócios junto com o meu. Você não vai querer mais nada.

—Exceto um marido que me ame. Que me respeite. Que queira apenas a mim.

—Isto não é um conto de fadas, Talie. Isto é o mundo real.

Não percebi que o amor e o respeito eram apenas para os filmes. Que tolice da minha parte.

Peguei a caneta. —Assine os papéis.

Seus olhos se arregalaram.

—Se você acha que sou o tipo de garota que sentará em casa e cuidará dos seus filhos enquanto você enfia seu pau em qualquer buraco que queira, só para que eu possa ter o prestígio do seu nome, então você não faz ideia da pessoa com quem se casou.

Um tom rosado cobriu suas bochechas. —Isso foi grosseiro.

—Sim? Bem, não é nada comparado ao que estou pensando.

—Somos casados. Para melhor ou pior. Não nos divorciaremos.

—Oh, nós vamos. —Eu disse, me inclinando em toda a minha altura. —E se você não assinar esses documentos agora mesmo, o nome que você tão graciosamente me deu no dia do nosso casamento estará preenchendo as colunas de fofocas por aqui. O que seu pai vai dizer sobre isso?

Ele empalideceu.

—Você não ousaria.

—Experimente tentar, porra.

Ele me estudou por longos momentos e não recuei. Eu quis dizer isso. Fiquei tão chocada e horrorizada com as coisas que ele acabou de dizer que mal podia respirar. Mas não o deixaria ver isso. Ele só tentaria usar para sua vantagem. Eu seria uma maldita coluna de força até sair daqui.

Ele deve ter percebido porque assinou os papéis.

—Isso não acabou. —Ele disse, me entregando a caneta.

—Ah, acabou sim.

Ele franziu os lábios. —Alterei todas as senhas das contas bancárias. Não pense em tentar me limpar novamente.

—Oh... —Fingi estar chocada. —Pensei que era o nosso dinheiro e não apenas o seu.

—Você sabe muito bem quem traz para casa o pão de cada dia. —Ele criticou. —Seu trabalho é basicamente algo para preencher seu tempo.

Não me incomodei em mencionar que não estava mais empregada.

Isso seria embaraçoso.

Graças a Deus, eu o "limpei". Pelo menos agora tinha dinheiro suficiente para me manter por alguns meses antes de estar totalmente falida. Até lá, espero conseguir outro emprego.

Peguei os papéis, os documentos que tornariam a nossa separação oficial. —Eu irei protocolar isso imediatamente.

—Desfrute da sua pequena birra agora, Talie. —Blake falou atrás de mim. —Porque quando você voltar para mim, não tolerarei esse tipo de comportamento.

Eu ri.

—Ria agora. —Ele respondeu. —Você não vai rir quando perceber que sou o único homem que sempre irá te querer.

Suas palavras calaram fundo dentro de mim. Algo no meu coração murchou um pouco. Essas palavras me machucaram, provavelmente mais do que deveriam. Eu sabia que a razão pela qual elas feriam tanto era porque ele estava expressando um medo que eu nunca quis admitir.

A verdade era que ninguém estava interessado em mim antes de Blake e percebi secretamente que ninguém mais estaria depois dele.

Mesmo assim, continuei andando.

Prefiro ser solteira do que casada e completamente sozinha.

CAPÍTULO 6

Talie

Fui direto para o escritório de Jack e entreguei os papéis para a assistente dele. Eu a fiz prometer que os protocolaria naquele dia. Depois de fazê-la jurar que o faria, saí antes que alguém pudesse dizer ao Jack que eu estava lá. Não queria outra "Intervenção familiar" sobre o meu casamento.

Cumpri a minha parte do acordo. Falei com Blake. Foi ofensivo e francamente perturbador. Como eu pude estar tão errada sobre ele? Claro, ele sempre teve um ego e sim, ele sabia que era bem-sucedido. Mas eu realmente não tinha ideia de que ele tinha um... bom e antiquado menino sulista escondido em seu exterior.

Quando você acha que conhece um cara...

Talvez eu tivesse visto os sinais do seu verdadeiro eu. Talvez eu só não quisesse admitir o tipo de cara que ele realmente era, porque se eu fizesse, eu também teria que admitir que me deixei ser enganada. Que eu era tão culpada por seu comportamento quanto ele, porque dei a impressão de que ficaria bem com isso.

Foi um erro. Um erro que eu estava corrigindo.

Já que era muito cedo para começar a beber (Ei, uma menina tem que ter seus padrões) dirigi minha lata velha em direção à loja que Claire gerencia. Não podia fazer compras agora, já que estava desempregada, mas podia olhar... E talvez comprar uma coisinha para mim. Depois dos últimos dias, acho que devo ganhar algo novo e brilhante.

Sua "loja" estava na esquina de uma rua popular em Raleigh. Quase todos que conheço compram lá. Eles tinham as melhores roupas dos melhores designers e seus acessórios estavam sempre voando das prateleiras.

Era uma loja popular, com muitas filiais em todo o Estados Unidos, por isso os preços não eram completamente absurdos como o de algumas das boutiques especializadas nesta área.

O interior era iluminado e bem climatizado. Mesmo que fosse de manhã cedo, os clientes passeavam por toda parte, a maioria deles com as compras já penduradas em seus braços. Eu passeei pela loja por um tempo, com meus pensamentos vagando. Mesmo se eu estivesse fazendo compras, mal prestaria atenção às coisas que estava olhando porque meus pensamentos ainda estavam focados nas coisas que Blake me disse.

Ele pensou que eu permitiria que ele dormisse por aí. Ele esperava que eu fosse grata por ter me escolhido para ser sua esposa. Isso me deixava doente. E não vou mentir, suas palavras foram um grande golpe para a minha autoestima. Eu nunca pensei que fosse a mais bonita ou a mais esperta, mas nunca pensei que fosse indigna do amor de qualquer um.

Mas isso é exatamente o que ele insinuou. Ele insinuou que eu não era suficiente para fazê-lo feliz. Ele insinuou que eu não era suficiente.

—Talie? —Uma voz familiar chamou. Virei, afastando os pensamentos.

—Oi, Claire. —Eu disse, arranjando um sorriso para a minha melhor amiga. Ela parecia bem em uma blusa de renda azul cobalto, uma calça jeans skinny branca e seu cabelo vermelho em uma bagunça despenteada. Ela era suficiente para manter um homem feliz.

—O que aconteceu? —Perguntou ela, seus olhos estreitando em meu rosto.

—Assinei os papéis do divórcio.

Ela agarrou-me pelo pulso e guiou-me pela loja em direção à parte de trás, onde passamos por uma porta com uma placa em que se lia: — Apenas empregados. Depois de andar para a direita para um pequeno escritório, ela fechou a porta e sentou em sua cadeira com um suspiro. — Odeio lidar com estoques.

—Lidar com estoques é uma merda. —Eu concordei só porque era isso que melhores amigas faziam. Elas concordam uma com a outra. Eu nunca tinha lidado com um estoque antes, então eu não saberia, mas

acreditava na palavra dela. Esse pensamento me deu uma ideia. —Este lugar está contratando?

Ela me deu um olhar cauteloso. —Na verdade, nós estamos. Para vendedores.

—Você não acha que eu seria uma boa funcionária?

—Claro que você seria. Eu só não posso imaginar submetê-la aos estoques.

Eu ri. —Bem, receber um salário pode ser bom.

—Você é treinada em faturamento e codificação para médicos e hospitais.

—Números. —Eu respondi. —Não é isso que os estoques são? Contabilidade?

—Touché.

—Posso me inscrever?

—Você pode ter o trabalho se quiser. —Disse ela, dispensando o meu pedido como se fosse um negócio fechado.

—Você não quer minhas referências? —Levantei uma sobrancelha.

—Não. —Ela sorriu. —Eu sei onde você mora.

Eu ri.

—Você não veio aqui para um trabalho. E você não veio aqui para comprar essa bolsa horrível que está carregando.

Olhei para a bolsa. Eu nem tinha percebido que ainda a estava segurando. Era feia. Eu a coloquei em sua mesa com um olhar de desdém.

—Recebemos um carregamento de bolsas do Michael Kors esta manhã. É de matar. Você deve passar pelo estoque antes que coloquemos em exposição.

—Onde elas estão? —Perguntei me recuperando. Talvez uma nova bolsa me faça sentir melhor. Certamente me faria parecer melhor.

Eu tinha uma leve obsessão com bolsas.

Blake dizia que eu tinha muitas.

Era exatamente por isso que eu precisava de mais uma.

—Então você o viu. —Disse ela, direcionando a conversa para a razão pela qual eu estava aqui.

—Sim.

—Como foi?

—Ele se desculpou pelo fato de que eu o peguei na cama com sua secretária. E então me disse que queria ter um bebê.

—Ele jogou o papo de família. —Disse ela. Claire sabia o quanto eu queria uma família e filhos. Até este ponto, Blake não queria começar uma família. Ele estava muito focado em sua carreira. —Talvez ele realmente sinta muito.

—Então ele passou a dizer que seria discreto em seus futuros casos e eu não notaria porque estaria muito ocupada sendo mãe.

—Diga que está brincando?!

—Não estou brincando.

—É, isso explica aquela bolsa horrorosa que você carregava. —Ela suspirou.

Fiz uma careta e olhei para a bolsa. Era da cor de vômito. E cheirava estranho.

—Eu tenho a frase COMPLETA IDIOTA carimbada em minha testa?

—Claro que não. Ele é um completo idiota.

—Eu o fiz assinar os papéis. Eu ameacei o seu bom nome de família. —Olhei para a Claire. —Ele disse que não tinha acabado.

—E as pessoas se perguntam por que eu ainda estou solteira. —Ela ponderou. Depois de seu comentário, ela olhou para mim culpada. —Sinto muito.

—Não sinta. Quem me dera nunca ter casado.

Nós ficamos em silêncio.

—Eu sou uma sem teto, prestes a se divorciar e desempregada.

—Acabei de te dar um emprego. —Claire apontou.

Eu dei-lhe um olhar de soslaio.

—Oh, desculpe. Eu interrompi seu desfile de piedade?

—Sim.

Ela sorriu. O telefone da mesa dela tocou. Ela revirou os olhos e atendeu. —Claire Fuller. —Respondeu. —Mãe! —Disse ela alguns segundos depois. —Eu te disse para não me ligar no trabalho a menos que fosse uma emergência! O estado dos joanetes da tia Ruth não é uma emergência. E, francamente, eu não quero ouvir sobre isso. —Ela fez uma careta e eu sorri. Os familiares de Claire eram um bando de malucos, mas eu os amava mesmo assim. —Não posso falar agora. Talie está aqui.

Ela fez uma pausa e ouvi o baixo tagarelar de sua mãe no final da linha.

—Ela está se divorciando. Blake a traiu. Ela vai ficar na minha casa.

Eu fiz um som quando ela falou sobre as minhas coisas como se fosse notícia velha. Nossa, diga a todos, por que não?

A mãe dela estava tagarelando. Claire fez um som de concordância. Então olhou para mim e fez o sinal de falar com a mão quando sua mãe continuava tagarelando.

—Isso é sério? —Claire disse, interrompendo. —Para um joanete? —Seu tom era duvidoso. —Quanto tempo?

Meus olhos vaguearam em direção à bolsa feia. Talvez se eu amarrasse um belo cachecol ao redor da alça e prendesse um broche brilhante ao lado não ficaria tão horrível. Só parecia errado deixar de lado aquela pobre bolsa horrorosa.

Claire estalou os dedos para mim como se pudesse ler meus pensamentos. Quando olhei para cima, ela sacudiu o dedo para mim como se eu fosse um cachorro que fez xixi no chão.

—Mãe! —Ela interrompeu. —Quem está cuidando da casa de Ruth?

—Eu só vou fazer compras. —Eu sussurrei, levantando-me para escapar de seu escritório.

Claire me deu um olhar de morte.

Olhar de morte=promessa de grande tortura mais tarde se eu me levantar da minha cadeira.

—O que aconteceu com o Salty? —Perguntou ela.

Eu caminhei até a porta, desafiando o seu olhar de morte. O que ela ia fazer que já não tivesse sido feito para mim nos últimos dois dias?

—Talie vai fazer isso! —Disse.

Eu parei e me virei, imaginando o que diabos ela estava dizendo. —Fazer o quê? —Perguntei.

—Mãe. —Ela disse. —Mãe! —Ela gritou. —Eu consigo. Eu vou estar lá depois do trabalho. —Ela desligou o telefone e fez um som de alívio. —Aquela mulher podia falar com um papel de parede de cinquenta anos e ele iria descolar-se apenas para fugir!

—Para o que diabos você acabou de me arrastar?

—A tia Ruth fez uma cirurgia no joanete. Aparentemente, joanetes são muito dolorosos. —Ela deu de ombros. —De qualquer forma, meu pai foi até Mezena para pegá-la. Ela vai ficar com eles enquanto se cura. Eu acho que ela não pode forçar seu pé por um tempo e já que vive sozinha, mamãe a queria aqui.

—Bem, espero que ela esteja bem.

—É um joanete. —Disse ela secamente.

Eu disfarcei uma risada.

—De qualquer forma, a casa da tia Ruth vai estar vazia. Então eu te voluntariei para ser babá.

—Você o quê?

—É uma boa hora. Seu calendário está aberto e você precisa de umas férias.

—Preciso colocar minha vida nos eixos.

—Então, quais são os seus planos? Você honestamente quer trabalhar aqui, como uma vendedora e dormir no meu sofá para sempre?

Claro que não. É só que... isso era tudo tão repentino que eu não tinha ideia do que fazer. Eu não tinha um plano B.

—Exatamente. —Claire supôs pelo olhar na minha cara. —A tia Ruth vive na praia. Tipo, literalmente, a areia é seu quintal. Vá ficar lá, sentir o cheiro do mar, dar longas caminhadas na praia... sair da cidade. Você precisa disso.

Certamente não foi a pior ideia que já ouvi. Pelo menos se eu não estivesse aqui, não teria que ouvir Joanna me dizer que o que eu estava fazendo era um grande erro.

—Acho que eu poderia ir por alguns dias.

—Pelo menos uma semana, Talie. —Disse Claire.

—Tudo bem.

Ela sorriu. —Há uma prateleira inteira de novos trajes de banho lá fora. Você pode escolher um com a bolsa nova.

—Sim, porque esta semana não tem sido ruim o suficiente. Agora eu tenho que submeter-me a comprar maiô.

O telefone dela tocou de novo. Ela gemeu.

—Vou dar uma olhada por aí.

Ela acenou com a cabeça. Assim que atendeu ao telefone, lembrei-me de uma coisa. —Claire? —Eu perguntei.

Ela segurou o telefone longe dela enquanto olhava para mim.

—Quem é Salty?

—O gato da minha tia.

Enquanto eu andava pela loja, afastando-me dos trajes de banho (coisas más), eu tive que rir. Eu ri tão alto que uma mulher ao meu lado me deu um olhar estranho.

Minha vida foi reduzida a viver com um gato. Eu estava virando a velha dos gatos.

Claro, neste momento, eu preferiria um gato a um homem. Homens não são confiáveis, especialmente com assuntos do coração. Inferno, talvez quando eu chegasse em casa das férias, eu teria o meu próprio gato.



Eu ri novamente, desta vez um pouco mais para mim. Eu tinha que rir. Se eu não risse, eu poderia começar a chorar e nunca mais parar.



CAPÍTULO 7

Talie

A ilha de Mezena estava localizada na costa da Carolina do Norte e ficava a pouco mais de duas horas de carro de Raleigh. A ilha em si tinha cerca de quarenta e dois quilômetros de comprimento e era completamente rodeada por água. Havia apenas duas maneiras de entrar e sair da ilha e ambas eram pela ponte.

Esta não é a minha primeira vez em Mezena. Eu ia lá muitas vezes quando criança com meus pais e irmã, mas parecia que foi há séculos. Esta seria a primeira vez que iria ali sozinha.

Ir sozinha não era deprimente para mim. Na verdade, era refrescante. Quanto mais quilômetros me distanciavam de Raleigh, mais à vontade me sentia. Eu precisava disso. Precisava de tempo para pensar e processar tudo. Eu não disse a ninguém onde iria, a única pessoa que sabia era a Claire e eu a fiz prometer que não contaria a ninguém.

Quando me virei para a via de mão dupla que me levaria para a ilha, eu baixei a janela e deixei o redemoinho de ar espesso e úmido entrar no carro. A brisa salgada envolveu minha pele e lábios. Eu sabia que se eu colocasse minha língua para fora, o gosto salgado já estaria em meus lábios.

Meu cabelo voava com a brisa e por uma vez eu não me preocupei com o quão emaranhado ficava. Não importava. Ninguém aqui me conhecia. Ninguém aqui se importava com a minha aparência. Era livre para não ter que me preocupar com quem me veria no supermercado ou me preocupar com o que alguém poderia pensar.

A estrada estava vazia nesta hora tardia. Já era depois das nove e o céu estava escuro. Sempre parecia mais escuro na praia. Sem as luzes de ruas movimentadas e os letreiros dos centros comerciais, o céu assumiu uma qualidade de veludo que eu não conseguia ver muitas vezes.

Sorrindo, avistei a forma da ponte. Eu não podia esperar para enterrar meus dedos na areia. Olhei para frente na forma como a ponte erguia-se do chão, apoiada em concreto grosso sobre as ondas na hidrovia intercostal. Parte de mim estava triste que não era dia porque a vista do topo da ponte seria espetacular.

Mas sempre haveria o amanhã.

Assim quando comecei a subir a ladeira que levava a ponte, o meu carro fez um som muito alto e metálico, em seguida, gemeu como se fosse desmoronar a qualquer momento.

Mesmo que meu pé estivesse pressionado contra o acelerador, o carro diminuiu consideravelmente, marchando como uma tartaruga. —Vamos lá! —Gritei com o painel quando bati no volante.

De repente, o carro parecia extremamente difícil de dirigir. O que normalmente era uma tarefa fácil e sem esforço agora parecia algo que exigia grandes músculos.

Eu mencionei que estava em falta no departamento de músculo?

Pisei no freio e relutantemente estacionei o Jetta ao lado da estrada. Não ia tentar passar a ponte assim. Com a minha sorte, eu cairia pela borda e seria comida por um tubarão quando atingisse a água.

Os sons barulhentos do estúpido carro abafaram os sons das ondas que me deram um pouco de paz no meu caminho até aqui.

Após longos minutos sentada com minha cabeça inclinada no volante e perguntando a Deus por que eu era tão azarada, desliguei o motor. O carro roncou e morreu. Eu sabia que não ia voltar.

—E as pragas continuam vindo. —Eu disse em voz alta.

Abri a porta do carro, para que a luz entrasse por alguns momentos e inclinei-me para olhar a trava do capô. Depois que abri o capô, fiquei lá tentando olhar para o interior do carro no escuro.

Então me lembrei do meu celular. O aplicativo de lanterna era útil em momentos como este. Mesmo com o motor do carro visível, eu não tinha ideia do que estava errado com ele.

—Vou comprar um carro novo. —Suspirei. Liguei para o número de reboque que tinha no meu telefone (eu poderia não saber como consertar carros, mas sabia como chamar as pessoas que sabiam) e perguntei quanto tempo levaria para enviar um reboque.

Um par de faróis apareceu vindo na minha direção. Corri pelo lado do carro e pulei no banco do motorista, batendo a porta atrás de mim. Dado a forma que esta semana estava indo, não ficaria surpresa se a pessoa ao volante daquele carro fosse um assassino em série procurando sua próxima vítima.

O carro desacelerou e parou bem atrás do meu.

Viu? Como um assassino em série.

Ouvi a batida da porta e vi quando uma grande figura escura se aproximou. Eu não poderia fazer nada porque seus faróis o transformaram em nada além de uma sombra escura.

A única coisa que eu sabia com certeza é que era um homem. A menos, é claro, que fosse uma mulher. A julgar pelo tamanho da forma preta, se fosse, então ela teria que ser uma fisiculturista profissional.

Segundos depois, um rosto escurecido apareceu na minha janela.

—Problemas com o carro? —Ele retumbou. Sua voz era profunda e seu sotaque sulista era forte.

Eu gritei.

Esqueci que minha janela estava abaixada!

Enfiei a chave de volta na ignição e virei. O motor fez um som insignificante, patético e parou. As janelas eram elétricas. Não conseguia levantar se o carro não ligasse.

—Por favor, não me mate! —Eu implorei.

Uma risada flutuou pelo ar noturno e retumbou pelo meu corpo. Ele colocou uma de suas mãos na porta para que descansasse na janela, seus dedos caindo no interior da porta.

Roubei as chaves da ignição e tentei apunhalar o dorso da mão dele. Segundos antes de fazê-lo sangrar, o mesmo puxou sua mão.

—Eu não vou matá-la! —Ele gritou.

—Não grite comigo! —Eu repliquei.

—Você tentou me apunhalar!

—Você tentou me matar!

—Eu parei para ver se você precisava de ajuda. Você sabe, porque a porcaria do seu carro aqui parou de funcionar.

—Como se atreve a chamar o meu carro de porcaria? —Eu vociferei. Meu carro definitivamente era uma lata velha, mas eu não ia deixá-lo me insultar. Já tinha lidado com homens o suficiente na minha vida.

—Querida, eu falo do que estou vendo. —Ele replicou.

Raios me partam se não tive arrepios. Sua voz era como o céu de veludo que eu estava admirando apenas momentos atrás. —Bem, tudo bem, é um monte de lixo. —Eu admiti. Obviamente, o sotaque sulista dele estava me deixando estúpida.

—Eu só vou dar uma olhada. —Disse ele. Antes que eu pudesse dizer não, ele estava andando para a frente do meu carro. O brilho de seus faróis me deu um vislumbre da forma como seus quadris giravam quando ele andava.

Ele tinha pernas longas, o tipo que dominava o chão sempre que dava um passo. Ele era alto... com pelo menos um metro e oitenta de altura. Fora isso, não consegui ver mais nada dele. Ele estava usando um boné de beisebol puxado para baixo, escondendo todo o rosto da leve luz aqui.

Uma luz clicou na frente (ele deve ter o mesmo aplicativo que eu) e eu o vi chegar até o motor. O som de algo sendo puxado do carro me fez pular no meu assento e correr para frente.

—Que diabos você está fazendo? —Exigi horrorizada, quando ele puxou uma coisa longa e preta. —Isso é uma cobra? —Eu gritei. Se eu tivesse de alguma forma atropelado aquela coisa gigante e ela ficou presa no meu motor?

Ele fez uma pausa e olhou para mim. —Uma cobra? —Ele perguntou como se não conseguisse entender o que eu dizia. Então ele balançou a cabeça. —É a correia de transmissão. —Ele murmurou, voltando a puxá-la para fora.

—Bem, se deveria estar aí por que você está puxando-a para fora?

—Desta forma, quando eu for matá-la, eu sei que você não será capaz de fugir.

Corri para pegar meu telefone, que eu deixei no banco da frente. Esqueça o reboque. Eu ia chamar a polícia!

Sua risada me fez parar. —Você é sempre tão ingênua?

—Só quando as pessoas dizem que vão me matar. —Eu surtei.

—A correia de transmissão partiu. Metade está triturada. O carro não vai ligar até que seja consertada.

—Oh! —Foi tudo o que pude dizer.

—E a julgar pelo que mais posso ver, acho que há outros problemas também.

—Sim, bem, eu não estou surpresa.

—Onde você está indo? —Perguntou ele, soltando a correia em ruínas no chão.

—Ilha de Mezena.

Ele fez um som que parecia retumbar de seu peito. —Você tem uma casa aqui?

—Eu não vou responder a isso!

—Você tem alguém que pode chamar? —Perguntou ele, não parecendo ofendido por minha recusa em dizer-lhe qualquer coisa.

—Sim. —Eu já chamei o reboque e dei a eles a minha localização. Disseram que o guincho poderia vir entre quarenta e cinco minutos à uma hora.

Maravilhoso.

Assim que terminei, desliguei e joguei o telefone no banco da frente. —Obrigado por parar, mas tenho tudo sob controle.

—Apenas fazendo o meu dever de cavalheiro. —Disse ele, tirando o boné. Debaixo era uma confusão de cabelos loiros grossos.

Algo me disse que ele era tudo menos um cavalheiro.

Sem outra palavra, ele caminhou de volta para o carro. Esse andar preguiçoso, de pernas longas agarrou meu olhar mais vezes do que eu queria admitir.

Depois de me instalar no meu carro, inclinei a cabeça contra o banco, pensando em ligar para Claire para contar meu último desastre. Depois de alguns minutos, percebi que não ouvi o homem ir embora.

Olhei para trás e com certeza, o carro dele ainda estava estacionado lá. O interior do carro estava muito escuro para ver se ele estava lá.

O sentimento de insegurança fez arrepiar os pelos dos meus braços. Por que ele ainda estava aqui? O que ele estava fazendo lá no escuro?

Talvez ele realmente fosse me matar, afinal.

CAPÍTULO 8

Talie

Vinte minutos. Foi o tempo que eu fiquei sentada no meu carro, olhando para o espelho e imaginando o que diabos aquele homem estava fazendo.

Vinte minutos de tortura foi o bastante. Assim posicionei minhas chaves entre dois dedos, com a extremidade da ponta que fura para fora e disquei 911 em meu telefone, apenas no caso de eu precisar de uma chamada de emergência. Mesmo que fosse verão, o ar estava um pouco frio quando saí do carro. A brisa do mar fez parecer mais frio do que realmente estava.

Não havia razão para ir na ponta dos pés. Estávamos em um local aberto. Ele me veria chegando. Além disso, não estava tentando me esconder. Eu queria saber o que diabos ele estava fazendo. Caminhei para mais perto de seu carro, apertando a chave na minha mão. Quando me aproximei, vi o movimento de uma forma escura no banco do motorista.

Ele estava sentado no carro. Por que diabos ele estava sentado no carro?

A janela rolou com facilidade (sua janela realmente funcionava) e sua voz derivou para mim. —Precisa de alguma coisa?

—Sim, preciso saber por que você está sentado aqui atrás como um perseguidor.

—Você é tão desconfiada de todos? —Perguntou ele.

—Apenas de homens que se sentam em ruas vazias, observando as mulheres. —Eu comentei. Talvez se tivesse suspeitado dos homens do meu passado, eu não estaria aqui agora.

Ele suspirou e em seguida, de algum lugar no carro, ele puxou o que parecia ser um saco de doces. Observei enquanto ele desembrulhava um pacote revelando um pirulito vermelho, que eu sabia que estava cheio

de chiclete. Ele deslizou o doce entre os lábios e rolou de um lado da boca para o outro. Quando se estabeleceu, um lado de sua bochecha inchou, criando um caroço.

Foi a primeira vez que vi um homem adulto chupar um pirulito.

Parecia completamente errado a forma com que ele fez algo criado para uma criança parecer pecaminoso e inapropriado. Assisti quando ele girou o palito em sua mão enorme e puxou para fora através de seus lábios.

Algo no meu estômago revirou enquanto assistia e minhas mãos ficaram suadas.

—Eu não vou machucá-la. —Disse ele, a voz baixa.

Eu acreditei nele.

Claro, nós já concluímos que eu não era a melhor juíza de caráter.

—Vou ficar aqui até o guincho chegar. Você sabe... —Ele se inclinou para fora da janela com a cabeça para trás um pouco. Eu peguei um vislumbre melhor do seu rosto.

Mandíbula forte. Barba. Maçãs do rosto salientes.

—Só para ter certeza que ninguém tentará te matar.

Ele sorriu. Seus dentes brilhavam contra a escuridão. Um pouco de riso flutuou entre nós e então ele enfiou o pirulito vermelho de volta em sua boca.

Apertei minhas pernas. De repente, me senti contorcer, como se ficar parada fosse impossível.

—Vai ficar aí sentado?

—Sim.

Certo, então. Voltei para o meu carro, mas parei no meio do caminho e olhei para trás. Ele não se mexeu.

Senti-me confiante o suficiente para colocar o meu celular no banco da frente do meu carro. Mas ao invés de entrar, fui para frente onde o capô ainda estava aberto. Não havia realmente nenhuma razão para deixá-lo dessa maneira. Eu não ia consertá-lo. Eu só deixaria o

mecânico fazer isso. Espero que o reboque me deixe na casa da tia Ruth antes de levar meu carro para onde quer que ele vá.

Fechei o capô e olhei para a lata velha traidora. Se eu não precisasse dela para dirigir de volta para Raleigh, eu diria a eles para levá-la para o ferro velho.

—Carro estúpido que o Blake estúpido insistiu para eu manter por apenas mais um ano. —Eu murmurei. —Só mais um ano e comprarei o que quiser. —Que tipo de homem compra um carro novinho em folha e deixa a mulher dele dirigir um monte de ferro velho?

Me afastei para voltar ao lugar do motorista. Mas não fui muito longe. Meu pé ficou enroscado na correia em ruínas no chão. Eu tropecei, a coisa estúpida se recusando a me deixar ir. Inclinei meus braços para frente, tentando me equilibrar, mas não estava funcionando. Eu tombei, emaranhando-me na correia preta ainda mais.

Soltei um grunhido e caí no chão. Caí em cheio contra o solo. Rolei, tentando me levantar, mas não consegui. Tentei me equilibrar em minhas mãos e joelhos (tipo como uma posição de cachorrinho) e desembaraçar meus pés. A correia apertou ainda mais e acabei rolando para o lado. Infelizmente para mim, desci uma colina.

Eu provavelmente não deveria ter estacionado tão perto da ponte e onde ela começava a subir, porque de repente comecei a cair.

Acho que bati em cada pedregulho, cada rocha, e cada galho na descida da pequena colina. —Ai! —Gritei quando os galhos me cortaram.

Escorreguei passando por um arbusto grande e estendi a mão, agarrando-o em torno da base. Finalmente, parei de cair.

Eu estava lá respirando pesadamente, piscando com sujeira e areia nos meus olhos.

—Isto é o que recebo por tentar fugir de férias. —Eu murmurei quando me puxei para cima em uma posição sentada. Não muito longe, do lado estava à água. Se eu tivesse continuado, teria caído direto no mar.

A dor dos cortes interrompeu meus pensamentos quando me tornei consciente da ferida provocada pela correia em torno do meu tornozelo. Estava apertando e cortando a minha pele. Eu rolei

lateralmente, puxando o comprimento para debaixo de mim para desembaraçar da minha pele.

Percebi alguns cortes e arranhões nas minhas pernas e suspirei. Lutei com a correia por longos momentos, incapaz de tirá-la. Eu estava prestes a gritar de frustração quando a forma escura de um homem veio sobre a colina e andou em minha direção.

Eu sabia que era o cara que não ia me matar. Eu desisti da correia enrolada em torno de mim e vi quando ele desceu a curta colina com facilidade. Ele parecia tão gracioso e autoconfiante e aqui estava eu, uma inútil que não podia sequer fechar o capô de seu carro.

Estava prestes a dizer-lhe que tinha a situação controlada quando ele se agachou ao meu lado. Sua proximidade era inquietante. Não porque eu estava com medo, mas porque eu gostava. Era quase como se uma nuvem tivesse se arrastado e revelado o sol. O calor saindo do corpo dele era intoxicante. Eu nem tinha percebido como estava frio até ele se aproximar.

—Você se machucou? —Perguntou ele.

—Não, só estou enroscada.

Ele balançou a cabeça e pegou o que parecia ser um canivete suíço de seu jeans. O luar brilhou na lâmina quando ele a abriu.

Arrepiei-me, meu coração começou a bater quando ele me alcançou. Eu me afastei e ele grunhiu. —Eu só irei cortar a correia. Não se mexa. Você só vai se enroscar mais.

Seus dedos trabalharam entre a minha pele e o pedaço de correia enroscada em meu tornozelo. Eu tremi e ele parou. Senti o olhar dele debaixo da aba do boné mas não ousei olhar para cima. Não consegui. Se eu tivesse, ele veria que eu não estava tremendo porque estava com frio.

Sua pele era lisa. Lisa como o cetim. Não havia um ponto grosseiro ou áspero em sua mão. Mesmo que ele tivesse que apertar a correia, ele ainda era gentil, como se honestamente se importasse se iria me machucar.

—Fique parada. —Disse ele novamente, desta vez a sua voz um mero sussurro. Com uma mão hábil, ele deslizou a lâmina e cortou os nós.

Assim que terminou, ele trabalhou rapidamente para desenrolar o resto da minha perna.

Depois que ele jogou de lado, pôs suas mãos em minhas panturrilhas e meus olhos se fecharam. Quando foi a última vez que alguém me tocou? Realmente me tocou?

Eu não sabia a resposta.

E essa realização me deixou incrivelmente triste. Emoção bateu em mim e eu lutei contra ela. Não era hora de chorar. Esta não era a hora de decidir que eu era um caso perdido, porque eu certamente não era.

—Você está ferida? —Perguntou ele, alisando as mãos sobre a área machucada.

Eu limpei minha garganta. —Eu acho que não.

—Está ferida em qualquer outro lugar?

Era errado desejar que estivesse? —Não.

Ele tirou as mãos rapidamente e eu me senti como uma completa idiota por desejar que tivesse permanecido. —Bom. —Disse ele se levantando. Em seus pés, ele se elevava sobre mim, fazendo-me sentir fraca e vulnerável. Não gostava de me sentir assim.

Comecei a ficar em pé e ele me segurou, escorregando a palma da sua mão debaixo dos meus braços me levantou, ajudando-me a ficar de pé. Mesmo depois que eu já estava em pé, ele continuou me segurando, guiando meus passos quando eu libertava os dois pés do resto da correia cortada.

—Isso é sua culpa, você sabe. —Eu disse a ele, chutando a coisa preta.

—Minha culpa? —Ele engasgou.

—Você é o único que amontoou esta porcaria no chão onde eu poderia tropeçar e cair.

—Querida, eu te conheço há cinco minutos e até eu sei que você tropeçaria e cairia sobre o vento. Você certamente não precisa de minha ajuda para ir rolando por esta colina.

Puxei meu braço do seu toque, de repente odiando a forma como meu corpo formigava. —Que seja. —Eu retruquei (Sim, foi o melhor que eu pude reunir) e andei até o morro.

Quando cheguei lá, outro par de faróis estava se aproximando e um grande guincho parou perto do meu carro.

Graças a Deus.

Acenei meus braços só assim ele teria certeza de que ele tinha o carro certo e em seguida, corri para o lado do motorista. Um homem vestindo uma bermuda e uma camiseta saiu. Ele não parecia com o que eu esperava.

Sim, eu estava estereotipando.

Mas minha ideia de um motorista de caminhão de reboque não era um homem de vinte e poucos anos com uma roupa de surfista e óculos de sol em sua cabeça (mesmo à noite).

—Problemas com o carro? —Perguntou ele.

—Sim. Acho que é a correia de transmissão. Mas poderia ser mais do que isso. —Eu apontei para o Jetta.

—Você tem um lugar para onde eu devo rebocar?

—Eu não sou daqui. Eu vim de Raleigh.

—Quanto tempo você vai ficar aqui?

—Cerca de uma semana.

Ele acenou com a cabeça. —Bem, meu pai tem uma pequena oficina na ilha de Surf City. Ele poderia consertar para você antes de você voltar.

—Isso seria maravilhoso. —Eu disse, grata que o carro poderia ser consertado tão perto.

—Doçura. —Disse ele. —Vou te rebocar. Posso te dar uma carona?

De repente, os nervos ganharam de mim. Aqui estava eu acusando o último homem que parou para me ajudar de tentar me matar, então como eu sabia que esse cara não estava apenas fingindo ser um motorista de reboque? Talvez ele não tivesse um pai dono de uma oficina. Talvez ele

tivesse um pai na prisão do Condado, cumprindo prisão perpétua por assassinato.

—Uhhh. —Eu disse, tentando enrolar.

—Rand, é você? —O cara de boné disse, contornando o reboque.

Rand riu. —Sim, cara. Que diabos você está fazendo aqui?

—Eu vi o carro dela e parei para ver se ela precisava de ajuda.

—Maneiro.

Você sabe que está na praia quando um cara diz “maneiro”.

—Você está trabalhando com seu pai agora? —Perguntou ao garoto, que parecia mais jovem à medida em que o observava.

—Não, só estou fazendo um favor.

—Bom. Bem, vou deixá-lo com isso. Até mais tarde.

Rand virou-se para preparar o caminhão para reboque e o homem cujo nome eu não sabia saiu sem olhar para trás.

—Espere! —De repente gritei, perseguindo o homem.

Ele parou, mas não se virou. Corri e dei a volta nele, inclinando a cabeça para trás para olhar para cima. —Você vai apenas me deixar com ele? —Eu o acusei. —Um estranho?

—De repente você confia em mim? —Disse. Eu juro que havia uma pitada de diversão em suas palavras.

—Isso não é engraçado! —Eu gritei. —Ele pode ser perigoso!

—Você é uma atriz? —Perguntou ele, virando a ponta de seu boné para o lado. Desejei por um momento fugaz que pudesse tirá-lo para ver a cor de seus olhos.

—O quê? —Perguntei. —Não.

—Bem, você parece uma maldita rainha do drama.

Eu fiz um som enojado. —Eu juro. —Eu murmurei quando virei para longe. —Os homens só gostam de insultar as mulheres.

Dei apenas dois passos quando a mão dele disparou e agarrou o meu pulso. —O que você disse?

—Nada. —Tentei soltar meu braço.

Ele apertou o punho. —Ei.

A suavidade em seu tom me fez parar. Eu olhei para cima.

—Conheço Rand há muito tempo. Ele é jovem, mas é um bom garoto. O pai dele é um bom homem.

—Está bem.

Ele me puxou mais um pouco, o suficiente para me fazer dar um único passo para mais perto. Mais uma vez, senti o calor do corpo dele. Foi totalmente intoxicante.

—Eu não iria deixá-la aqui com ele se pensasse que você estaria em perigo. —Ele falou baixo.

O som de sua voz causou calafrios em mim. Você sabe, o tipo que você sente quando recebe uma massagem muito boa? Sim, desse tipo. Do tipo bom.

Eu concordei.

—Eu diria a você para ficar longe de problemas, mas realmente duvido que isso vá acontecer.

Eu fiz uma careta quando ele soltou meu pulso e se afastou. Imediatamente, cobri a área com a minha outra mão, tentando absorver o calor que ele deixou para trás, mesmo que apenas por alguns momentos. A pele ao redor da área formigava... Eu gostei.

Ele foi embora. E não olhou para trás.

Fiquei feliz.

CAPÍTULO 9

Talie

Eu estava aprendendo todo o tipo de lições de vida ultimamente:

1. Você nem sempre conhece alguém como você pensa.

2. Ser demitida de um trabalho que você odeia, ainda é uma porcaria.

3. Só porque você diz ao seu carro para não quebrar não significa que ele vá ouvir.

4. Blake é um idiota.

E mais recentemente:

5. Eu não estava destinada a tornar-me a velha dos gatos.

Salty me odiava. E não do tipo havia um estranho em casa e ele precisava se acostumar com isso, mas do tipo é melhor você dormir com um olho aberto porque vou te arranhar até a morte se você não sair do caminho.

Desde o momento em que entrei na casa de praia da tia Ruth, ele não fez nada além de chiar, uivar e olhar para mim pelas portas com um olhar mortal.

Ofereci-lhe guloseimas de gato, queijo e até uma lata de atum. Ele não ligava para nada disso. A única vez que me deixou chegar perto o suficiente para fazer um carinho em seu focinho ele me arranhou e me fez sangrar. Fui deixada com uma conclusão:

Salty=um demônio peludo.

Mesmo que o gato possa ou não ter sido a desova do próprio Satanás, a visão das janelas valia muito o perigo. A casa era pequena, com dois quartos e dois banheiros, o restante da casa sendo composto por uma cozinha com uma mesa de madeira e uma sala de estar com várias janelas. Todos os quartos da casa tinham vista para o oceano (exceto um dos banheiros).

As janelas estendiam-se pela extensão da parte detrás da casa, oferecendo vistas panorâmicas das ondas batendo na areia. Além das janelas, a casa ostentava um grande deck de madeira cheio com espreguiçadeiras para apreciar a vista. Fora da plataforma estava uma escada de madeira e um trajeto que conduzia diretamente para areia. Entre a casa e a praia havia uma duna repleta de conchas, gramas altas e pilhas de areia.

Embora pequena, a casa era agradável com uma mobília de vime e almofadas de linho macio, paredes de cor clara e um estofado redondo brilhantemente padronizado com a mesa de centro. Havia uma pequena televisão contra a parede sobre uma mesa de console de aparência rústica e fotografias de praia penduradas nas paredes. A cozinha era arejada e tinha armários pintados de brancos, bancadas de granito clara e eletrodomésticos branco.

Quando Rand, o motorista do guincho, me deixou na noite passada, entrei na casa com minhas malas e as deixei na porta da frente. Depois de estar no deck lá fora, olhando para o céu estrelado, tentei fazer amizade com Salty. Isso não saiu como o planejado, então encontrei o quarto de hóspedes e cai na cama.

Quando dei por mim o sol estava nascendo no oceano, fazendo as ondas azuis brilharem como diamantes em uma caixa de vidro. No segundo em que me sentei na cama, notei uma carranca na porta do quarto.

—O que você está olhando? —Perguntei ao gato branco.

Ele balançou sua cauda e saiu depois de me dar um rosnado irritado.

Ainda vestindo os shorts e a camiseta da noite passada, caminhei para a cozinha para dar ao gato endiabrado alguma comida. Talvez assim que ele perceba que estou aqui para cuidar dele, comece a ter boas maneiras.

Coloquei um pouco de comida na tigela dele no chão. Então lhe dei água fresca, coloquei ao lado da comida e chamei-o. —Aqui gatinho, gatinho, gatinho!

Segundos depois, ele passeou pelo chão. —Seu café da manhã está servido. —Eu disse a ele.

Ele se levantou e arranhou minha perna. —Aii! —Eu gritei. —Gatinho mau!

Ele me ignorou. Peguei meu celular e digitei o número da Claire.

—O quê? —Ela rosnou sonolenta no telefone.

—Por que você não está de pé para o trabalho?

—Estou de folga hoje.

—Este gato é um demônio. Ele me odeia.

—Salty? —Perguntou ela.

—Por favor, diga-me que só há um gato nesta casa.

Ela bocejou alto. —Só um. Salty odeia todos, exceto tia Ruth.

—E você não achou que seria bom mencionar isso?

—Ele é um gatinho. Quanto problema poderia causar?

—Estou sangrando, Claire. —Eu disse inexpressiva.

—Arranja um Band-Aid. —Ela bocejou novamente.

—O meu carro morreu na beira da estrada ontem à noite.

—Oh meu Deus! Você está bem?

—Eu não o destruí. —Eu disse. —Tive que rebocar.

—O carro da Ruth está aí, não está? Meu pai a trouxe até aqui.

—Sim, está na entrada.

—As chaves devem estar na cozinha. Você pode usar o carro quando precisar. —Respondeu Claire.

—Obrigada. Eu não planejo ir a qualquer lugar, exceto às compras.

—Ligue-me se o gato te matar.

—Se ele me matar, não vou ser capaz de usar o telefone. —Eu disse, exasperada.

Ela riu e a linha ficou muda.

O gato ainda estava comendo e eu caminhei para bem longe dele, em seguida fui em direção às janelas e olhei para a vista ensolarada. Cara, a praia era deslumbrante. Havia essa sensação instantânea de paz toda vez que eu olhava para o vasto mar azul e as ondas.

O sol tinha acabado de nascer e o espaço onde o céu encontrava a água estava um tom profundo de rosa. Não muito rosa, mas não muito pêssego também. Era uma daquelas cores que você só via quando um novo dia estava nascendo. Encheu-me com um sentimento de esperança. Uma sensação de renovação. A vida como eu conhecia poderia estar terminando, mas outra coisa estava nascendo.

Eu suspirei e com o ligeiro movimento, peguei um vislumbre do meu reflexo no vidro. Oh meu Deus, eu estava assustadora! Não admira que o gato tenha sido tão ruim comigo. Provavelmente assustei-o andando por aí com esta aparência.

Era como se um bando de pássaros raivosos tivesse transformado meu cabelo em um ninho. Quando eu disse que não me importava com o que eu parecia e quantos emaranhados eu tivesse, eu quis dizer isso, mas... isso era demais. Uma garota tinha que ter seus padrões.

Eu abandonei a vista (lamentavelmente) e fui para o banheiro. Minha pequena mochila com todas as minhas coisas de banho estava jogada no chão e eu remexi para tirar a minha escova e spray. Eu os coloquei no balcão e olhei no espelho.

Oh, estava muito ruim.

A única coisa que iria consertar a bagunça que eu tinha era um chuveiro quente e meio frasco de condicionador. Depois que encontrei uma toalha de algodão no armário e peguei as coisas necessárias, liguei o chuveiro e comecei o trabalho.

Senti-me bem ao lavar a viagem de mim. Os cortes nas minhas pernas arderam com a água e lembraram-me de ontem à noite.

Mais especificamente, do homem que parou para me ajudar.

Mesmo no escuro, eu sabia que ele era atraente. Pena que sua boa aparência (bem, o que eu pude ver dele de qualquer maneira) foram arruinados toda vez que ele abria a boca. Eu me senti mal por quem tinha que aturar ele diariamente.



Mas mesmo seu comportamento imbecil não poderia apagar completamente a memória do som de sua voz e a forma como ele rolou o pirulito em sua boca. E a sensação suave das suas mãos contra a minha perna...

Em um movimento rápido, mudei a temperatura da água para fria e estremeci quando atingiu a minha pele. Fantasiar sobre um homem que eu literalmente conheci na beira da estrada não ia acontecer. Os homens estavam fora dos limites para mim. Ponto.

Como se para pontuar mais a minha declaração, eu fechei o chuveiro e comecei a me secar. O tempo todo que penteei o meu cabelo, pensei sobre o que estava faltando. Coloquei o pente no balcão com um suspiro frustrado. Meus olhos notaram algo no balcão.

Uma tesoura.

Olhei para o cabelo loiro molhado pesando sobre meus ombros. Estava cansada de me sentir pesada. Estava cansada de usar meu cabelo como as outras pessoas queriam que eu usasse. Eu ia ser como o sol. Eu ia abraçar o novo dia.

Puxei meu cabelo em um rabo de cavalo baixo na base do meu pescoço e deslizei o elástico para baixo uns centímetros.

E depois cortei.

Quando puxei minha mão para longe, cerca de quinze centímetros de cabelo amarrado junto com o elástico vieram com ela. Joguei-o na lixeira e olhei para cima. Meu cabelo pairava sobre meus ombros agora, alguns dos fios recém-cortados acabaram virando para fora. Eu corri meus dedos através dele com um grande sorriso. Já me sentia mais leve.

Sentindo-me fortalecida, penteei a frente para baixo sobre meu rosto e cortei em uma franja longa. Na verdade, elas eram tão longas que eu não sabia se ainda era franja ou apenas uma camada longa. Eu não era uma cabeleireira. Na verdade, tinha a certeza que tinha perdido o juízo, mas não me importava.

Depois que terminei, limpei o cabelo que tinha caído na pia e em seguida, espalhei um pouco de creme nos fios. Apliquei uma camada de protetor solar antes de voltar para estudar a minha obra. Nada mau. Ficou

bom porque usei o elástico de cabelo como um guia. O verdadeiro teste seria quando estivesse seco.

Eu não ia secá-lo. Eu queria sair e apreciar as cores no céu antes que o sol se levantasse tão alto que seria apenas azul.

Na cozinha procurei por café, só para descobrir que não havia nenhum. Que tipo de ser humano não tinha café? Uma viagem para o supermercado seria obrigatória mais tarde. Havia um pouco de suco de laranja na geladeira então eu me conformei com isso e carreguei-o em direção à porta dos fundos.

No caminho, Salty olhou para mim com ódio. Acho que a minha nova aparência não me tornou mais agradável.

Assim que abri a porta de correr, o ar fresco do mar me saudou e eu respirei fundo. Saí, meus pés descalços sentindo a textura da madeira no deck. Antes que eu pudesse estar totalmente do lado de fora, Salty (vulgo Demônio) disparou entre as minhas pernas com um rosnado irritado.

Tropecei e quase caí no animal idiota, mas me segurei na hora certa. Enquanto eu me endireitava, o gato estúpido pulou do deck para a duna.

Eu mencionei que as pessoas não eram permitidas nas dunas? Não eram. Era realmente uma lei aqui e se você fosse pego, seria multado pesadamente.

—Salty! —Eu gritei. —Volte aqui!

A tia Ruth ficou feliz em me deixar ficar na casa dela enquanto se recuperava da cirurgia com os pais da Claire. Ela até se recusou a aceitar o dinheiro do aluguel. A única coisa que ela pediu foi que eu alimentasse Salty e cuidasse dele. Seu gato. Eu não tinha sequer estado aqui um dia inteiro e ele já estava fugindo para onde não deveria ir.

Ei, tia Ruth, obrigado por me emprestar sua casa de praia. Sabe aquele gato que você ama tanto? Eu o perdi.

Sim, não era uma conversa que eu queria ter.

Eu abri a porta e inclinei-me sobre o parapeito. Salty estava sentado calmamente lá embaixo, olhando para mim com uma expressão arrogante. Quase como se estivesse zombando de mim.

—Não pense que eu não vou descer aí! —Eu gritei.

Ele só ficou lá.

—Sem atum para você! —Eu ameacei.

Nada.

—Tudo bem! —Gritei e comecei a escalar o parapeito. Eu senti uma lasca de madeira entrar em minha mão e mordi meu lábio, pensando em todas as maneiras que eu faria este demônio sofrer por isso. Assim que eu estava do lado de fora do deck, olhei para baixo.

Nossa.

Foi um salto muito maior do que percebi.

—Gato idiota! —Eu surtei.

Salty miou e fugiu.

—Espere! —Gritei e fechei os olhos antes de saltar. Caí de pé e imediatamente na minha bunda. A areia aqui estava fria porque a maioria era sombreada. Salty estava por perto e eu estendi a mão para agarrá-lo.

Ele evitou e saiu correndo, desta vez em direção à praia. Ele estava louco? Os gatos não gostavam de praia. Gostavam?

Levantei-me e fui atrás dele, gritando o nome dele por todo o caminho. Bem ao lado da casa da Ruth havia outra casa. A distância entre as casas não era tão grande, e entre elas onde a duna dava lugar à praia estava um poste de madeira muito alto com uma luz no topo.

Foi este poste de luz que Salty decidiu escalar.

Corri sobre a duna e parei em frente ao poste de luz. A boa notícia era que Salty teve bastante sentido em não escalar tão alto. A má notícia é que ainda era alto o suficiente para que eu não pudesse alcançá-lo.

—Você é mau! —Eu murmurei para ele.

Ele miou de volta.

—Desça aqui, agora mesmo! —Exigi, olhando ao redor para algum tipo de vara ou algo com que pudesse cutucá-lo.

Ele não me deu ouvidos e não havia vara por ali. Eu teria que subir e pegá-lo. O grande poste marrom era literalmente em forma de um cilindro de madeira, profundamente enterrado no solo. Não havia escada do lado, nada para eu usar como apoio.

Testei a largura do poste envolvendo meus braços em torno dele. Minhas mãos não se encontravam, por isso era bastante grande. Eu dei alguns passos para trás e dei um salto em sua direção. O plano era saltar sobre o poste e usar meus braços e pernas, enrolar-me em torno dele e em seguida subir.

Sim, isso não aconteceu. Eu ricocheteei como uma bola de basquete jogada por um péssimo atirador. Caí com força, de costas na areia.

Olhei para o céu azul, sem nuvens. Como diabos essas coisas acontecem comigo?

Tomando uma abordagem diferente, enrolei meus braços e pernas ao redor do poste e em seguida, tentei escalá-lo dessa maneira.

Posso apenas dizer que aprendi duas coisas:

1. Eu odiava gatos.

2. Eu não tinha ideia de como strippers “Trabalhavam” em um poste, porque não era fácil.

Soltei o poste e fiquei olhando para o gato. Ele deu um miado triste e eu revirei meus olhos. —Claro agora você quer a minha piedade.

Só havia uma coisa a fazer. Chamar os bombeiros. Talvez eles enviassem algum cara bonitão, musculoso com uma escada e eu poderia observar enquanto ele “Salvava” o dia.

—Ha! —Eu disse ao gato. —Quem vai rir por último agora?

Me virei, em direção a minha casa para pegar o celular. Ouvi o som de uma porta bater, mas eu não me incomodei em virar e olhar.

—O que diabos está acontecendo aqui! —Berrou uma voz vagamente familiar.

Eu parei na areia.

Não pode ser...

—Quem diabos é você? —Ele bradou.

Eu girei no meu calcanhar.

Cabelo loiro caído nos olhos, mandíbula raspada, bochechas esculpidas, corpo musculoso...

Era o cara de ontem à noite.

Só podia rezar para que ele não me reconhecesse.

—Meu gato está preso. —Eu apontei para Salty. —Eu só ia chamar os bombeiros.

—Você não consegue ficar longe de problemas, consegue? —Ele cruzou os braços sobre o peito muito largo. Seu peito nu e liso.

Puta músculos bronzeados.

Lá se vai não se lembrar de mim. —Não é minha culpa que ele correu até o poste como um animal de circo.

—Ele sem dúvida, estava tentando fugir de você. —Ele murmurou, olhando para Salty. Então olhou para mim. —Esse é o seu gato? —Perguntou ele, sua voz cheia de dúvida.

—É o gato da minha tia Ruth. —Eu esclareci. Ele não precisava saber que ela não era minha tia. —Estou cuidando dele para ela.

—Você está morando na casa ao lado? —Ele disse como se fosse a coisa mais chata do mundo.

—Estou apenas visitando.

—Sim? —Ele andou em minha direção. O vento soprou ao nosso redor, espalhando o cabelo loiro em torno de sua cabeça e eu não podia deixar de notar a forma como os músculos em seu peito muito bem definido tencionavam enquanto ele se movia.

Em vez de olhar para o seu corpo duro como pedra, olhei para o seu rosto, observando as características que eu não fui capaz de ver na noite passada.



Seus olhos eram azuis. Como um oceano azul profundo. Sua pele era bronzeada, o tipo de bronzeado que só tem quem vive na praia e a julgar pela leveza de suas sobrancelhas, ele era um loiro natural. Ele parecia ter nascido e sido criado na areia. Sua pele era lisa e seus bíceps bem esculpidos e sólidos.

Ele se aproximou, elevando-se sobre mim como se fosse um gigante e eu fosse o seu jantar. Aqueles belos olhos azuis estavam apertados e nesta distância eu podia ver que eles estavam levemente vermelhos.

Talvez ele fosse alcoólatra. Mas os alcoólatras não eram amigáveis?

—Deixe-me informá-la sobre como as coisas funcionam por aqui. —Ele disse parando, então estávamos praticamente cara a cara.

O hálito dele não cheirava a álcool. Cheirava a café. O grande babaca tomou café e eu não.

—Este é um trecho tranquilo de areia. Todas as pessoas nesta área vivem aqui, durante todo o ano. Nós nos importamos com nossos próprios problemas. Ficamos fora do caminho um do outro. Nós definitivamente não deixamos nossos gatos soltos e em seguida, saímos pela areia ao raiar do dia, berrando como uma pessoa louca.

—O que você é, a polícia da praia? —Repliquei. Eu levantei uma mão. —Não, espere, eu sei. Você está vigiando a vizinhança. —Não pude evitar. Eu ri.

A julgar pela expressão sombria no rosto, ele não se divertia.

Eu suspirei, ele estava totalmente arruinando o meu “Novo dia”de apreciar a vida esta manhã. —Eu não tenho nenhuma intenção de perturbar a sua paz. É a razão de eu estar aqui também. Vou chamar os bombeiros, pegar meu gato e não teremos que nos ver nunca mais.

Eu girei para entrar e pegar meu telefone. Assim como ontem à noite, ele me parou. Desta vez, em vez de pegar no meu pulso ele pegou a minha mão, puxando-me para trás. Eu tropecei e puxei a mão para longe, sacudindo-a um pouco para me livrar da dor.

—O que há de errado com a sua mão? —Perguntou ele, sua voz perdendo um pouco do seu tom irritado e sarcástico.

—Nada. Eu disse, enfiando-a debaixo do meu outro braço. —Eu não queria machucá-la. —Ele correu uma mão pelo seu cabelo loiro, empurrando-o para longe de seu rosto. Caramba, os olhos dele eram azuis.

—Tudo bem.

Com cuidado, ele estendeu a mão e puxou-a, para segurá-la entre nós. Na minha palma debaixo do meu polegar estava uma grossa farpa de madeira. A pele estava vermelha em torno das bordas e ligeiramente inchada. No centro você podia ver a lasca de madeira enterrada na minha pele.

—É apenas uma farpa. —Eu disse a ele, tentando puxar a minha mão. —Gato endiabrado: três, Talie: zero.

—Gato endiabrado? —Perguntou, o canto do seu lábio levantando. Ele tinha lábios carnudos, do tipo que era bom para morder.

Levei um momento para responder, porque ele estava embalando minha mão na sua, seu polegar massageando em torno da área onde a farpa estava. Seu toque era além de gentil, era autoconfiante, como se soubesse o que estava fazendo. Pequenas fisgadas de prazer correram pelas minhas pernas, porque mesmo o seu leve toque era tão bom.

Eu limpei minha garganta. —Aquele gato me odeia.

Essa afirmação me rendeu um sorriso completo. Seus dentes eram retos e brancos e uma covinha apareceu em seu queixo. A partir daí, pude ver a aspereza da barba crescendo ao longo de sua mandíbula. Aqui no sol, parecia dourada, como se para destacar seu rosto já perfeito.

O gato fez um som triste e eu olhei para cima. —É melhor eu ir.

Eu puxei minha mão para trás e ele soltou, dando a volta para ir embora. Mas ele não subiu os degraus do deck. Em vez disso, pulou no poste e começou a escalar. Era injusto ele fazer isso e eu não.

Eu esperava que Salty reagisse a ele da mesma forma que fez comigo. Só que não. Ele deu outro miado triste e permitiu que o homem o carregasse e o colocasse em seu ombro como um papagaio. Segundos

depois, ele estava andando pela areia em minha direção, com um alegre Salty.

—Obrigada. —Eu disse, chegando para pegar o gato.

Ele miou e rosnou.

Me encolhi e fiz uma careta. —Veja!

Ele riu. O som acariciando o meu corpo, fazendo-o formigar. —Eu vou carregá-lo.

Levei-o para o deck e para a porta de correr, que ainda estava aberta. Meu celular estava no braço de uma cadeira. Eu abri a porta e virei para pegar o gato, mas ele estava muito mais perto do que eu esperava. Eu colidi com seu peito e o gato. Ele estendeu a mão para me manter firme e revirou os olhos.

—Você é um desastre.

—Puxa, obrigada.

Ele andou em torno de mim para colocar Salty no chão, que imediatamente correu para o quarto de Ruth. Esperava que ele se escondesse lá o resto do dia.

—Então, você tem um nome? —Eu perguntei. —Ou devo apenas continuar pensando em você como o cara rude da casa ao lado?

—Gavin. —Ele forneceu. —Você é Talie?

Eu concordei. —Bem, obrigada, Gavin. —Eu disse, experimentando o nome dele na minha língua. —Eu não vou mais perturbar a sua paz.

—De alguma forma eu não acredito nisso.

Eu fiz um movimento de enxotar com a minha mão, esperando que ele chegasse ao ponto. Ele agarrou a mão com a farpa e disse: —Você precisa tirar isso antes que infeccione.

—Vou tirar.

Em vez de acreditar na minha palavra, ele fechou a porta atrás de si e em seguida, levou-me para o banheiro.

—Que diabos você está fazendo?

—Vou tirar isto.

—Eu posso me virar.

Ele riu. —Não, você não pode.

Realmente não gosto de ser tratada como uma criança sem noção. Eu sou uma mulher adulta e posso cuidar de mim mesma.

Tentei sair do banheiro, mas ele me agarrou pela cintura e me carregou como se eu não pesasse mais do que uma concha.

—Ei! —Eu ofeguei.

Meu traseiro bateu no balcão do banheiro e ele ficou entre minhas pernas. Perdi a capacidade de pensar. Olhei para baixo na forma como meus joelhos pálidos rodeavam sua cintura tonificada. Meu coração começou a bater forte enquanto eu olhava para o short que ele usava. Eles pendiam, expondo um V abaixo de sua cintura. Eu não sabia como essas linhas eram chamadas, mas fiquei quente ao pensar em lambê-las.

Gavin parecia completamente indiferente a minha proximidade quando abriu o armário de remédios ao lado da minha cabeça e retirou uma pinça.

—Eu vou fazer isso. —Eu disse, tentando pegá-la.

—Shhh. —Ele me calou. —Eu sei o que estou fazendo.

—Oh, então você é um perito removedor de farpas?

Seus olhos brilharam. —Sou perito em muitas coisas.

Oh, meu Deus.

Já mencionei que não faço sexo há seis meses? Foi neste momento que o meu corpo decidiu lembrar-me disso e como este homem era totalmente sensual.

Não! Eu disse a mim mesma. Não, não, não, não.

—Não se mexa. —Disse ele segurando meus quadris, assim como meu corpo. Eu nem tinha percebido que estava me mexendo.

Ele levantou a minha mão e virou a palma para cima. Então pressionou a pele com uma mão (o que doeu muito!) e usou a pinça para arrancar a farpa. Ele conseguiu na primeira tentativa.

Ele levantou-a entre nós e notei que tinha um pouco de sangue na ponta.

—Nossa. —Eu disse.

Ele sorriu.

Meu estômago vibrou incontrolavelmente. —Obrigada.

—Talvez queira lavar isso. —Disse ele, olhando para minha mão. Havia um pouco de sangue jorrando do meio.

Pulei do balcão e lavei as mãos, ignorando a dor. Quando terminei, dei uma olhada no espelho. Meu cabelo estava quase seco e apesar de ficar na praia ventosa, não estava uma completa bagunça.

Em vez disso, estava naturalmente bagunçado da praia. Algumas pontas ainda estavam viradas para cima, mas parecia que foram arrumadas para ficar desta forma. Minhas bochechas estavam coradas e Gavin era a razão.

Nossos olhos se encontraram no espelho. Olhamos um para o outro por longos segundos. De repente, este banheiro parecia muito pequeno. As faíscas entre nós eram tão palpáveis que parecia como se não pudéssemos caber neste espaço. Tensão sexual estourando a nossa volta e um tremor fino começou em minhas mãos.

—Estou indo. —Disse ele, quebrando nosso contato visual primeiro.

Acenei sem me mexer. Ele saiu rapidamente quase como se estivesse fugindo e não pudesse ir embora rápido o suficiente.

Não me incomodei em persegui-lo.

Eu estava muito chocada para me mover.

CAPÍTULO 10

Talie

Dois dias depois, levantei-me com o nascer do sol para caminhar ao longo da areia. Todas as melhores conchas poderiam ser encontradas cedo, quando a maré estava baixando.

Esperava encontrar um dente de tubarão. Não os que todos encontram, os pequenos pretos com a ponta afiada e o lado irregular. Este aparecia a dez centavos a dúzia. Eu queria encontrar um verdadeiramente notável. Tão grande quanto à palma da mão, algo que mostrasse o quão grande era o mundo lá fora.

Antes de sair, vesti um maiô azul marinho com um decote (Claire disse que como eu me recusei a usar um biquíni, o maiô tinha que ser sexy) com acabamento azul turquesa. Adicionei um fino vestido de linho branco, com um laço de cordão no meio e peguei um chapéu turquesa de abas largas para esconder meu rosto do sol.

Salty e eu continuamos em uma relação ódio-ódio que incluía alimentá-lo e ele me mostrar o seu descontentamento antes de fugir para se esconder o resto do dia. A última coisa que fiz foi colocar o café em um bule para esquentar, assim a bebida escura estaria ali pronta em um copo para me acordar quando eu voltasse.

Lá fora, o sol estava baixo, as nuvens estavam cor de rosa e o céu era um azul claro. O som das ondas do mar batendo contra a costa era como música para os meus ouvidos. Era tão alto que abafava a maioria dos meus pensamentos. E aqueles que eram mais persistentes, os pensamentos que ameaçavam derrubar meu humor? Deixei a brisa carregá-los para longe de mim para se perderem no mar.

Caminhei pela praia, espreitando a casa de praia de Gavin quando passei. Era uma casa azul com persianas brancas. Parecia muito semelhante à da tia Ruth, mas maior. Apoiada contra a parede estava uma prancha grande. Uma imagem dele molhado em cima de uma prancha no mar fez o meu estômago se revirar.

O cara era um babaca, mas droga, ele era sexy. Ele me fez pulsar de maneiras que eu nunca tinha experimentado. E foi difícil não repetir a cena da farpa repetidamente na minha cabeça. Como em um momento ele poderia estar agindo como um idiota de primeira classe e no próximo me tocar com tal gentileza era um enigma. Se eu não tivesse cuidado, ele acabaria me impactando muito seriamente.

Não que eu fosse voltar a vê-lo. A maneira como ele tinha saído tão abruptamente no outro dia e depois não saiu de dentro de sua casa desde então era prova disso.

Não que eu estivesse olhando pela janela ou vigiando a casa dele do meu deck ou algo assim.

Isso seria apenas espionagem.

Retornei minha atenção para a tarefa em mãos: molhar meus pés no mar, limpar minha cabeça e procurar conchas e dentes de tubarão. A última coisa que eu precisava pensar era em um cara. Isso só irá me machucar novamente.

Claire disse que Blake ligou procurando por mim no dia anterior. Ela disse que eu não estava em casa e que me daria o recado quando voltasse. Ele ia esperar um pouco antes de eu voltar. Eu ri comigo mesma quando peguei uma bela concha branca.

Joanna tentou me ligar uma vez também, mas deixei a chamada ir para a caixa postal. Entrei em um longo trecho de conchas e esqueci tudo, exceto a sensação da areia entre os dedos dos pés e do vento em meu cabelo.

Não encontrei o dente de tubarão que estava esperando, mas encontrei muitas conchas bonitas, tantas que tive que usar o final do meu vestido como uma cesta improvisada para segurá-las.

O sol estava mais alto no céu quando caminhei de volta para a casa de praia. O vento parecia estar mais forte e a maré não estava tão baixa como antes.

Estava andando pela água quando meu dedão bateu em algo no mar. A onda bateu em mim, fazendo-me sentir como se ela estivesse tentando me puxar para suas profundezas e vi o topo arredondado de

uma concha. Parecia totalmente intacta, a excitação correu através de mim.

Deixei de segurar o meu chapéu e inclinei-me para pegá-la, quando uma rajada forte de vento bateu levando o chapéu da minha cabeça.

Eu o deixei ir, abrindo mão do meu controle sobre a concha quando uma onda caiu praticamente em cima de mim e me empurrou. Gritei e caí de lado, enchendo a boca de água salgada. Subi à tona, segurando as extremidades do meu vestido que segurava todos os meus tesouros.

Consegui pegar a maioria, perdendo apenas algumas. Encharcada e sentindo nada além do sabor do sal, corri para areia antes que outra onda pudesse me empurrar.

Eu não estava olhando para onde corria, bati em uma parede sólida e saltei para trás. Antes que eu pudesse cair novamente, duas mãos se aproximaram para me estabilizar. —A maioria das pessoas tira a roupa para dar um mergulho. —Gavin brincou.

Ainda segurando as pontas do meu vestido com uma mão, eu empurrei as mechas molhadas do meu cabelo longe do meu rosto. —Ha ha, que engraçado!

—Você perdeu alguma coisa? —Ele segurava meu chapéu.

—O que você está fazendo aqui fora? —Perguntei e peguei o chapéu, despejando todas as minhas conchas nele, depois deixei meu vestido cair de volta no lugar.

—Eu moro aqui. —Ele abriu os braços, gesticulando para a praia. A ação chamou toda a minha atenção para o seu corpo. Eu acho que ele nunca usou uma camisa. Mais uma vez, ele estava usando shorts perigosamente baixos nos quadris. Estava molhado da água e o peso adicionado arrastava ainda mais para baixo até que eu pudesse ver a área que conduz para seu lugar mais viril e como a pele lá não era tão bronzeada quanto o resto dele. Não havia rastros de pelos como Blake. Gavin era completamente depilado. Mordi meu lábio, imaginando se ele era tão depilado por baixo de seus shorts como era em todo lugar.



—Talie? —Ouvi-o dizer, mas sua voz estava longe. Minha atenção estava voltada para outros lugares. Seu abdômen era magro e definido. Era óbvio que ele passava tempo nadando porque seu corpo mostrava o resultado da atividade. Sua pele estava úmida e brilhava ligeiramente sob o sol do fim de tarde.

—Não vi você sair de casa. —Eu respondi e em seguida quis me chutar.

Ele levantou as sobrancelhas. —Você estava me observando?

Senti as minhas bochechas queimarem de vergonha. Idiota, eu disse a mim mesma. —Claro que não. —Rebati. —Estava apenas percebendo quão pacífico os últimos dois dias tinham sido e o fato de que você não estava neles.

—Estou aqui todas as manhãs para surfar. Você só não reparou em mim até hoje.

—Então, você está me observando? —Eu disse presunçosa.

Ele sorriu e não se incomodou em negar. Meu corpo inteiro aqueceu. O fato de ele ter me observado significava que gostava do que via... certo?

—Esse seu chapéu é como um letreiro em néon. É meio difícil não notar.

E eu achando que ele poderia gostar da minha aparência. Idiota. Sim, eu sei. Eu disse que não ia me preocupar com um cara. Mas isso não significava que eu não queria que ele apreciasse a minha aparência.

—Não é tão brilhante. —Murmurei e olhei para o outro lado, de volta para a água. Surpreendentemente, a concha ainda estava lá, a água se partindo sobre ela quando fluía.

—Segure isso. —Eu disse e empurrei o chapéu contendo todas as minhas conchas em seus braços.

—Com prazer. —Disse ele secamente enquanto eu caminhava de volta para a água para recuperar a concha. Eu nunca tinha encontrado uma concha inteira antes e realmente queria tê-la.



A concha estava parcialmente enterrada na areia, razão pela qual ainda não havia sido levada. Devido ao fundo estar aberto, ela parecia como uma ventosa contra a areia molhada. Dobrando-me, mergulhei as duas mãos na água fresca e puxei. Ela não saiu na minha primeira tentativa e, claro outra onda bateu bem onde eu estava de pé. Desta vez, me preparei e não cai, mas fiquei lá por um longo momento esperando a maré se acalmar. Quando isso ocorreu, a onda bateu em torno de meus braços e pernas, pulverizando-me com gotas de água.

A sensação da água correndo foi interrompida quando uma dor aguda seguida por uma queima intensa, tipo como se meu braço estivesse em chamas, me fez chorar. Sacudi-me para ficar longe de tudo o que estava me machucando e peguei um vislumbre de uma grande água viva sendo levada por uma onda.

Tropecei para trás, a dor intensa, quando o meu cérebro processou o fato de que fui picada pela criatura.

Assim que eu estava prestes a cair, uns braços quentes e sólidos me seguraram por trás. Tirei vantagem imediata de sua proximidade e inclinei-me contra ele, jogando todo o meu peso para ele apoiar.

—O que aconteceu? —Gavin disse contra a minha orelha.

—Eu acho que uma água viva me queimou. —Eu disse, minha voz baixa e tensa. A queimadura era muito intensa. Doeu muito mais do que eu pensei que doeria.

—Só você encontraria uma água viva zangada. —Ele disse.

—Ei —Eu comecei a discutir, mas parei. Eu estava sofrendo, droga.

—Onde isso te pegou?

Levantei meu braço para inspecionar o local onde queimou. Havia uma marca grande, vermelha viva e uma irritação se espalhando ao redor do meu pulso. No centro da área mais vermelha, algo estava saindo. Eu surtei e comecei a acenar com o braço. —Tire isso! —Eu gritei. —Tire isso de mim!

—Talie. —Disse ele firmemente, interrompendo o meu colapso. Como ele podia estar tão calmo? —É o tentáculo. Ficou grudado na sua pele quando ela te queimou.



—Eu não quero isso aí.

Ele riu. —Está tudo bem.

Levantei os dedos para arrancar aquilo, mas ele me impediu. —Isso só vai doer ainda mais.

Eu olhei para ele. Gavin enfiou o meu chapéu com as conchas debaixo do braço e depois me carregou. Ele me levantou facilmente e me embalou contra seu peito.

—Que diabos você está fazendo? —Eu exigi.

Secretamente, adorei a sensação dele me carregar como se eu não pesasse nada.

—Você sabe os primeiros socorros para uma queimadura de água viva? —Ele olhou para mim. O azul profundo me penetrando até o meu âmago.

Eu balancei a cabeça.

—Bem, eu sei.

Com isso, ele correu pela areia, passando pela prancha deitada perto dos degraus de madeira e começou a subir sem sequer respirar pesadamente.

Pisquei após olhar a queimadura no meu braço e olhei para a visão familiar da casa branca com persianas azuis, que estava cada vez mais próxima à medida que continuava caminhando.

Ele estava me levando para a casa dele.

CAPÍTULO 11

Talie

Ele me carregou para o sofá, que não estava longe da porta do deck. Andou com facilidade e graça, sem necessidade de mudar o meu peso em seus braços. Sua pele era macia como seda. Parecia injusto um homem ter uma pele tão macia, mas não conseguia não ter inveja.

Especialmente quando eu estava apreciando a sensação dele contra mim. Parecia que a queimadura no meu braço estava doendo mais, não se dissipava. A dor estava me distraindo da verdadeira sensação de estar contra ele.

Antes de me deitar no sofá, deixei a minha bochecha cair contra o seu ombro, permitindo que os meus olhos se fechassem por um momento. Não era como se ele estivesse me segurando porque me amava ou mesmo porque se importava comigo. Droga, eu tinha certeza que ele nem gostava de mim. Eu nem tinha certeza se gostava dele.

Mas em seus braços agora, eu me sentia confortável. A salvo. E honestamente, assim como cortar meu cabelo e ver o nascer do sol, estar nos braços de Gavin foi um pouco libertador.

Após alguns minutos relaxando contra ele, de aceitar o conforto de seus braços, percebi que ele não estava mais andando. Ele estava parado, imóvel... quase como se estivesse paralisado.

Levantei a cabeça e olhei para cima. Nosso olhar colidiu.

Ele estava me observando intensamente com seus olhos azuis e com uma expressão ilegível. Sua mandíbula estava apertada e seus lábios comprimidos. De repente, fiquei extremamente constrangida. Eu estava praticamente me enrolando contra ele como um gato ronronando. Ele provavelmente pensava que eu era uma tarada que roubaria uma de suas camisas na saída e dormiria com ela.

—Desculpa. —Eu disse incapaz de afastar o meu olhar dele. —Dói muito.

E se eu parecer uma covarde? Eu prefiro soar como uma covarde do que uma mulher patética que estava faminta por atenção.

Oh. Meu. Deus.

Eu estava?

Eu estava tão carente de qualquer tipo de afeto físico que estava agora transformando uma situação em que um homem estava simplesmente tentando ajudar uma mulher ferida em algo mais?

O músculo no lado de sua mandíbula se contraiu e eu fiz uma careta.

Hora de se recompor, Talie. Eu poderia analisar o meu comportamento mais tarde. Sozinha.

Gavin baixou-me para as almofadas, colocando-me no luxuoso sofá enorme e em seguida, amassando uma almofada nas minhas costas.

—Eu estou bem. —Eu disse e comecei a sentar. —Eu posso simplesmente ser examinada na clínica em Surf City.

—Você vai dirigir até lá com um tentáculo de água viva em seu braço?

Bem, dãã. Claro que sim.

—Não. —Ele ordenou.

Quem ele pensa que é?

—Você não é o meu chefe! —Eu rebati como uma criança raivosa de cinco anos de idade e bati meus pés no chão.

Seus braços me prenderam contra o sofá. Ele se inclinou mais perto, tão perto que eu podia sentir a frieza de sua respiração em minha bochecha. —Você não ouse chegar perto da porta.

—O que você vai fazer? Me amarrar?

—Se preciso for, irei. —Ele exclamou.

Eu tremi. A imagem dele me amarrando e fazendo o que quer que ele quisesse me agradou e enviou raios de desejo em minha barriga.

Seus lábios se curvaram em um sorriso conhecedor. —Você gostaria disso, não é?

Eu dei-lhe um baita não com o olhar.

—Mentirosa. —Ele sussurrou antes de se afastar.

Afundei de volta contra as almofadas, meu corpo parecendo uma gelatina. Pontadas de dor dispararam em meu braço e olhei para baixo. Meu pulso e antebraço estavam inchando um pouco e minha pele estava um tom avermelhado.

—Pode me dar um pouco de gelo? —Perguntei, achando que aliviaria a dor.

—Não. —Disse ele no seu caminho para fora da sala.

Isso foi muito grosseiro.

Ele era muito mandão.

—Por que diabos você me trouxe aqui, se você não vai me dar um pouco de gelo? —Eu gritei com ele.

Ele nem sequer respondeu. Alguns momentos depois, veio caminhando de volta para a sala, trazendo uma carga de suprimentos. Nada parecia ser gelo. Ele ainda não estava vestindo uma camisa e francamente olhar para toda a sua perfeição bronzeada estava me deixando mal humorada. Ele não deveria colocar a mercadoria em exibição se não ia me deixar prová-las.

—Você nunca usa camisa? —Eu me irritei.

—Só quando preciso. —Respondeu, preparando os suprimentos na mesa de café.

—O que é tudo isso? —Perguntei com dúvida.

Ele pegou um par de luvas de borracha e deslizou-as nas mãos. —Coisas para te tratar.

—Preciso de gelo. Não... —Olhei para o grande frasco claro com uma etiqueta branca. —Isso é vinagre?

—Sim. —Disse ele com calma. —O gelo vai alterar a intoxicação na queimadura e causará mais dor. O vinagre irá neutralizar algumas das proteínas e fazê-la se sentir melhor.

Bem, ele não pareceu inteligente?

Quando estava abrindo um pequeno kit branco, ele olhou para mim, seus olhos avaliando meu rosto. —Você está se sentindo tonta? Com dificuldade para respirar?

—Não.

—Isso é bom. —Disse ele e sorriu. Sua voz era baixa e calmante. Ele estava calmo e agiu como se ele tratasse esses tipos de queimadura o tempo todo. Fez-me sentir segura.

Ele levantou uma pinça grande em sua mão enluvada. —Eu vou remover o tentáculo. Serei o mais gentil possível, certo? Tente ficar parada.

Eu estendi o braço para ele e virei o meu rosto para longe.

Ele riu. —Covarde.

—Sinto muito, mas não quero ver você tirar essa coisa da minha pele.

Senti uma pequena picada e a queimadura se intensificou, então ele se afastou. —Consegui. —Disse ele.

Eu vi como ele embrulhou a coisa desagradável em um guardanapo, depois tirou a luva e criou uma bola em torno do guardanapo. Em seguida, ele me deu uma grande tigela de plástico. —Segure isso debaixo do braço. —Instruiu.

Eu fiz e ele começou a derramar o vinagre sobre a ferida. Segurei minha respiração esperando por mais dor, mas nada aconteceu. Quando ele terminou, pegou a tigela e molhou um pano grosso branco no vinagre restante. Então colocou sobre o meu braço.

—Ele precisa ficar embebido por alguns minutos.

Franzi meu nariz contra o forte odor do líquido e me inclinei contra o sofá.

—Quer um pouco de café? —Ele perguntou da onde eu imaginava ser a cozinha.

—Claro.

Ele voltou alguns momentos depois carregando duas canecas brancas. Elas pareciam pequenas em suas mãos grandes. Peguei a caneca oferecida e tomei um gole da bebida, gemi com apreço.

Senti a intensidade de seu olhar e olhei para cima, de repente sentindo-me desconfortável. Ele estava me encarando, olhando de uma maneira que me fez consciente... de sua atração.

Não era unilateral todos os pensamentos que eu tinha tido. Ele tinha tido alguns também.

—Se eu só preciso mergulhar isso em vinagre, eu posso fazê-lo em minha casa. —Eu disse, começando a sentar.

Ele não disse nada, apenas me observou pela borda de sua caneca e tomou um longo gole. Quando terminou, deixou de lado e se levantou, vindo sentar-se na mesa de centro diretamente na minha frente.

Ele levantou o meu braço e removeu o pano. Depois de estudá-lo por alguns minutos, pegou um cartão de crédito. —Vou raspar o topo da queimadura. Pode doer. —Ele não teve nenhum prazer com o pensamento, o que me deixou satisfeita.

—Você quer raspar meu braço com seu cartão de crédito?

—Vou ser gentil. —Disse ele, olhando-me nos olhos. —É para remover qualquer sobra de nematocistos.

Mordi o lábio e acenei com a cabeça.

Surpreendentemente, não doeu. Na verdade me senti bem. A área estava começando a coçar e isso foi um bom alívio. Após alguns segundos de raspar o topo, ele reaplicou a compressa de vinagre.

—Depois de alguns minutos, vamos lavar e aplicar um pouco de hidrocortisona.

—Obrigada. —Eu disse, realmente querendo dizer isso. Ele com certeza sabia como agir como um tolo, mas era claro que sabia como não agir como um também.

—Então. —Eu disse depois de alguns minutos de silêncio. —O que você faz?

—Surfar.

OH. —Você é um profissional?

—Não.

—Você vive aqui sozinho?

—Sim. —Ele se afastou da mesa de centro e foi para a cozinha. Ouvi alguns armários abrindo e fechando e alguns segundos depois, ele voltou empurrando um pequeno bolo branco em sua boca. Uma caixa retangular branca estava sob seu braço e carregava outra embalagem com outro bolo idêntico dentro.

Ele sentou-se e enfiou o bolo na boca. Todo.

—Quer bolinhos? —Perguntou ele, oferecendo-me a caixa enquanto apoiava os pés descalços sobre a mesa.

—Não, obrigada.

Ele deu de ombros, abriu outro pacote e passou a devorá-lo também.

Peguei a sua óbvia preocupação como uma oportunidade para estudar o ambiente ao meu redor. Agora que meu braço não estava doendo tanto, eu poderia me concentrar na casa dele.

Era minimalista e simples. A sala de estar e a de jantar eram um espaço aberto. Consistia em um sofá marrom, duas cadeiras e uma mesa de centro.

Próximo ao sofá estava uma grande tela plana presa à parede com uma pequena mesa estreita abaixo dela. O topo da mesa tinha o que eu presumi serem caixas vazias de bolos.

A mesa de centro também estava cheia de algumas caixas vazias de lixo.

Eu pensei que ele poderia ter um problema.

—Então, qual é o seu bolinho favorito? —Eu perguntei.



—Eu não discrimino nenhum. —Disse ele, colocando a caixa na mesa e pegando seu café.

—Você come qualquer coisa além de bolinhos? —Me perguntei em voz alta.

—É claro.

Ele era um homem de poucas palavras. Parecia que a única conversa que ele sabia ter era uma discussão.

Depois de alguns momentos silenciosos, sentei-me. —Devo ir. Eu sei que você provavelmente tem coisas para fazer. —Eu realmente não achava que ele tivesse, mas não sabia mais o que dizer.

Ele levantou rapidamente e se sentou na minha frente. Nossos joelhos se tocaram e um choque ricocheteou entre nós. Eu suspirei surpresa.

Ele não reconheceu o que eu sabia que sentia. Gavin descartou o pano e alisou a área seca com outra toalha. —Como se sente?

—Melhor. —Eu gaguejava. O subir e descer dos seus ombros enquanto respirava estava me hipnotizando. E a maneira como ele cheirava me fazia querer me aproximar mais. Ele cheirava a praia, você sabe, esse tipo de óleo que você usa para te ajudar a bronzear? Como cocos e sol.

Assisti como Gavin destampou um tubo de hidrocortisona e espremeu um pouco em seus dedos. Ele colocou meu braço em seu colo, minha mão caindo ao lado de seu quadril.

Meu Deus, estava a centímetros do pau dele.

Ele tomou o seu tempo esfregando o creme sobre a lesão. A umidade se reuniu no fundo do meu maiô e meus seios começaram a doer com o desejo.

—Porque você está aqui, Talie? —Perguntou ele, já não esfregando o medicamento, mas também não liberando o meu braço.

—Por que uma água viva me queimou?

O lado do lábio entortou e eu queria tanto me inclinar e beijar o canto da sua boca. —Eu quis dizer aqui, na ilha.

OH. Certo.

Ele começou a desenhar círculos preguiçosos sobre o interior do meu cotovelo com os dedos. Ele não jogava limpo. Como eu deveria manter uma conversa quando ele fazia coisas assim?

E por que ele me afetava tanto assim?

Ele era enlouquecedor, mandão e vivia de bolinhos pelo amor de Deus.

—Talie? —Disse ele, meu nome em um tom rouco.

—Oh, um... Férias.

—Quem tira férias sozinho?

—Quem vive numa casa de praia sozinho? —Retruquei.

—Eu gosto da minha privacidade. Eu não sou um cara social.

—Então por que você me trouxe aqui?

—Eu não sei. —Disse ele, soando absolutamente confuso.

—Estou indo embora. —Eu declarei.

Ele acenou com a cabeça.

Nenhum de nós se mexeu. Ele não soltou meu braço.

Era como se estivéssemos paralisados numa bolha de atração. A tensão entre nós era tão diferente de tudo que eu já tinha experimentado antes. Era fisicamente poderosa, mantendo-nos acorrentados. Nós dois falamos sobre a intenção de nos separar, de seguir caminhos distintos, mas os nossos corpos descartaram os nossos pensamentos.

Não haveria como se afastar.

Só se aproximar.

Em um movimento fluído, Gavin veio para frente, passando um braço em volta da minha cintura e puxando-me para a borda do sofá. Seus joelhos se separaram e meu corpo se encaixou entre eles quando seus lábios se colaram aos meus.

Parecíamos um imã. Quanto mais perto ele chegava, mais firmemente nos fundíamos. Juro que naquele momento não pensei. Não

consegui. Eu só poderia ser tomada pelo ataque de desejo que inundava o meu sistema.

Os dedos de Gavin mergulharam no cabelo da minha nuca, enroscando ao redor dos fios loiros e puxando minha cabeça ainda mais perto. Nossos dentes colidiram juntos e ele abriu ainda mais a boca, deslizando a língua dentro da minha, passando pelas bordas dos meus dentes e acariciando o céu da minha boca.

Me derreti em seus braços. O calor de sua pele, o gosto de seu beijo... intoxicante era um eufemismo. Ele era a droga mais potente, do tipo que só uma dose mataria e eu estava bem a caminho para a morte. E eu não me importava. Naquele momento, a forma como nossas bocas se moviam juntas era tão intensa que eu teria prazer em dar a minha vida por apenas mais alguns minutos.

Minhas unhas afundaram nos músculos salientes de seu bíceps, como se eu estivesse em algum tipo de passeio louco e precisasse me segurar por minha vida. Meus pulmões queimaram com a necessidade de oxigênio, mas respirar exigiria levantar minha cabeça e isso era algo que eu não suportaria.

O beijo continuou. Estava úmido e quente. Gavin permitiu que a minha língua explorasse todos os lugares e cada gemido que escapou da minha garganta, ele capturou e acrescentou ao seu próprio.

Quando pensei que o meu peito podia se romper, ele afastou-se. Meus lábios estavam inchados e o ar entre nós parecia frio contra a minha pele superaquecida. Eu olhei para ele bobamente, totalmente sem palavras.

Ninguém nunca tinha me beijado assim.

Ninguém nunca tinha obtido esse tipo de resposta com apenas um único beijo.

Eu sei que ele viu choque nos meus olhos. Ele reverberava pelos meus ossos. Eu respirei profundamente, trêmula e meus seios roçaram contra seu peito sem camisa.

—Eu mudei de ideia. —Disse ele, sua voz parecendo cascalho.

—O quê? —Eu perguntei sem fôlego e totalmente confusa.



Seus olhos azuis cobalto presos nos meus. —Eu não quero que você vá. —A mão ainda emaranhada no meu cabelo, como se ele esperasse que eu recusasse.

Recusar não era uma opção.

Me render era a única escolha.

Tudo o que consegui foi uma única palavra.

—Sim.

CAPÍTULO 12

Talie

O toque dele era como fogo. Amanhã, provavelmente queimaria pelo calor do seu toque em meu corpo. Depois da minha única resposta, não nos falamos mais. Nossos lábios e mãos fizeram toda a conversa.

Seu corpo era duro como o granito, seu perfume tropical encantando meus sentidos e naquele momento a única coisa que existia era ele. Gavin sabia exatamente onde tocar, exatamente a quantidade certa de pressão aplicar quando arrastou a ponta dos dedos para baixo da minha nuca e investigou abaixo do decote do maiô que eu usava.

Meus seios formigavam com a necessidade. Estavam inchados de desejo, esperando que uma das mãos mágicas de Gavin os aliviasse. Meus mamilos estavam tão duros que era quase doloroso, cada vez que eu me mexia eles roçavam contra o material do meu maiô e o atrito só aumentava o meu desejo.

Fui atrevida na exploração do corpo dele. Eu não era do tipo de garota que fugia. Eu estava com fome e meu corpo instintivamente sabia que ele iria saciar a fome como ninguém mais.

Uma das minhas mãos acariciou seu peitoral, apertando e em seguida beliscando o mamilo até que franzisse. Ele gemeu e guiei a minha outra mão até o cabelo loiro grosso, massageando seu couro cabeludo com a ponta dos dedos.

A dor no meu pulso intensificou quando os fios macios de seu cabelo escovaram contra a lesão. Foi o suficiente para romper a névoa da paixão e me fazer puxar uma respiração.

—Calma, devagar. —Disse ele contra os meus lábios, de pé e puxando-me junto com ele. Ele era tão alto em comparação a mim, a diferença de altura entre nós era impressionante. Minha cabeça só chegava ao seu peito e como estávamos eu tive que inclinar minha cabeça para trás para olhar para ele.

Com muito cuidado, Gavin tirou minha mão de seu cabelo. Ele a baixou, repousando em seu ombro. —Provavelmente não deveria se mexer muito. —Disse ele, permitindo que seus dedos trilhassem levemente do meu braço para a parte inferior da minha axila e depois para baixo indo ao lado do meu seio. Mordi meu lábio para não suspirar de prazer.

—Eu quero tocá-lo. —Eu disse descaradamente.

Ele sorriu presunçosamente quando se inclinou nos joelhos para abaixar-se um pouco mais perto do meu nível. —Bom que você tem duas mãos.

Seus lábios reclamaram os meus novamente e nossas línguas se enroscaram comprovando como nosso gosto era incrível.

Meu braço bom viajou para baixo e meus dedos brincaram com a borda de seus shorts. Mergulhando meus dedos sob o tecido úmido, raspei minhas unhas sobre a lateral do quadril e ele gemeu. Seus braços me puxaram, tirando-me dos meus pés, então estava completamente apoiada à sua frente. Quando ele aprofundou o beijo, seus quadris inclinaram para mim.

Sua necessidade não poderia ser negada. Seu comprimento grosso e duro empurrava insistentemente contra o meu abdômen e a parte entre minhas pernas começou a pulsar. Em um movimento rápido, Gavin me colocou debaixo dele, espalhando o meu corpo no sofá enorme como se eu fosse um banquete e ele não comesse a uma semana. Ele ficou em cima de mim, agarrou minha perna e envolveu em torno de seu quadril.

Então ele se abaixou e eu ofeguei. Seu pau rígido pressionando exatamente em meu centro. Tremores de prazer vibraram por meu corpo. Ele friccionou com delicadeza até que minhas pernas ficaram bambas que tive dificuldade em mantê-la ao redor de seu quadril. Oh Deus, o ritmo em que ele se movia era incrível. Com cada impulso, ele demorava um pouco mais para que todo o seu comprimento considerável esfregasse contra o meu clitóris inchado, carente.

Com um gemido, minhas mãos caíram para o lado e eu arqueei para cima do sofá, minha cabeça caindo para trás. A boca de Gavin imediatamente prendeu em um dos meus mamilos e sugou com força. Meu maiô ficou molhado de seus beijos.

—Oh sim. —Eu ronronava, segurando a cabeça lá apenas um pouco mais.

Sua risada vibrou contra minha carne e eu gemi.

—Você gosta disso? —Perguntou ele, afastando-se para sentar entre as minhas pernas. Os dedos dele prenderam em meu maiô.

—Sim.

—Muito ruim. —Ele rosnou e arrancou a boca do meu corpo. —Isso está no meu caminho.

O cordão que amarrava o maiô em torno do meu pescoço foi rapidamente desamarrado e ele empurrou para baixo em torno da minha cintura, deixando meus seios completamente à mostra.

Sem esperar um segundo, ele pegou um seio na mão, amassando-os enquanto mergulhava de volta e sugava-os. Ele usou os dentes para mordiscar o mamilo, sua língua lambendo a pele em torno dele.

Não conseguia ficar quieta. Eu era como uma virgem histérica. Meu corpo inteiro tremia de necessidade.

Gavin olhou para mim, seus olhos azuis escurecidos e deu um sorriso sacana.

—Mais. —Eu exigi.

Ele lambeu minha barriga e usou seus dentes para puxar a lateral do meu maiô, arrancando ele e o jogando ao lado do sofá. Ele empurrou uma das minhas pernas sobre a parte de trás do sofá e em seguida empurrou a outra tão longe que meu pé bateu na mesa de centro.

—Fique aberta para mim. —Ele rosnou e baixou a boca.

Oh. Meu. Deus

Tenha piedade.

Sua língua era incrível. Tenho certeza que me envergonhei com os gritos que saíram da minha boca, mas eu mal os registrei. Sua língua era grande, ele poderia lamber toda a minha fenda com um grande golpe. E às vezes ele começava por baixo da minha abertura e arrastava a língua para

cima, girava em volta do meu clitóris inchado e depois mergulhava a ponta nas minhas profundezas e eu literalmente tremia de satisfação.

Quando ele sentou-se entre meus joelhos, seus lábios brilhavam com o gozo que ele persuadiu meu corpo a produzir e eu assisti enquanto ele passava o polegar ao longo da umidade e logo após, sugava-o em sua boca como se ele quisesse provar cada gota de mim.

Seus olhos estavam semicerrados quando alcançou o cordão de sua bermuda. Antes de liberar a parte dele que eu mais queria, ele fez uma pausa e olhou para cima.

—Você vai me deixar entrar?

Ele poderia ter pedido para me esfaquear e eu provavelmente teria dito sim. —Por favor. —Eu disse, minha voz fraca e baixa.

Com um único puxão, as cordas se soltaram e sua bermuda caiu. Seu pau saltou, apontando para mim como se fosse uma bússola e eu o destino final.

Ele era bem dotado, tão bem que tive um momento de mal-estar, imaginando como tudo isso caberia dentro do meu corpo. Mas então ele afastou a bermuda e eu fiquei olhando para o seu corpo totalmente nu. Eu estava certa, ele era depilado lá embaixo. Completamente liso.

Gavin agarrou seu membro, começando na base e acariciou-o todo o caminho até a cabeça, eu não podia deixar de olhar para a gota branca perolada que brilhava no final. Sem pensar, me inclinei e levei-o em minha boca tão fundo quanto o espaço permitia. Suguei a cabeça de seu pau, lambendo a pequena quantidade de pré-sêmen e engoli enquanto olhava-o nos olhos.

—Caralho. —Ele resmungou quando um arrepio subiu pela espinha.

Eu massageei suas bolas e soltei-o, deitando no sofá e abrindo minhas pernas mais uma vez. Ele caiu, suas mãos em cada lado meu, segurando-se, pairando sobre mim, enchendo completamente o meu espaço.

Talvez ele estivesse me dando um minuto para mudar de ideia.

O mundo precisaria acabar para que isso acontecesse.

Segurei seu membro, posicionei a cabeça na minha entrada, esfreguei a cabeça sedosa do seu pau em torno da minha excitação.

Ele inclinou a cabeça para trás e soltou um som de apreciação. Seus quadris foram para frente e em um impulso duro, ele estava completamente dentro do meu calor.

Gavin caiu em cima de mim, seu corpo tremendo com o que eu esperava fosse satisfação completa.

—Talie. —Ele gemeu, ainda se segurando. Dentro de mim, eu senti o pulsar de seu pau enquanto o sangue bombeava através dele.

—Espera. —Ele gemeu e saiu.

Tentei agarrá-lo de volta, mas ele saiu do sofá e desapareceu em segundos. Ouvi uma porta abrir e fechar e então ele reapareceu carregando vários pacotes de preservativos.

Ele já tinha um aberto e cobrindo seu comprimento, assim jogou os outros na mesa de centro.

—Isso não vai ser lento e suave. —Disse ele.

—Bom.

Gavin mergulhou no meu interior molhado e eu enrolei minhas pernas em torno de sua cintura como se ele fosse um touro selvagem e eu uma cowgirl. Ele batia dentro de mim, dentro e fora, dentro e fora. Minha boca formou um “O” silencioso e praticamente ficou assim quando sensação após sensação ondulava através de mim. Sua respiração se tornou áspera e ele se aproximou, envolvendo a mão no meu ombro.

Usando meu corpo como alavanca, ele mergulhou tão profundamente dentro de mim que eu gritei. Então ele inclinou para que seu osso pélvico se fundisse contra a minha virilha. Gavin girou seus quadris e toda a pressão de sua posição no meu clitóris transformou-se num orgasmo como nenhum outro.

Era como um tornado. Ele girou através do meu corpo, levantando tudo e jogando-o de lado. Se eu não tivesse pele e osso para me manter unida, não haveria nada sobrando.

Eu mal registrei o grito de libertação de Gavin porque estava muito longe com o meu próprio. Eu o senti pulsar dentro de mim e mesmo que ele estivesse usando um preservativo, o pensamento de ele entrar em mim era quase o suficiente para me trazer ao orgasmo novamente.

O sangue corria em minhas veias e meu coração batia fortemente. Levei muito tempo para voltar à realidade. Quando consegui, Gavin estava deitado em cima de mim, seu peso me pressionando contra as almofadas.

Eu estendi a mão e apertei o seu traseiro, só porque eu podia.

—Oh, por favor. Você também.

Ele riu e levantou a cabeça, descansando a testa contra a minha. —Isso foi fantástico.

Eu suspirei. Eu pensei que ele poderia me beijar, eu realmente queria que ele beijasse.

Mas ele não o fez.

Em vez disso, ele saiu de mim e levantou.

Como ele conseguia? Meu corpo ainda estava experimentando espasmos do que acabamos de fazer.

Gavin não disse nada, mas desapareceu no banheiro de novo, onde ouvi brevemente os sons de água corrente. Sentei-me, procurando minhas roupas só para vê-las jogadas do outro lado da sala.

Ele apareceu, não nu, mas vestido com uma cueca boxer preta apertada. Ele não tinha um pingo de gordura no corpo. Ele era absolutamente lindo.

Ele caminhou pela sala, pegou minha roupa e jogou no sofá para mim.

Eu rapidamente peguei, de repente me sentindo autoconsciente deitada lá, nua. Depois de amarrar meu maiô em volta do meu pescoço, Gavin apareceu diante de mim, pegando meu braço e trazendo-o para ele estudar. As marcas ainda eram muito vermelhas e a pele estava inchada com uma irritação.

—Como está se sentindo?

—Melhor. —Eu disse. Tenho certeza que esse tipo de sexo teria tirado a dor de ser atropelada por um caminhão.

—Vai ficar assim por alguns dias ainda.

Eu concordei.

Agora que a atração intensa entre nós tinha desvanecido, surgiu certo desconforto.

Eu apenas acabei de ter sexo selvagem com um estranho.

Tudo o que eu sabia sobre ele era que ele sobrevivia de bolinhos (e como era justo que ele ainda assim se parecesse um modelo fitness?) e morava na praia.

Oh, e eu sabia que ele não gostava de mim.

Além da nossa química sexual insana, mal conseguíamos manter uma conversa sem discutir.

—Obrigada por cuidar disso. —Eu disse, puxando o meu braço e evitando seu olhar.

—Se começar a parecer pior ou a dor se intensificar volte aqui e deixe-me vê-la.

Ele estava me dispensando.

Bem, isso foi ótimo. Não é como se eu estivesse esperando um grande gesto. Na verdade, eu estava feliz que ele não agiu como se nós significássemos algo para o outro. Porque não significávamos.

—Tenho certeza que vai ficar bem. —Eu disse de pé, caminhando em torno dele em direção à porta.

—Talie. —Ele chamou.

Meu coração pulou e meu estômago vibrou. Eu me virei. —Sim?

Ele veio para frente, seus olhos como fogo. Eu olhei para seus lábios, esperando que ele dissesse algo. Nada.

—Não se esqueça disto. —Ele estendeu a minha roupa arruinada.

Eu peguei o tecido. —Obrigada.

—Desculpe por tê-la rasgado.



Eu queria enlouquecer. Não sobre as roupas arruinadas, mas sobre outra coisa. Mas não consegui. Ele me deu um sorriso torto e eu esqueci completamente o quão estranho isso era.

—Valeu a pena. —Eu retruquei e pisquei. Então saí pela porta dos fundos e desci até a areia.

Eu não olhei para trás. Não porque eu não queria, mas porque eu sabia que ele não estaria parado na janela, me observando ir embora.

Por alguma razão, vê-lo não se importar que eu saísse não era algo que eu queria constatar.



CAPÍTULO 13

Talie

Passaram-se alguns dias pacificamente. Passei um tempo caminhando pela praia, olhando as lojinhas perto da praia e curtindo na areia.

Considerando a terrível sorte que tenho, tudo estava perfeito.

Exceto por uma coisa.

Meu corpo se virou contra mim. Eu ansiava por ele. Eu sempre fui uma pessoa bastante sexual, apreciando o ato e o prazer que vinham com ele. Mas era como se Gavin tivesse acordado algum tipo de ninfomaníaca adormecida.

Quase obsessivamente, pensei no tempo que ele passou dentro de mim. Toda vez que a brisa batia contra a minha pele, eu pensava nas mãos dele. Toda vez que a água acariciava meus tornozelos, eu pensava em sua boca nos meus seios. Quando o sol batia no meu corpo enquanto eu me banhava, eu pensava no calor dos seus beijos.

Eu estava em uma bolha de necessidade sexual. O problema com uma vez apenas era que ela era apenas uma vez mesmo. Não era o suficiente. Uma só vez com ele foi como uma provocação. Tortura no seu melhor. Eu deveria estar aqui, pensando na minha vida, decidindo para onde ir a partir daqui, mas em vez disso, tudo o que eu conseguia pensar era como era ter o seu pau pulsante e duro dentro de mim.

Eu era uma vagabunda.

Uma prostituta suja.

Eu gostava disso.

Quando estava chegando da praia, ouvi o celular tocar no balcão. Joguei minha toalha e corri para agarrá-lo. No meu caminho, avistei Salty que me deu um olhar que prometia a morte mais tarde. —Não se preocupe. —Eu disse a ele. —Eu vou sair daqui amanhã.

—Alô. —Respondi sem fôlego.

—Você está me evitando? —Claire exigiu do outro lado da linha.

—Por que eu estaria fazendo isso? —Respondi, indo até a geladeira pegar uma garrafa de água.

—Porque eu te liguei duas vezes hoje e você não se preocupou em atender!

—Você? —Perguntei, segurando o telefone longe do meu ouvido e olhando para a tela escura. —Eu estava na praia e deixei meu telefone em casa.

—Eu liguei há alguns dias também. —Ela retrucou.

Foi na manhã em que estive no Gavin. Eu não liguei de volta porque passei o resto do dia em algum tipo de neblina pós-sexo.

—Desculpa. O que aconteceu?

—Blake está procurando por você.

Só a menção ao nome dele me deixou de mau humor. Não sei o que isso diz sobre mim, mas na última semana na praia mal pensei nele. Era como se eu não sentisse sua falta. Quando na verdade, eu me senti foi um pouco aliviada sem ele. Acontece que viver com ele era inconscientemente sufocante.

—Ele te ligou?

—Ele veio ao meu apartamento.

—Sinto muito. —Suspirei. Realmente não achei que ele fosse me procurar. Ele era o tipo de cara que queria que eu procurasse por ele.

—Tive que dizer a ele que você deixou a cidade. —Disse Claire. —Ele não ficou muito feliz. Não mesmo.

—Bem, agora ele sabe como me senti quando o peguei na cama com a Barbie desequilibrada.

—Barbie desequilibrada? —Perguntou ela. Eu podia ouvir o sorriso na sua voz.

—Não importa. —Murmurei. —Você disse a ele onde eu estava?



—Não. Ele não ficou feliz com isso também.

—Ele ameaçou você? —Perguntei bruscamente.

Houve uma grande pausa no outro lado da linha. —Não. —Então ela disse. —Talie... Ele te ameaçou? Ele é abusivo?

—Não! —Eu disse rapidamente. —Não, ele nunca encostou a mão em mim. Não dessa maneira. —Blake era um monte de coisas ruins, mas ele não abusou de mim. —Eu só... Eu sei como ele pode ser quando fica bravo. Sua reputação significa tudo para ele.

—Sim, eu entendi. Acho que a notícia sobre sua separação se espalhou. As pessoas estão falando. O pai dele não está feliz.

Suspirei. Eu estava esperando que passasse um tempo antes que as pessoas descobrissem. Eu sabia que era apenas um desejo. Raleigh não era uma cidade pequena, mas as pessoas que nasceram e se criaram lá eram uma comunidade unida.

—Sinto muito. —Me desculpei. —Estarei em casa amanhã e você não terá que lidar com ele novamente.

—Você não pode voltar para casa. —Disse Claire imediatamente.

—O que? Por que não?

—Ele quer você de volta. Ele até tinha rosas. No início pensei que fosse fofo e ele soltou um charme, fazendo-me pensar que ele realmente tinha repensado as coisas e decidido não ser o maior babaca do mundo.

A última vez que Blake me trouxe rosas foi há quase um ano, a caminho de casa de uma viagem de negócios. Uma viagem de negócios que a Barbie foi com ele. Eles provavelmente passaram mais tempo em seu quarto de hotel do que trabalhando e aquelas rosas estúpidas eram sua maneira de tentar me compensar. Idiota.

—Mas você mudou de ideia? —Eu perguntei.

—Assim que ele percebeu que você não estava lá e que seu papo furado e flores não iriam marcar nenhum ponto, ele deixou a máscara cair. Exigiu saber onde você estava. Quando me recusei a dizer, ele disse que descobriria sozinho. Então saiu apressado.

—Eu não posso acreditar que ele pensou que eu iria continuar com ele. —Suspirei. —Ele não me respeita em nada, Claire.

—Ele agiu como se fosse seu dono. Como se o seu paradeiro fosse algo que ele tivesse o direito de saber.

—Oh, ele definitivamente acha que tem direito sobre mim. Aparentemente, esse foi o preço que paguei quando ele me deu o seu nome.

—Joanna me ligou também.

Eu gemi.

—Jack deu entrada nos papéis e ela está chateada com isso.

—Ela vai superar.

Claire fez uma pausa. —Olha, a minha tia Ruth ainda não está autorizada a ficar sozinha em casa. Ela planeja ficar com meus pais pelo menos mais uma semana, talvez duas. Fique aí. Deixe Blake e Joanna aceitarem sua separação. Mais uma semana ou duas será bom para todos.

—Acha que estou fugindo? —Eu perguntei, de repente me sentindo como uma covarde por vir aqui para me esconder.

Ela fez um barulho. —Não, acho que sua vida virou de cabeça para baixo e você está dando um tempo. Tome um fôlego para que não acabe em um desses horríveis reality show sobre donas de casa desesperadas.

Eu ri. —Não me sinto como se estivesse fugindo, sabe? Mas é bom não ter de seguir os padrões de Blake e Joanna.

—Sua irmã pertence totalmente ao filme “As esposas de Stepford”.

Eu sorri. Claire estava certa.

—Tome seu tempo, Talie. Quando voltar, vai arranjar outro emprego, um lugar só seu e voltar para o mundo real. Aproveite o máximo que puder. Ser um adulto às vezes pode ser uma merda.

Por vontade própria, meus olhos se dirigiram para a janela e se direcionaram para a casa de Gavin. Meu desejo sexual aumentou e a

perspectiva de apenas mais um encontro com ele foi o suficiente para me fazer querer ficar.

—Acho que alguém precisa alimentar Salty. —Eu disse.

—Vocês dois estão se entendendo?

Eu ri. —Claro que não. Mas tia Ruth se sentiria melhor se alguém estivesse aqui para cuidar dele.

—Absolutamente. —Eu não tinha ideia se ela estava concordando porque era verdade ou se ela estava apenas me deixando convencer-me a ficar.

—Ok, diga a Ruth que ficarei mais uma semana.

—Eu vou. E Talie?

—Humm?

—Da próxima vez que eu ligar, atenda o maldito telefone.

CAPÍTULO 14

Talie

Era bom poder ficar aqui. Na verdade, eu não estava pronta para ir para casa. Estar na praia era relaxante e apesar de todos os acontecimentos, me senti totalmente à vontade aqui.

Com uma motivação maior fui trocar o meu maiô. Assim que liguei a luz do banheiro, notei que não fiz um bom trabalho aplicando protetor solar. Meus ombros e costas estavam muito vermelhos. Felizmente meu rosto não estava queimado porque quando eu não estava usando meu chapéu, eu estava deitada de bruços, o que escondeu a maior parte do meu rosto do sol.

Tomei uma ducha fria, fazendo careta quando o jato bateu na área queimada pelo sol. Eu sofreria mais tarde. A picada da água viva no meu braço e pulso estava cicatrizando bem. A irritação não estava tão vermelha quanto antes e a dor tinha desaparecido. Eu estava aplicando creme de hidrocortisona na área e ele estava ajudando.

Assim que estava limpa me senti revigorada, saí e me sequei pondo um vestido curto branco de algodão. Ele mostrava os meus membros recém-bronzeados de passar tanto tempo no sol. Deixei o sutiã de lado porque tinha medo que as alças machucassem a minha queimadura.

Depois de pentear meu cabelo com um pouco de creme, deixei-o para secar ao ar livre. O fato de ele estar mais curto era muito mais fácil e eu não tinha percebido que o meu cabelo tinha ondas naturalmente. Todo este tempo eu o mantive longo demais, constantemente soprando-o do meu rosto, lutando contra o frizz, quando realmente se tivesse deixado curto, poderia ter percebido que os fios secariam em ondas sem esforço.

Talvez toda minha vida tenha sido assim. Talvez tenha passado muito tempo tentando forçar as coisas para serem de uma certa maneira sem nunca alcançar a verdadeira felicidade. Talvez se eu tivesse dado um passo atrás, teria percebido que minha vida era para ser assim e não teria sido uma luta tão grande. Não teria sido tão difícil.

Meu estômago roncou e eu fui para a cozinha pegar um pacote de hambúrgueres pré-cozidos na geladeira. Eu não cozinho muito, mas um hambúrguer grelhado no deck soava muito bom.

Coloquei a carne no balcão e sai. Acabei encontrando uma pequena churrasqueira que estava encostada no canto da parede. A julgar pela aparência, a tia Ruth quase nunca a usou. Felizmente, havia um medidor do lado sinalizando que havia gás mais do que o suficiente para grelhar.

Depois de colocar de lado a tampa da churrasqueira, abri o recipiente e verifiquei dentro. As grelhas estavam enegrecidas por falta de uso e o interior pequeno, ligeiramente sujo.

O calor derreteria a sujeira e então eu poderia raspá-la antes de adicionar os hambúrgueres. Liguei e fechei a tampa. Então apertei o acendedor e liguei todas as válvulas, mantendo-as abertas para limpar todo o interior com as chamas.

Enquanto isso estava esquentando, remexi na cozinha até que encontrei a escova de limpar a grelha. De volta à churrasqueira, abri a tampa só para franzir a testa. A coisa nem acendeu! —Churrasqueira estúpida. —Murmurei, inclinando-me para ter certeza que eu tinha aberto a botija e havia gás suficiente.

Sim e sim. Então apertei o acendedor novamente, ouvindo-o pegar. Sem chamas. Eu cheirei o gás, mas por alguma razão não estava acendendo. Depois de mais algumas tentativas fracassadas, rosnei e fui para a cozinha pegar o isqueiro que vi em uma gaveta. Era do tipo com a ponta comprida e preta. Lembro-me de quando era criança, tinha uma churrasqueira velha e meu pai usava seu isqueiro para acender a chama.

Não pode ser tão difícil.

Deixei a tampa da churrasqueira aberta e inclinei-me, olhando para a pequena área para acender o isqueiro. Quando a encontrei, liguei o isqueiro e enfiei-o lá dentro. Estava vendo se iria funcionar quando vi uma grande explosão de calor à minha frente.

—Ahh! —Eu gritei e tropecei para trás quando uma enorme explosão de chamas disparou de dentro da grade. Elas surgiram com uma

ferocidade que eu não conseguia compreender quando sentei lá com a minha bunda no chão do deck, olhando para o crescente incêndio.

Fiquei de pé e alcancei a tampa para fechá-la e abafar as chamas. Só que o fogo estava muito forte para isso. Fiquei lá observando com horror crescente quando o fogo tomou vida própria. Se eu não fizesse algo rápido, a casa de praia da pobre tia Ruth viraria pó.

Joguei de lado o isqueiro e corri para a casa para procurar debaixo da pia por um extintor de incêndio. Claro que não havia. Então gastei momentos preciosos procurando em vão. Em um último esforço, peguei uma caixa de fermento em pó e um par de garrafas de água e rezei para que fosse suficiente.

O calor do fogo era intenso e as queimaduras na minha pele arderam enquanto o suor no meu corpo aumentava. O vento estava alimentando as chamas, e observei com horror quando a tampa da grade que estava de algum modo travada começou a queimar.

Abri uma garrafa de água e a joguei por cima. As chamas se extinguiram um pouco, mas não foi o suficiente para detê-las completamente.

Eu ouvi um grito atrás de mim, mas estava muito ocupada surtando para olhar. Rasguei a caixa de fermento em pó e comecei a atirá-lo para todo o lado. Ele caiu em torno de mim como neve.

Algumas das chamas começaram a diminuir e minha testa suou.

Vi um flash de movimento do outro lado das chamas com o canto do meu olho e então o som de um extintor de incêndio encheu meus ouvidos. Eu assisti como o spray de espuma branca apagou as chamas insistentes, revestindo tudo ao meu redor e da grelha.

Quando o fogo apagou, soltei um suspiro de alívio e olhei para cima.

Gavin estava parado lá só de cueca boxer apertada, empunhando o extintor com uma aparência mal humorada.

—Você está tentando queimar a casa! —Ele rugiu.

Eu levantei minhas mãos. Eu não precisava disso agora. —Sim, isso é exatamente o que eu estava tentando fazer! —Eu atirei.

—O que diabos você estava fazendo? —Disse ele, soltando o extintor. —Que tipo de idiota vira todas as válvulas e depois acende um isqueiro?

—Não fale assim comigo! —Eu agarrei a caixa de fermento e a garrafa de água restante.

Ele andou pela bagunça e agarrou a garrafa e a caixa. —Isto é o melhor que pode fazer? —Ele me insultou. —Querida, você é um perigo para si mesma e para toda essa praia!

As palavras dele machucaram. Fazendo-me sentir uma estúpida. —Eu não pedi para você vir correndo até aqui! —Eu rugi, elevando-me. —Eu posso cuidar de mim mesma!

Gavin jogou a garrafa de água e a caixa no deck e me puxou para seus braços. Sua boca desceu sobre a minha imediatamente e algo no fundo da minha mente gritou, *sim!* O beijo foi áspero e exigente. Minhas mãos correram por seu corpo, tentando tocar em tudo o que podia. O agarrava como se minha vida dependesse disso, recusando-me a quebrar o beijo.

Gavin pegou minha bunda, levantando-me para que minhas pernas enrolassem em torno de sua cintura. Eu gemi no fundo da minha garganta quando senti a evidência de sua excitação contra minha parte intima. Sem quebrar o beijo, ele pisou em torno da bagunça e me carregou para dentro da casa.

Assim que as portas fecharam atrás de nós, ele me encostou contra a parede, usando o seu corpo para me fixar lá enquanto levantava a bainha do meu vestido. Ambas as minhas mãos agarraram seu cabelo, segurando-o firmemente enquanto minha boca explorava a dele.

Sua pele estava fresca por estar no ar condicionado, senti como se fosse uma lufada de ar fresco contra o meu corpo superaquecido. Assim que meu vestido estava em torno de minha cintura, ele empurrou sua cueca para baixo e enfiou seu pau dentro de mim com força.

Eu gritei quando ele me fodeu com seu pau incrível. Arrepios irromperam sobre o meu corpo inteiro quando ele me segurou pela cintura, movendo-me para cima e para baixo em seu eixo.

Minhas unhas arranharam seus ombros e eu me inclinei para frente e chupei a pele logo abaixo de seu pescoço. Pequenos gemidos saíram de mim enquanto ele me empalava uma e outra vez. Eu fiquei tensa, enquanto meu corpo implorava pela liberação.

Ambas as mãos de Gavin bateram na parede em cada lado da minha cabeça e eu apertei minhas coxas em torno dele. Minhas costas deslizaram pela parede enquanto ele me fodia e um grito saiu de sua garganta. Deus, a sensação dele pulsando dentro de mim era diferente de tudo que eu já tinha sentido antes.

Me esfreguei nele, tão perto de chegar lá, mas não completamente. Gavin sentiu o meu desespero e se aproximou de nós, beliscando o meu clitóris latejante. Meus dentes se afundaram na carne de seu ombro enquanto eu cavalgava pela libertação.

Eu desmoronei contra o peito dele, minha bochecha contra ele enquanto eu ofegava por ar. Ele riu e passou seus braços fortes em torno de mim, segurando todo o meu peso.

Eu ainda podia senti-lo dentro de mim e fechei meus olhos, tentando memorizar a forma como o sentia. Eu sabia que em poucos segundos ele se afastaria. Ele provavelmente agiria como se nada tivesse acontecido, como se o que acabamos de fazer não fosse grande coisa.

E não era.

Era?

Acho que talvez tenha sido.

Acho que talvez eu quisesse mais.

Oh, inferno. Eu não acho. Eu sabia que queria mais.

Para minha imensa surpresa, ele não me colocou de pé. Ele não me soltou. Em vez disso, foi até o sofá e sentou-se mantendo-nos conectados. Eu mantive minha bochecha em seu ombro, ainda não estava pronta para olhar em seus olhos. Eu não estava pronta para confirmar o quão pouco isso significava para ele, não depois que admiti para mim mesma que queria mais.

Sua mão esfregou minhas costas e através da queimadura. Eu tremi. Senti sua cabeça olhar para baixo. Ele suspirou pesadamente. —Você tem uma queimadura de sol?

—Foi um acidente. —Me defendi.

—Você realmente é um desastre iminente. —Disse ele. Foi sem calor, porém, sem malícia. Quase soou como se lhe causasse arrependimento. Comecei a levantar a cabeça para lhe perguntar o que significava quando o ouvi murmurar —Infelizmente não estarei por perto para assistir.

Ele levantou e me sentou no sofá. Em um movimento rápido, abaixou meu vestido e cobriu suas partes íntimas.

O próximo som que ouvi foi a porta se fechando silenciosamente atrás dele.

CAPÍTULO 15

Talie

Algum idiota na praia estava me provocando com o cheiro de carne grelhada. Quero dizer, é sério. Se não fosse ruim o bastante eu quase ter me queimado, tive sexo incrível com um cara que me confundia o tempo todo e depois saía, então agora eu tinha que estar aqui neste deck imundo, esfregando bicarbonato de sódio e o que diabos era o material de dentro do extintor.

Tinha certeza que devia uma nova churrasqueira à tia Ruth. Isto era um brinde. Literalmente.

Talvez assim que eu terminasse, fosse de carro em Surf City para arranjar um chocolate maltado gigante e um hambúrguer que eu não teria que assar. —Como eu deveria saber que o interior da churrasqueira se encheria de gás e depois explodiria? —Murmurei para mim mesma.

Bem, com certeza agora eu sabia.

Enquanto limpava, eu estava de costas para a casa de Gavin. Eu não precisava de um lembrete de nossa relação *só sexo nada mais*. A dor satisfeita entre minhas pernas era lembrete suficiente. O que ele quis dizer com: não estarei por perto para assistir? Ele agiu como se eu tivesse algum tipo de desejo de morte. Isso foi um acidente.

—Tudo o que eu queria era um maldito hambúrguer. —Murmurei.

—Aqui. —Uma voz profunda disse bem perto.

Minha cabeça estalou para cima quando Gavin veio se exibindo em minha direção, vestindo um calção de ginástica azul marinho e carregando um prato branco de papel. Levantei-me, limpando minhas mãos e olhando para baixo no meu vestido sujo de fuligem.

—O que é isto?

—Eu estava grelhando e pensei que eu poderia te trazer um hambúrguer já que você sabe, destruiu a pobre churrasqueira. —O afeto em seu tom me pegou desprevenida.



Eu peguei o prato e olhei para o hambúrguer perfeitamente grelhado em um pão de semente de gergelim. —Obrigada.

—Eu tenho um pouco de chá doce em casa se você estiver interessada. —Disse ele e eu peguei um flash de vulnerabilidade em seus olhos pouco antes que ele se virasse e fosse embora.

Eu segui atrás dele, intrigada. Gavin era definitivamente um cara que mantinha seus segredos e esta foi a primeira vez que ele já se ofereceu para passar algum tempo comigo além de estar nu.

Em seu deck, ele nos serviu grandes copos de chá doce gelado e em seguida, pegou um prato com dois hambúrgueres e apoiou a perna sobre uma cadeira próxima. Eu fiquei lá segurando um copo e um prato de papel, olhando para ele e imaginando o que fazer a seguir.

Ele não me olhou quando afagou o assento ao lado dele, mas manteve seus olhos focados no mar. Sentei-me e coloquei o copo no braço do assento e o prato no meu colo. Não percebi como estava cansada até me sentar. Muito sol, seguido de muita emoção me transformaram em uma senhora exausta.

Observei as ondas por longos momentos, olhando para o horizonte e bebericando o chá insanamente doce que Gavin me deu. Quando finalmente mordi o hambúrguer, suspirei de prazer. Estava tão bom.

Pelo canto do meu olho eu o vi sorrir e depois empurrar o pedaço restante do primeiro hambúrguer em sua boca.

—Então, há quanto tempo vive aqui? —Eu perguntei dando outra mordida.

O copo parou a meio caminho de seus lábios. Um músculo contraiu no lado do seu maxilar. —Há quase dois anos.

—Você gosta? —Era só eu ou o ar que nos rodeava ficou um pouco frio? Eu sabia que ele havia dito que era um homem reservado, mas a minha pergunta parecia bastante inocente.

—Eu gosto da praia. —Disse ele, não oferecendo nenhuma outra informação.

Ok, então falar sobre ele claramente estava fora dos limites. Eu deveria sentar aqui e não dizer nada? Se sim, por que ele me convidou?

Talvez se eu lhe dissesse o quanto minha vida era um desastre, ele não se sentiria como se a sua fosse tão ruim que tinha que ser mantida em segredo.

—Então, antes de vir pra cá fui demitida do meu trabalho. —Eu confessei.

Ele balançou a cabeça. —Você incendiou o lugar? —Ele brincou.

—Eu não quis dormir com meu chefe. —Peguei algumas sementes em cima do meu hambúrguer enquanto falava.

Ele se engasgou e pela primeira vez desde que cheguei aqui, ele olhou para mim. Seus olhos intensos encontraram o meus. —Você está falando sério?

Eu concordei. —Bem, mais ou menos. —Comecei. —Sou treinada em finanças e codificação para hospitais. Trabalhava para um médico e quando ele assumiu o consultório, contratou todas as novas funcionárias, menos eu. Todas as meninas eram lindas e todas muito dispostas a trabalhar horas extras.

—E você não. —Disse ele, sua voz plana.

—Não. Então, quando uma frequentadora da clínica entrou e fez uma grande confusão sobre sua fatura, ele tomou isso como sua oportunidade para me demitir por não ser uma profissional qualificada.

—Que se foda.

—Eu acho que se eu fosse ainda teria um emprego. —Brinquei.

Ele riu.

—Os médicos são egocêntricos. —Eu disse. —Eles acham que todos devem tratá-los como deuses.

—Eles são apenas pessoas como todas as outras.

—Exatamente. —Eu concordei.

—Então você foi demitida e veio para cá?

—Algo assim. —Eu não ia contar a ele todos os meus segredos.

Alguns minutos de silêncio se passaram entre nós. —Você tem um emprego?

—Eu costumava ter um. —Respondeu ele, sentando e apoiando os pés no parapeito da varanda.

Era muito difícil ter uma conversa com alguém que não queria.

—Quanto tempo você ficará por aqui? —Perguntou ele.

—Eu deveria ir para casa amanhã, mas estendi por mais uma semana ou algo assim.

—Mais uma semana, hein?

—Não se preocupe. Eu não vou tocar fogo em mais nada. —Eu brinquei.

Ele sorriu. Ele não sorria muitas vezes ou por muito tempo, mas eu vivi para aqueles breves momentos de felicidade que passavam por seu maxilar forte, não barbeado.

—Talvez possamos sair. Você pode me ensinar a surfar? —Eu sugeri.

—Não. —Disse ele hesitando, mantendo seu olhar longe do meu. —Eu não sou uma boa companhia.

Ele não estava mentindo sobre isso. Mesmo assim, sua rejeição doeu. Todas as vezes que Blake me disse que ninguém mais iria me querer ressurgiram no fundo da minha mente.

—Certo. —Eu me levantei da cadeira e joguei meu copo e prato em um saco de lixo nas proximidades. —Bem, obrigada pelo hambúrguer. E por ter vindo com um extintor. Eu vou ter que comprar um para a tia Ruth antes de ir.

Ele fez um barulho e não olhou para longe da vista. A tensão entre minhas omoplatas não melhorou até que eu cheguei em casa. Eu não tinha certeza do que acabou de acontecer, mas eu sabia que retorcia meu estômago. Decidi que, não importa quanto tempo estivesse nesta ilha, iria fazer tudo para ficar longe de Gavin.

CAPÍTULO 16

Talie

Quando você vai para a praia, pisa na areia e olha para a vasta extensão do mar, você diz para si mesmo que nada no mundo é maior. Que nada no mundo pode fazer você se sentir tão pequeno como naquele momento.

E então o sol se põe.

As estrelas iluminam o céu e brilham como uma coleção de diamantes impecáveis. Enrolada em um cobertor, sentada observando esse céu, enquanto não se ouve nada, apenas as ondas batendo contra a costa...

Isso é quando uma pessoa se sente pequena.

E a maioria das vezes em paz.

Olhei para o céu infinito quando a brisa do mar levou a minha agitação interior e trouxe certa calma sobre mim. Um certo tipo de trégua. Como se o meu coração partido e pensamentos perturbadores pelo menos por esta noite me deixariam em paz.

O vento estava frio, mas eu não estava pronta para entrar, então enrolei o cobertor de seda pura um pouco mais em torno de mim. Minha queimadura me fez sentir mais frio do que realmente estava. Amanhã eu teria que ficar longe do sol e no mínimo usar uma camisa para cobrir o pior da queimadura. Talvez eu fosse fazer compras e alugar uns filmes.

É claro que minha decisão de ficar dentro de casa não tinha nada a ver com evitar Gavin.

Era por causa da minha queimadura.

Eu tive problemas com homens o suficiente para chafurdar sem adicionar sua rejeição à lista.

Talvez ficar aqui não tivesse sido a melhor decisão. Talvez eu devesse fazer as malas e ir para casa, encarar o meu futuro e lidar com o meu passado.

E Blake estava definitivamente no meu passado.

Sinto muito que Claire teve que suportar a sua raiva, embora ele não tenha mostrado o seu lado asqueroso para muitos. Fiquei feliz por isso. Não para salvar a minha reputação, mas só porque a minha família não precisava estar sujeita à minha má escolha.

Eu estava me escondendo. Atrasando o inevitável. Quem se importava se Blake estava chateado e teria um ataque quando eu me recusasse a voltar para casa? Quem se importava se Joanna me convidaria para almoçar e se sentaria silenciosamente (e não tão silenciosamente) me julgando?

De repente, eu me senti extremamente cansada. Cansada de tentar ser quem os outros queriam que eu fosse. Tentando dizer a mim mesma que se eu apenas tentasse um pouco mais, minha vida se enquadraria.

Um movimento ao lado chamou a minha atenção e eu me sentei, virando na direção das escadas. Uma figura saiu da escuridão em minha direção. Seu cabelo loiro estava coberto por um boné de beisebol e ele estava finalmente vestindo uma camisa, uma branca que parecia brilhar contra a escuridão da noite.

—Oi. —Disse ele, aproximando.

—Oi. —Eu respondi, sem saber o que dizer. Fiquei surpresa ao vê-lo. Pensei que ele não fosse uma boa companhia.

—Posso me sentar? —Ele apontou para a cadeira ao meu lado.

—Claro.

Ele sentou-se na cadeira, com os cotovelos descansando em seus joelhos. Sentei-me, sentindo que ele obviamente veio aqui para dizer algo, assim eu esperaria ele dizer.

—Eu sou um idiota. —Disse ele, girando um pouco para que suas palavras pudessem ser ouvidas sobre a rajada do vento.



—Você acha?

Vi o clarão dos seus dentes brancos. —Eu mereci isso.

Eu certamente não ia negar. Seu comportamento mal humorado e sexy provavelmente precisava de algum tipo de medicação.

Gavin soltou um suspiro pesado e depois parou abruptamente. Ele colocou as mãos nos quadris e olhou para a escuridão, mantendo as costas viradas para mim.

—Eu não estou disponível. —Disse ele.

O pânico floresceu no meu peito e um sentimento doentio espalhou por todo o meu corpo. —Você disse que vivia sozinho.

Ele tinha namorada? Uma esposa? Talvez ela estivesse fora da cidade? E se eu tivesse feito com outra mulher o que fizeram comigo? O pensamento me deixou doente. Eu sabia como era ter alguém que você amava e confiava se aproveitando disso, para fazer você se sentir como se não fosse o suficiente. Não poderia fazer isso com outra pessoa. Não conseguiria.

—É verdade. —Respondeu ele, virando para olhar para mim.

Olhei para cima, o martelar do meu coração fazendo suas palavras mais difíceis de ouvir.

Ele inclinou a cabeça para o lado e olhou para mim. —Não estou envolvido com ninguém.

—Oh... —Eu suspirei de alívio e o sentimento doentio começou a aliviar. —Ser a outra não está na minha lista de coisas a fazer.

—Sim e ser um trapaceiro, mentiroso e idiota não está na minha.

Acho que isso significava que ele era contra a traição.

—Então? —Eu perguntei, deixando a questão oscilar na brisa.

Ele se inclinou para trás contra o parapeito e olhou para mim. —Eu não estou disponível emocionalmente. Eu vivo aqui para ficar sozinho. Não tenho espaço na minha vida para alguém. Não posso sair. Não posso falar da minha vida. Eu só...Não posso.



A dor por trás de suas palavras fez meu coração apertar. O que aconteceu?

—Mas você pode fazer sexo? —Perguntei. Gavin pode ter tido um tempo ruim, mas ele não era o único. E ele não se safaria tão facilmente.

—Eu sou um cara. —Disse ele, como se isso explicasse tudo.

Acho que isso meio que explicava. Ele tinha desejos, necessidades. Não era o mesmo comigo? Eu não estava faminta por contato humano, por um orgasmo que rasgasse o corpo? Eu não poderia julgá-lo por algo que eu era culpada também.

—Eu não estou disponível também. —Eu disse. —Emocionalmente.

Ele acenou com a cabeça como se já tivesse percebido. —Eu não deveria ter sido um idiota com você.

—Está tudo bem. —Eu disse, querendo dizer isso.

Ele me estudou por longos momentos quando uma forte rajada de vento veio do mar. Eu tremi e me enrolei ainda mais no cobertor. Gavin se moveu, agachando na frente da minha cadeira e agarrando as extremidades do cobertor.

Dessa forma, podia ver a intensidade dos seus olhos. Eu podia ver a vulnerabilidade que ele sentia vindo aqui... Eu também podia ver o desejo.

—Eu não posso te oferecer nada. —Ele sussurrou. —Mas estou pedindo algo.

—O quê? —Sua proximidade era inquietante. Calor queimando através de minhas veias quando estudei a forma como sua camiseta se estendia sobre seus ombros largos. Necessidade ofuscou meus pensamentos quando sua mão apertou o cobertor e cuidadosamente me puxou um pouco mais perto.

—Eu quero você. Quero passar a próxima semana enterrando o meu pau dentro do teu corpo. Eu quero ouvir esses pequenos sons de prazer que você faz antes de se render ao orgasmo. Quero acesso irrestrito até você ir.

Minha voz ficou presa na garganta. Ele estava me fazendo uma proposta para sexo.

—Eu não vou responder suas perguntas sobre a minha vida. Não vou te perguntar nada sobre a sua. Não vamos namorar. As emoções serão deixadas para trás. Isso é apenas sexo. Eu não posso te dar qualquer coisa, mas prometo que vai ser bom.

A minha calcinha molhou. Claramente, eu não estava ofendida por sua proposta sem compromisso. Na verdade, nada soou melhor. Eu não precisava de complicações na minha vida e sexo com ele não seria nada além de puro prazer.

Nós nos encaramos por vários momentos. O calor de suas mãos reverberando através do meu cobertor e aquecendo a minha pele. Quando me mexi, ele me liberou e sentou-se. Levantei e deixei o rastro de cobertor atrás de mim quando fui para as portas deslizantes da casa.

Ele me observou ir sem dizer uma palavra. Assim que eu estava dentro, com o brilho da lâmpada iluminando o chão do deck, me virei. Nossos olhares se encontraram.

Abri a porta tanto quanto era possível e então me afastei, silenciosamente dando-lhe a minha resposta. Gavin se afastou da cadeira e se aproximou da minha direção através da areia com passos lentos, sem pressa.

CAPÍTULO 17

Talie

Ele era insaciável. Fizemos sexo três vezes após ele entrar. Uma vez no chão, outra contra a parede e ainda outra contra o balcão da cozinha.

Tia Ruth provavelmente ficaria horrorizada.

Nunca estive tão satisfeita.

Depois da terceira vez ele me carregou para o sofá, onde nós dois caímos suados e exaustos e em algum momento adormeci. Acordei com o sol fluindo através das portas e Gavin havia ido embora.

Meu corpo doía em lugares que não doía há anos enquanto eu caminhava para o banheiro para um banho longo e quente. Cansada não era bem a palavra que eu usaria para descrever como eu me sentia. Eu estava definitivamente relaxada, mas também nunca tinha me sentido melhor.

Deus, as coisas que ele fez ao meu corpo foram incríveis. Ele sabia exatamente onde tocar, onde acariciar e quando ir duro em mim. Francamente, fiquei feliz por ele não estar aqui. Poderia ficar envergonhada por todo o barulho que fiz ontem à noite. Eu não ficaria surpresa se minha voz estivesse rouca.

O jato quente do chuveiro era simplesmente incrível. Fiquei debaixo da água, deixando-a cobrir o meu corpo, deixando-a lavar os restos de ontem à noite. Não fiquei triste porque sabia que ele voltaria. Eu não sabia quando iria acabar, mas sabia que não tinha visto Gavin pela última vez.

Eu não podia suportar o calor da água contra a minha queimadura por muito tempo, então me afastei e ajustei a temperatura. Lavei meu cabelo primeiro, percebendo a forma como as bolhas deslizaram sobre o meu corpo no seu caminho para o ralo. Eu estava tão consciente de mim mesma, do meu corpo... de todas as coisas que me fez sentir.

Era como se Gavin de alguma forma tivesse ligado um interruptor dentro de mim e cada coisinha que perdi antes agora sentia dez vezes mais.

Virei depois de enxaguar a espuma e deixei o jato acariciar meu rosto, dando um suspiro de apreciação.

O ar frio do banheiro soprou no meu traseiro quando a porta do box abriu. Eu girei, piscando a água de meus cílios.

Gavin estava lá completamente nu, com os olhos azuis brilhando. Eu dei-lhe um sorrisinho, surpresa em vê-lo novamente tão cedo. Novas chamas de desejo acenderam, aquecendo o interior do meu corpo. Oh, eu o queria. Acho que nunca deixaria de querer.

Mas eu estava um pouco nervosa se o meu corpo seria capaz de aceitá-lo. As dobras da minha vagina estavam doloridas e inchadas da maratona de sexo da noite passada.

Ele não disse nada, apenas pegou a barra de sabonete e ensaboou as mãos. Virei-me, dando-lhe as minhas costas e a sensação de suas mãos grandes e ensaboadas deslizando sobre a minha pele foi incrível. Ele massageou meus músculos tirando a tensão deles, realmente me dando esse sentimento de relaxamento.

Suas mãos desceram, cada palma segurando minha bunda quando ele deu um aperto.

—Porra, eu amo o seu corpo. —Ele murmurou, pressionando seus lábios contra o lado do meu pescoço. Senti a ponta de sua língua lamber as gotas d'água em minha pele. —Suas curvas são perfeitas. Me dá algo para segurar enquanto deslizo dentro de você.

Eu tremo. Ele gostava de falar. Ele gostava de me dizer o que ia fazer comigo e quando. Era extremamente erótico. Ele mudou, dobrando os joelhos, sua dureza roçando contra a minha bunda. Depois de se esfregar em mim por alguns minutos, suas mãos voltaram a lavar a parte de trás das minhas pernas e o interior das minhas coxas.

Suas mãos descaradas deslizaram para cima, para minha virilha, sondando os cachos aparados do meu sexo e escorregou um único dedo pelas minhas dobras. Ele rosnou quando sentiu quanto eu estava úmida, ansiando por ele e mordiscou o meu ombro.

Subindo, ele continuou até que ambas as mãos estavam cheias com os meus seios e me puxou de volta contra ele, minhas costas contra a sua frente quando ele acariciou os meus seios inchados. Uma mão agarrou meu queixo e ele virou a minha cabeça para o lado para que pudesse cobrir meus lábios com os seus.

Riachos de água deslizaram entre nós quando nos beijamos, parte da água entrando na minha boca e na dele. Ele se curvou ao meu redor para que o jato não atingisse meus olhos, apenas os ombros, como se fosse meu guarda-chuva pessoal.

Quando dei por mim, ele estava nos virando então eu estava fora do jato e a água caía em cascata sobre suas costas enquanto ele se ajoelhava na minha frente. —Abra para mim. —Ele rosnou.

Eu apoiei um dos meus pés na borda da banheira e o outro contra a parede.

Ele olhou para mim com gotas de água em seus cílios, realçando o azul cobalto de seus olhos. Água escorria sobre suas bochechas e lábios. Os dedos dele abriram minhas dobras. —Você está dolorida? —Perguntou ele, tocando na carne inchada, mas molhada.

—Um pouco. —Eu admiti.

Gavin abriu a boca e cobriu o meu clitóris. Ele era gentil, cuidadosamente lambendo e sugando toda a área até que minhas pernas tremiam tanto que eu não podia ficar de pé.

Ele me liberou para me carregar e me colocar longe do chuveiro. A água estava um pouco mais fria, mas só estava batendo contra os meus pés. Gavin abriu minhas pernas e posicionou seus joelhos entre elas. Ele parecia uma espécie de modelo com água caindo por todo o seu corpo bronzeado.

Seu cabelo estava molhado, mais escuro do que o normal e pairava sobre a testa, pingando ainda mais água em seu rosto. Ele ainda não tinha raspado a barba e gotas de água se agarravam a ela, como em seus cílios.

Ele voltou para me lamber novamente e eu fiz um ligeiro som de protesto mas também de prazer. Ele ergueu a cabeça, olhando para cima em meu corpo.



—Peça.

—Não. —Eu recusei.

Ele ergueu as sobrancelhas. —Não?

Eu balancei a cabeça. —Eu quero que você saiba. Eu quero que você me dê exatamente o que eu quero sem ter que pedir.

Um sorriso de conhecimento curvou seus lábios. Ele veio para cima de mim, seu pau molhado e duro, deslizando direto contra a minha abertura.

Eu gemi.

—Eu não quero te machucar.

Abri os olhos e o olhei. Eu sei que eu não deveria querer conhecê-lo, que quem ele era realmente não importava. Mas este tipo de atitude dizia muito sobre uma pessoa.

Ele poderia ter socado em mim. Ele poderia ter me reivindicado mais ou menos como fez antes. Mas não fez isso. Ele sabia que eu estava dolorida. Querendo admitir ou não, ele se importava comigo. Pelo menos fisicamente.

—Você não vai. —Eu sussurrei, tocando seu rosto.

Ele fechou seus olhos azuis, que realmente se tornou a minha cor favorita, e deslizou dentro mim, oh, tão cuidadosamente.

Não foi como nas outras vezes. Isto não foi rápido e com força. Gavin tomou seu tempo. Entrando e saindo de mim com delicadeza. Não doeu nada. Meu corpo o conhecia agora. Ele o aceitava... Confiava nele.

Enquanto ele se movia, eu arrastava meus dedos sobre seu corpo, dedilhava os gomos de seu abdômen e agarrava forte a sua cintura. Nunca me senti assim antes. Nunca me senti tão envolvida com alguém. Ele era tudo o que eu via, tudo o que eu queria ver.

Eu não o conhecia realmente. Mas eu o sentia. Era como se tivéssemos nos ligado em um nível completamente diferente, um que era além de saber a cor favorita do outro e que nos guiou até aqui.

Eu senti o aperto familiar do meu interior e eu sabia que o clímax estava perto. Era quase triste. Eu sentiria falta dele dentro de mim.

Olhei para cima. Ele estava me observando. Seus olhos estavam observando meu rosto como se nunca tivesse me olhado antes. Nossos olhos se conectaram. A química nos uniu, a emoção subiu e eu sabia que ele podia senti-la entre nós.

Era muito forte para negar.

—Você precisa gozar querida. —Disse ele, incapaz de olhar para longe. Seu pescoço tencionou enquanto ele segurava sua própria libertação.

Eu suguei a água do meu lábio inferior e acenei com a cabeça. Ele empurrou um pouco mais fundo, seu comprimento massageando a parede interna da minha vagina.

O prazer floresceu como uma flor pelos raios quentes do sol. Espalhou-se pelo meu corpo, deixando-me fraca. Segurei seu olhar, mesmo depois que minha visão ficou embaçada. Eu queria que ele visse como me afetou, o jeito que fez meu corpo tremer.

Senti o gozo dele derramar dentro mim. Eu o acolhi. Ele estremeceu com a sua libertação enquanto a água do chuveiro continuava a derramar sobre nossos corpos.

Nenhum de nós se moveu, mesmo quando a água esfriou completamente. Não era como se eu tivesse sentindo de qualquer maneira. A única coisa que eu podia sentir era ele.

Gavin mudou o seu peso e estendeu a mão, afastando os fios molhados de cabelo do meu rosto. Nossos olhos se encontraram mais uma vez e algo passou entre nós. Algo mais do que atração física.

Aproximei meu rosto de sua mão sem pensar. Acariciou meus lábios com o polegar. Abaixando-se, ele roçou o lado da minha boca com a sua mão carinhosamente escovando um beijo contra a minha carne.

Olhei para ele e sorri.

O momento foi perdido.

Era quase como se eu pudesse ver a realidade rastejando sobre ele. As correntes que o amarravam puxando-o assim que ele estava começando a se abrir.

Ele engoliu em seco, pânico cruzando suas feições. Ele se afastou de mim, colocando espaço entre nós.

Então me deixou lá no chuveiro, com a água fria caindo em mim.

CAPÍTULO 18

Talie

Gavin me procurou mais duas vezes no decorrer dos três dias seguintes. Ambas às vezes no meio da noite. Ele entrava no meu quarto no escuro e escorregava entre os lençóis trazendo o corpo dele ao meu.

Ambas às vezes eu estava dormindo e ele me acordava lentamente, usando sua boca e mãos. De manhã, eu acordava e ele não estava lá, deixando-me pensar se tinha sido apenas um sonho.

Eu sabia que não tinha sido por duas razões:

1. As partes internas da minha coxa ficavam pegajosas de seu gozo.

2. Sonhos não poderiam ser tão bons.

Ambas as manhãs eu me sentava no deck com uma caneca cheia de café e fingia olhar para a vista. Mas não estava vendo a vista. Eu estava revivendo o jeito que ele fez meu corpo formigar. Estava lembrando o som de seus suspiros no escuro.

Eu sabia por que ele estava aparecendo à noite. Era por causa dos sentimentos. Os sentimentos que continuavam borbulhando até a superfície sempre que ele olhava nos meus olhos ou entrava no meu corpo. Ele pensou que vindo quando eu estivesse dormindo mudaria isso. Ele pensou que a escuridão tornaria o que há entre nós mais difícil de ver.

Não tornaria.

Eu poderia ser cega e ainda veria o jeito que ele me fazia sentir.

O que começou como química intensa foi lentamente se transformando em algo mais.

Ele estava assustado. Eu também estava.

Blake me machucou. Ele me machucou mais do que eu imaginei. Ele estava me machucando muito antes de eu pegá-lo me traindo. Ele me machucou quando agiu como se eu fosse menos que ele, como se eu tivesse o privilégio de ser escolhida por ele. Ele me rebaixou de maneiras

que eu nunca vi até que dei um passo muito grande para trás e realmente olhei. Sei que Blake provavelmente me amou, mas não gostei da sua versão de amor.

Mas apesar de Blake não ter sido bom para mim, eu o amava. Que em si era a coisa mais assustadora de todas. Porque se Blake "O homem que eu amava" tinha muito poder para me machucar, então Gavin... Bem, Gavin tinha o poder de me despedaçar completamente.

O que eu sentia por Blake era apenas um quarto do que eu sentia por Gavin.

Eu nem estava apaixonada por Gavin. Ainda não. Mas eu não iria conseguir impedir a queda do meu coração. Eu deveria ir até lá e dizer que o acordo estava acabado. Deveria dizer a ele que cansei de ser seu encontro sem compromisso.

Não conseguiria.

Ele era como uma droga e eu estava viciada. O meu corpo ansiava por ele como se ele fosse água. Havia algo intoxicante em estar em sua presença. Parece que cada coisinha, até o jeito que eu respirava, era intensificado quando Gavin estava perto.

Quando este caso acabasse... Eu tinha muito medo do que aconteceria.

Ouvi a porta do seu deck abrir e ele saiu. Ele estava comendo um pacote de bolinhos, de pé apoiado no parapeito só de cueca olhando para o oceano. Seu cabelo estava bagunçado do sono. Ele não olhou para este lado. Eu tinha certeza que ele não sabia que eu estava olhando.

Ele era um homem bonito.

Lindamente quebrado.

Algo o destroçou. Eu não sabia o que era ou quando aconteceu, mas eu sabia que ele estava quebrado. Ele achava que não podia ser recuperado, mas eu pensava diferente. Vi os sinais de vida através dos seus olhos. Eu vi os lampejos dela quando ele pensou que eu não estava olhando. Gavin pode estar quebrado, mas alguns pedaços podem ser juntados novamente.

Ele se virou do parapeito e olhou em minha direção. Ele me pegou observando. Ele enfiou o resto de seu bolinho na boca e acenou para mim enquanto mastigava.

Deixei o cobertor na minha cadeira e andei pela areia, usando um shorts de pijama e um top sem sutiã. Ele estava de pé no topo da escada, esperando e quando pisei no deck, ele pegou o café de minhas mãos e tomou um gole da caneca.

Algo na minha barriga se contorceu com o conhecimento de que ele estava dividindo meu copo. Sim, é bobo, eu sei. Fizemos sexo muitas vezes. Nós dividimos mais do que jamais poderíamos apenas por compartilhar uma caneca. Mas algumas coisas eram muito íntimas assim.

—Estou sem café. —Disse ele, entregando a caneca de volta para mim.

—Fique com ele. —Eu respondi. Eu estava muito ocupada sonhando acordada para beber, de qualquer maneira.

Ele deveria estar sonhando acordado também, porque pegou minha mão e me puxou junto a ele em direção a uma poltrona. Ele sentou e me colocou em seu colo.

Os braços de Gavin me rodearam, suas mãos segurando a caneca na nossa frente. Seu queixo descansou no meu ombro nu. —Está frio esta manhã. —Disse ele, sua voz suave.

Meus olhos se agitaram e algo em mim se estilhaçou. Se houvesse alguma esperança de manter meus sentimentos a salvo dele, eu não poderia ficar sentada aqui no colo dele, sendo acariciada como se ele quisesse me proteger do vento.

Mas, Oh meu Deus, eu não conseguia me mexer.

Estar em seus braços assim era como o paraíso. Meu estômago vibrou de emoção, era como se tivessem mil borboletas lá dentro. Parecia que esperei a minha vida inteira para ser abraçada por alguém dessa forma e o momento finalmente chegou.

Por favor, Deus, não deixe este momento ser passageiro.



Arrisquei e me permiti relaxar, deixando-o segurar a maioria do meu peso. Ele me puxou para mais perto dele, tão perto que eu podia sentir sua respiração quente contra o meu pescoço.

Fechei meus olhos, tentando memorizar este sentimento, querendo guardá-lo. Este sentimento era quase mais intenso do que o sexo. Ele estava fazendo o seu caminho para o meu coração. Eu tinha que me lembrar. Eu tinha que me lembrar desse sentimento, assim quando ele se fosse eu nunca me esqueceria.

Gavin puxou um dos seus braços para trás para que pudesse beber mais do café. Quando terminou, senti que ele me estudava. —Você está bem?

Virei-me para olhá-lo por sobre o meu ombro. Ele estava incrivelmente próximo. Meu coração inchou só de olhar para ele. Eu sorri e acenei com a cabeça.

—Hum humm.

—Venha aqui. —Ele murmurou, deixando de lado a caneca e me puxando para perto. Descansei minha bochecha contra o seu ombro nu e dobrei meus joelhos contra o meu peito. Ele era muito maior do que eu e quando me abraçou, eu fui totalmente cercada.

Seu aroma de coco suave estava ao meu redor e eu respirei fundo, deixando meus olhos se fecharem.

—O que vou fazer com você, Talie? —Ele ponderou, quase como se estivesse falando consigo mesmo.

Me ame.

O pensamento me pegou de surpresa. Meu interior parou enquanto o resto do mundo continuava se movendo. Eu queria que Gavin me amasse?

Eu o amava?

Meu coração começou a martelar, batendo ferozmente no meu peito. O amor estava fora de questão. Não era possível. Eu não podia terminar um relacionamento então, logo em seguida dar meu coração para outro.



—Talie? —Gavin perguntou, baixando seu queixo para me olhar. —O que está errado?

Ele estava captando os meus sentimentos. Ele podia sentir a mudança no ar. Estávamos tão conectados por algum tipo de química invisível que eu nem podia surtar sem ele perceber.

Sentei-me. Gavin segurou meu braço com sua mão grande, como se fosse minha âncora em um mar agitado. Olhei para ele com olhos arregalados, tentando entender o que diabos estava acontecendo comigo.

—Seus olhos são da cor do mar. —Ele murmurou. —Um verde nebuloso.

—Gavin... —Eu comecei. As palavras borbulhavam dentro de mim como uma poção de bruxa, ameaçando derramar entre nós. Ele colocou um fio de cabelo loiro rebelde atrás da minha orelha e esperou que eu continuasse.

Em algum lugar ao lado, um telefone tocou.

Ele suspirou. —Eu não deveria ter trazido essa coisa para cá.

—Você tem um telefone? —Eu disse surpresa.

Ele riu. —Eu não sou um eremita completo.

Ele ficou de pé, me levando com ele e me colocando na cadeira sozinha. Observei os músculos fortes em suas costas quando ele agarrou o telefone da cadeira atrás de nós. —Sim? —Disse ele em forma de saudação.

—Ei, Stitch. —Disse ele e um pouco de seu humor despreocupado desapareceu.

Eu olhei ao redor da cadeira, observando enquanto ele andava no deck.

—Sim, sim, eu sei. —Disse ele, correndo uma mão por seu cabelo.

Pausa.

—Eu disse que não estou pronto. —Ele se exasperou, afastando-se de mim. Tensão irradiava de seu corpo.

Outra pausa.

—Quando? —Ele suspirou e praguejou. —Hoje!

Eu não sei se a pessoa do outro lado da linha teve tempo para responder ou não, porque então ele rosnou. —Por que você não me disse isso antes?

Ouvi uma voz se elevar do outro lado, mas não conseguia entender o que estava dizendo.

—Tudo bem. —Gavin vociferou.

Mais conversa.

—Sim, estarei lá. —Ele fez uma pausa novamente. —Eu não sei.

Ele girou, lançando-me um olhar. O que quer que tenha acontecido entre nós, aqueles momentos suaves... eles tinham acabado.

—Sim. Vejo você então. —Ele desligou o telefone e abriu a porta dos fundos, jogando-o para dentro.

—Quem era? —Perguntei.

—Eu disse que não vou falar sobre a minha vida. —Ele surtou.

Levantei do meu assento. —Era só uma pergunta! —Eu gritei. —Você foi o único que me chamou aqui. Você quem me puxou para o teu colo. Você é o único que me fez ter sentimentos.

Os olhos de Gavin estreitaram. —Eu lhe disse para não sentir nada.

Oh merda, eu ia chorar.

—Não se incomode em vir hoje à noite. —Falei, levantando o meu queixo. —A porta estará trancada.

Saí do deck, correndo pela areia e entrando na minha casa. Salty estava sentado no chão perto da porta quando corri para dentro. Eu explodi em lágrimas no segundo em que a porta se fechou.

—Idiota! —Eu disse a mim mesma e me joguei no sofá, enterrando minha cabeça em uma almofada. Os soluços vieram mesmo eu tentando impedir. Uma vez que começaram não consegui pará-los. Fiquei deitada e chorei até que as lágrimas se esgotaram.

Devo ter sido muito patética porque Salty, o gato que me odiava, pulou ao meu lado e começou a ronronar.



—Ele me disse para não sentir nada, Salty. —Disse ao gato. —Mas eu não ouvi.

CAPÍTULO 19

Talie

Passei o restante do dia lá dentro. Não muito tempo depois que me levantei do sofá para tomar um banho, densas nuvens escuras encobriram o oceano e relâmpagos e trovões riscaram o céu. Eu assisti da janela enquanto a água se tornava agitada e violenta e então a chuva começou a cair.

A tempestade se encaixava exatamente com meu humor, apreciei, ainda bem que o sol não estava zombando de mim com seus raios brilhantes.

Eu sabia mais do que isto.

Me engane uma vez, vergonha para você. Me engane duas vezes, vergonha para mim.

Blake enganou-me e o culpei por isso. Mas o que acabou de acontecer com Gavin, a culpa era minha mesma. Ele me disse. Ele disse que não estava disponível. Ele falou na minha cara que tudo o que queria era sexo. Eu concordei. Diabos, eu também pensei que não estivesse disponível.

Acho que meu coração nunca recebeu o memorando.

—Coração estúpido. —Murmurei.

Talvez eu estivesse apenas delirando. Talvez eu não tivesse sentimentos tão fortes por Gavin como eu suspeitava. Talvez a mágoa e humilhação pelo que Blake fez me enviou num efeito rebote que terminou em rejeição.

A rejeição não era boa para uma mulher que acabou de ouvir que não podia satisfazer as necessidades do próprio marido.

Sim, era isso.

Ao invés de estar apaixonada por Gavin, eu era apenas uma idiota ignorante.

Bem, não me senti melhor?

(Eu realmente não me sinto melhor).

Fiz pipoca de micro-ondas encharcada de manteiga e sentei em frente à televisão. Estava passando uma maratona de filmes sobre homens traidores e mulheres que foram pegas em sua teia de engano e traição. Parecia com a minha vida, então eu me acomodei para assistir. Até mesmo Salty sentou-se ao meu lado, o que no início me deixou extremamente nervosa. Quero dizer, o gato não tinha feito nada além de praticamente ameaçar a minha vida com um olhar de morte desde que cheguei aqui.

Mas então ele se enrolou numa pequena bola macia e fechou os olhos. A suavidade do seu pelo era uma coisa reconfortante contra a minha perna. Talvez eu gostasse de gatos.

A tempestade rugia enquanto Salty e eu (ok, principalmente eu) comíamos pipoca e assistíamos filmes. Meu telefone tocou algumas vezes, mas eu ignorei. Não estava com vontade de falar com ninguém.

Estava no meu terceiro filme sobre uma mulher que escapou de um marido abusivo, cortou todo o seu cabelo e estava escondida em outro estado. O marido psicopata a encontrou e estava na porta de sua nova casa perseguindo-a. Ele estava escondido no armário do quarto dela... Claro que ela chegou em casa no escuro (as pessoas nunca ligam as luzes?), entrou em seu quarto e tirou a camisa (é claro que ela seria atacada de sutiã) e seu marido escolheu esse momento para sair do armário.

Eu gritei.

A batida na porta era muito realista.

Exceto que a batida continuou depois que ela correu para fora do quarto.

Salty animou-se e estava olhando para as escadas que levava até a porta. O barulho não estava na televisão, estava aqui. Na minha porta da frente.

O único que poderia estar ali era Gavin, mas eu lhe disse para não vir. Além disso, mesmo que fosse, ele viria pelo deck. Claire? A batida

continuou enquanto eu lentamente levantava do sofá. No caminho para as escadas, peguei meu celular. Talvez tivesse sido a Claire. Ou talvez a tia Ruth estivesse em casa.

Andei pelas escadas enquanto apertava o botão para acender a tela do meu telefone. A batida ainda era insistente. Por alguma razão, o fato de que a pessoa fosse tão agressiva em sua batida me deixou extremamente nervosa.

Minhas mãos estavam úmidas quando levantei o telefone para olhar as minhas mensagens. Eu tinha várias da Claire.

Talie preciso falar com você!

Talie, atenda o telefone!

Quando você chegar em casa, vou bater em você!

Está bem, não vou.

Por favor, Talie! Atenda.

Bem. Blake descobriu onde você está. Ele está a caminho.

Parei e olhei para a porta branca com apenas uma janelinha no topo. Blake estava vindo?

Batida mais insistente.

—Eu sei que você está aqui, Talie! Abra a maldita porta!

Bem, merda. Como se este dia não tivesse sido perfeitinho o suficiente.

Meu futuro ex-marido traidor estava aqui.

CAPÍTULO 20

Talie

Pensei em não abrir a porta. Eu não precisava. Mas isso parecia um pouco infantil. Ele tinha dirigido até aqui. Talvez houvesse algo que ele realmente precisasse falar. Talvez houvesse algum tipo de emergência.

Com um suspiro, abri a porta.

Blake estava lá com a chuva batendo nos ombros e encharcando o seu cabelo. A pequena saliência na porta da rua não oferecia muita proteção.

Nossa, que pena.

—Você demorou a abrir a porta! —Disse ele, correndo para dentro da casa. —Estou encharcado.

Não me ofereci para lhe dar uma toalha. —Por que você está aqui, Blake?

Ele tirou o casaco e depois olhou para mim. —Que diabos você fez com seu cabelo?

—Cortei. —Respondi desafiadoramente, enrolei o dedo nos curtos fios ondulados.

—Você pode repará-lo. —Disse ele, como se a minha opinião não importasse muito.

Ele havia sido assim todo o nosso casamento? Claro que não. Eu teria notado. Certo?

—Eu gosto assim. —Declarei, mantendo minha posição.

Ele olhou para mim antes de subir as escadas. Nem sequer respondeu. Será que as minhas palavras sequer requerem uma resposta?

Subi as escadas atrás dele, observando como ele estudava a casa com seu olhar de construtor. Tenho certeza que este lugar era muito

pequeno, antiquado e pitoresco para ele. Tudo que pensei que o tornava especial.

Acontece que todas aquelas coisas chiques que ele disse que nós iríamos ter, não eram tão importantes para mim depois de tudo. Preferia ter um homem que me amasse.

Um homem como Gavin.

Empurrei para longe o pensamento.

—Bela vista. —Disse ele.

—Você não veio aqui para falar sobre a vista.

Ele girou e observou a minha aparência da cabeça aos pés. Ainda estava de pijama. Voltei a vesti-lo depois do banho. Ainda não estava usando um sutiã e não tinha me incomodado com uma gota de maquiagem desde que cheguei aqui.

—Você já teve seu tempo para fazer birra. Pegue suas coisas para que possamos ir para casa.

Como ele ousa vir aqui e falar comigo desse jeito! —Birra? —Surtei. —Você acha que vim aqui para fazer birra? Eu vim aqui porque não podia olhar para a sua cara.

—Eu sei que você foi demitida de seu trabalho, Talie.

—Sim, bem, talvez se eu fosse um pouco mais parecida com a sua secretária, ainda teria um emprego.

Os olhos dele se estreitaram. —Ele te demitiu porque você não dormiu com ele?

—Não foi a razão oficial, mas sim.

—Esse filho da puta. —Ele murmurou. —Ele não sabe quem é a minha família?

Revirei meus olhos. —Nem todos se preocupam com quem você é Blake.

—Ele queria arruinar o meu nome. Queria começar rumores.

—Isso não era sobre você. Não tinha nada a ver com você.

—Ele estava tentando dormir com a minha esposa!

Bufei. —Por favor. Como se você se importasse. Você não estava dormindo comigo de qualquer maneira.

Seu rosto ficou vermelho beterraba. Eu gostei muito. —Talvez devêssemos ir para casa. —Comecei. —Talvez pegue meu emprego de volta, continue a manter o nome da família. Você pode ter a sua parte e eu posso ter a minha.

Parecia que uma veia na cabeça dele iria explodir. —Sua putinha. Como se atreve a falar assim comigo?

Meu estômago embrulhou. Ele nunca me xingou. —Você fez as regras, Blake. Estou apenas as seguindo.

—Você não vai me trair.

—É uma droga pensar que você não tem o que é preciso para satisfazer o seu cônjuge, não é?

Ele atravessou a sala e me agarrou pelos ombros, dando-me um pequeno aperto. Seus olhos estavam furiosos. Fiquei nervosa. Foi divertido insultá-lo, mas talvez eu tenha o empurrado um pouco longe demais.

—Nunca mais me diga algo assim. —Seus dedos apertaram a carne em meus braços, tanto que eu queria gritar.

—Você está me machucando. —Eu disse, olhando-o diretamente nos olhos. —Solte-me. —Rosnei.

Ele me libertou e recuou.

—Estou cansado disso, Talie. —Disse ele, virando as costas para mim. —As pessoas estão começando a falar. As pessoas querem saber por que você não trabalha mais no hospital. Querem saber onde você está.

Dei de ombros. —Diga-lhes que estou fora da cidade.

—Você está prejudicando o negócio. —Ele virou para olhar para mim.

—Como eu poderia prejudicar o seu negócio estando fora da cidade?

Ele olhou para mim com o maxilar trincado.

—Oh. —Eu disse, a verdade aparecendo. —Isso é sobre seu pai. Será que ele sabe?

—Sobre a minha pequena indiscrição? Sim.

—E? —Perguntei, querendo saber o que meu sogro pensava de seu filho tratando uma mulher assim.

—E ele me pediu para te dizer para superar isso e voltar para casa.

Eu ofeguei. —Ele não disse isso.

—Ele disse Talie. Ele falou que qualquer coisa que aconteça no nosso quarto precisará ficar lá. Nosso casamento não é uma questão comunitária. As pessoas não deveriam estar falando sobre isso.

—Bem, talvez você não devesse ter feito uma questão comunitária, você convidou uma vagabunda para a minha cama! —Gritei.

—Eu lhe disse que estava arrependido.

—Sim e então você me disse que faria isso de novo, apenas mais discretamente.

—Meu pai não me entregará a empresa até que você esteja em casa e aparentarmos estar felizes para a comunidade. Ele quer uma imagem de família para a empresa.

—O bebê. —Eu sussurrei, colocando a mão no meu estômago, pensando no bebê que nem estava lá. Eu olhei para ele. —Você só iria me dar um bebê porque ele mandou.

—Qual a diferença se você consegue o que quer?

Isso me deixou doente. Tão incrivelmente doente. Não acredito que desperdicei anos com ele.

—Saia. —Eu disse, minha voz rouca. Eu não achei que ele poderia me machucar mais do que já tinha feito.

Eu estava errada.

—Pegue suas coisas.

Olhei como se ele fosse um alienígena com quatro cabeças. —Eu não vou a lugar nenhum com você. Estamos acabados. Eu quero o divórcio.

—Eu não vou te dar.

—Você vai. —A raiva apareceu em mim. Uma raiva diferente de tudo que eu já senti antes.

Ele caminhou até mim, até ficarmos cara a cara e olhou para baixo (ele era mais alto do que eu também, mas todos eram). Havia um desafio em seu olhar que não tive nenhuma dificuldade em reconhecer. —Acabou. —Eu disse baixo.

—Eu não vou deixar você me tirar tudo o que eu trabalhei metade da minha vida para construir. —Ele rosnou. Ele estendeu a mão e agarrou meu braço. —Agora vá fazer as malas. Nós vamos embora.

Comecei a lutar. Apenas o mero toque da mão dele me fez querer vomitar. Meu Deus, como eu poderia ter me apaixonado por ele? Ele me apertou e um olhar de determinação cruzou suas feições.

—Solte-me.

—Não até que você saiba quem é o chefe nessa relação.

Eu ri. Não pude evitar. —Com certeza não é você.

Gritei quando as unhas dele apertaram a carne do meu braço. —Não me obrigue a forçá-la.

Nunca tinha ouvido esse tom antes. Me assustou.

Dei um último puxão violento do meu braço, ao mesmo tempo ele me empurrou para longe, em direção ao quarto. A força de nós dois me enviou voando de lado. Bati na parte de trás de uma cadeira, caindo no chão em um baque duro.

Rolei de costas e olhei para cima apenas a tempo de ver uma grande mão chegar e agarrar Blake por trás. Segundos depois, Blake foi jogado ao chão ao meu lado.

Olhei para cima, de olhos arregalados, para ver Gavin de pé lá com um olhar irritado. Ao meu lado, Blake gemeu e sentou, seu lábio rachado e sangrando, já inchando para o dobro do seu tamanho.



—Que porra é essa?! —Disse. Soou mais como: qui poa é eza.

—É melhor você ficar no chão. —Gavin ameaçou. —Porque se você se levantar, vou fazer isso de novo.

Quando Gavin se aproximou de mim, Blake vacilou. Ele me puxou para ficar de pé, seus olhos amolecendo com preocupação. —Você está bem?

Eu concordei. —Eu estou bem. Perdi o equilíbrio.

—Ele te empurrou.

—Quem diabos é você? —Blake gritou do chão.

—Ele é o vizinho. —Eu disse a ele.

—O vizinho? —Gavin disse, como se não fosse a resposta certa.

Percebi que ele estava usando uma camisa. Uma boa camisa. Era uma polo branca que abraçava seus ombros perfeitamente. Com a polo ele usava uma calça caqui da Marinha e sapatos de camurça sem cadarços. Olhei para cima para ver que seu cabelo estava realmente penteado e não pairando sobre a testa. —Você está vestindo roupas. —Eu disse, chocada.

Ele riu.

No chão, Blake começou a gaguejar. —Você já viu ele sem roupas!

Nós o ignoramos.

—Eu tinha que estar em outro lugar.

Comecei a perguntar onde e então me lembrei de que não podia fazer perguntas. —Oh.

—Talie. —Ele disse. —Eu preciso explicar.

—É sério? —Ele ia mesmo me contar alguma coisa sobre ele? Só a perspectiva me fez vibrar por dentro.

—Sim. Eu... —Blake ficou de pé, cortando a conversa que eu realmente queria ter. —Estávamos no meio de algo. —Disse ele a Gavin. —Você deve sair.

Gavin parecia que ia socá-lo novamente e enquanto que poderia ser divertido, eu não estava com vontade de separar esses dois. Coloquei uma mão gentil no braço de Gavin e Blake pareceu ter engolido uma melancia.

—Blake já estava de saída. —Eu disse.

—Eu não estava.

—Blake. —Eu disse, irritada e cansada. —Eu não vou voltar com você. Eu realmente quero dizer isso.

Blake começou a dizer algo, mas Gavin o cortou.

—Você está indo a algum lugar com ele? —Ele olhou entre nós. —Talie, quem é esse cara?

Blake disse arrogantemente. —Sou o marido dela.

CAPÍTULO 21

Talie

Era a vez de Gavin parecer ter engolido uma melancia. O choque em seu rosto era palpável e doeu demais assistir a série de emoções atravessarem seus olhos.

A declaração de Blake o machucou.

Eu não queria machucá-lo.

Eu precisava falar com ele a sós. Para explicar. Virei-me para Blake e dei-lhe o olhar mortal que aprendi com Salty. —Saia.

Os olhos de Blake se arregalaram. —Você está envolvida com ele?

—Não. —Respondi. —Mas mesmo se estivesse, não seria da sua conta.

—Eu sou seu marido! —Ele gritou.

—Não mais. —Eu o lembrei. Passei por ele e corri escada abaixo, abrindo a porta da frente. Ainda estava chovendo e a água entrava pela porta, molhando o piso, mas eu não me importava.

—Fora.

Blake finalmente desceu as escadas, dando-me um olhar como se eu fosse uma completa estranha. —Eu vou lutar com você sobre isso.

Eu me elevei e olhei-o nos olhos. —Vá em frente. Não vou desistir. Faça o seu pior. Quando eu voltar, vou dizer a todos na cidade exatamente quem você é. Quando acabarmos, ninguém te contratará, muito menos o seu pai.

Ele empalideceu.

—Quando você receber os papéis do divórcio vai assiná-los.

Ele saiu para a chuva e virou-se. Por um momento fugaz, vi o Blake por quem me apaixonei. O Blake que pensei ter me casado. Mas então ele se foi.

Bati a porta na cara dele e tranquei. Antes de voltar para cima, me inclinei contra a porta, tentando recuperar o fôlego. Foi uma cena feia com Blake. E se eu fosse honesta comigo mesma, uma cena como essa era a razão pela qual eu estava me escondendo aqui na praia. Mas acabou. Eu lidei com ele. Me senti bem. E a julgar pelo olhar na cara do Blake, eu iria me divorciar, no final das contas.

Ouvi um barulho lá em cima e pensei em Gavin. Lidar com ele não ia ser tão fácil. Eu me importava com ele profundamente e essa conversa provavelmente iria doer.

No topo das escadas, parei e olhei ao redor da sala. Estava vazia. Eu exalava uma respiração trêmula, percebendo que Gavin tinha ido embora. Lágrimas encheram meus olhos e eu coloquei minha cabeça em minhas mãos. Esperava que ele pelo menos me deixasse explicar.

Acho que isso me disse tudo que eu precisava saber sobre o que ele sentia por mim.

Caminhei até o sofá, usando a bainha do meu pijama como um lenço e me sentei. Um barulho me fez virar. Gavin estava saindo da cozinha, um pacote de bolinhos e uma toalha na mão.

Ele ficou.

—Você tem bolinhos. Eles são seus favoritos. —Eu disse simplesmente.

—Diga-me que ele estava mentindo. —Ele alertou.

Eu não poderia dizer isso a ele. —Pensei que você disse que não me faria qualquer pergunta.

Ele sentou-se na mesa de centro à minha frente, olhando para onde Blake apertou no meu braço. Seus olhos se tornaram sombrios e tempestuosos como o céu lá fora. —Você vai ter um hematoma.

—Não é importante.

Ele levantou a toalha. Estava envolta em um saco de gelo. Suavemente, ele pressionou contra a área que tinha as marcas dos dedos de Blake.



Movi-me para segurar o gelo no lugar. Nossas mãos se tocaram. Trocamos um olhar pesado. Olhei para longe.

—Eu preciso saber. —Disse ele, baixo.

—Ele é meu marido.

Gavin se levantou da mesa e se afastou. A distância que ele colocou entre nós doeu muito mais que o hematoma no meu braço.

—Você é casada. —Disse ele, como se fosse algo sujo.

—Não é bem assim. —Eu disse. —Estamos separados. Estamos nos divorciando.

—Ele com certeza não parecia querer um divórcio. —Ele surtou.

—Bem, ele não parecia se importar quando estava fodendo por aí. —Eu disse sem emoção. Eu não poderia mais encontrar forças em mim para ficar com raiva sobre isso. Era como se aquela cena final com Blake fosse o encerramento que eu precisava. Agora, quando pensava nele e na secretária dele na minha cama, tudo que eu sentia era tristeza.

—Ele traiu você? —Disse ele, sua voz perigosamente baixa.

—Sim. —Eu admiti. —E então ele me disse que ia continuar me traindo e que eu aprenderia a viver com isso.

—Então você pensou em enganá-lo? —Disse. —Dar o troco?

—O quê? —Perguntei, de repente confusa. —Não.

—Você não achou que deveria me contar que era casada?

—Você disse sem perguntas! —Eu estourei, levantando do sofá.

Não havia chance no inferno que ele ia ficar com raiva de mim por fazer o que ele queria.

—Você é casada! —Ele gritou.

Ele olhou para a minha mão esquerda, no meu dedo anelar, imaginando se de alguma forma perdeu um sinal.

—Tirei-a no dia em que assinei os papéis do divórcio.

Ele olhou para longe.

Dei um passo em direção a ele. —Está tudo acabado entre Blake e eu.

—Eu não posso fazer isso. —Disse ele de repente, parecendo em pânico. Eu o alcancei. Ele se afastou.

—Fazer o quê? —Perguntei.

—Isto. —Ele fez um gesto entre nós. —Me senti péssimo o dia todo. As coisas que eu disse a você, o olhar em seu rosto... —Sua voz se afastou. —Você me faz querer coisas, Talie.

Eu engoli. Meu peito apertou e era difícil respirar. —Você me faz querer coisas também.

Ele balançou a cabeça. —Vim aqui para tentar e... —Suas palavras morreram abruptamente e ele olhou para mim. —Não posso.

—Eu sei que você está chateado com Blake.

—Com certeza estou. —Ele rosnou. —Aquela escória estava com as mãos em você. Você viveu com ele. Você compartilhou a cama dele. Deixou-o te tocar.

Ele parecia completamente enojado.

—Eu nunca disse que não tinha uma vida antes de vir pra cá.

—E eu nunca perguntei.

—O que aconteceu com você, Gavin? —Eu sussurrei.

—Eu não deveria ter vindo. —Ele fugiu.

—Gavin.

Ele parou em seu caminho.

—Eu quero você aqui. —Eu disse, as palavras rasgando de algum lugar na minha alma. A vulnerabilidade que senti naquele momento parecia que poderia me engolir inteira.

—Vá para casa, Talie. —Gavin sussurrou. —Volte para o seu marido.

Nada poderia ter me preparado para essas palavras. Elas doeram mais do que eu pensei ser possível.



Muito tempo depois que ele se foi, eu permaneci lá, imóvel.



CAPÍTULO 22

Talie

Choveu a noite toda. Durante toda a noite fiquei deitada na cama, ouvindo os sons reconfortantes da chuva caindo contra o telhado.

Só que eu não me reconfortei com o som.

Como a vida pode ser estranha. Como em um momento você está vivendo sua vida, tem tudo planejado e então algo acontece e muda tudo. As coisas que você achava mais importantes, a pessoa que você pensava que mais amava, tudo acaba por não ser o que você pensava que era.

Eu vim aqui para fugir, para descobrir para onde ir a partir daqui.

Nunca imaginei que encontraria Gavin, que em duas semanas eu me apaixonaria completamente por ele. Era ridículo, não era? Amar alguém que mantinha todo o seu ser para si mesmo. Mas eu não me importava com quem ele era, não realmente. Eu não me importava com o que o fez se transformar no homem cansado que se escondia em uma casa de praia e mantinha todos afastados.

Eu o amava.

Ele.

Não o homem que todos os outros conheciam. Não o homem que tinha segredos.

Eu amava o homem que comia muitos bolinhos, que surfava todas as manhãs e não importa o quanto tentou se convencer do contrário, o homem que se preocupava com o bem estar de outras pessoas.

O problema com Gavin era que ele se importava demais. Era atencioso.

Eu deveria saber.

O tempo era uma droga, mas não me importava. Eu não desperdiçaria mais da minha vida em algo que não me faria realmente feliz.

Quando a aurora finalmente rompeu o horizonte, desisti de dormir e saí da cama. Levei um momento para vestir um shorts e uma camiseta cinza folgada. Depois de escovar os dentes, olhei para a praia.

Ainda estava chovendo.

Mas Gavin estava lá fora.

Ele estava vestido com uma roupa de mergulho escura e segurava sua prancha ao seu lado. As ondas eram violentas e ásperas, batendo contra a costa com ferocidade. Ele não poderia ter a intenção de surfar com o mar assim. Que diabos ele estava pensando?

Corri para o deck, gritando o nome dele, mas ele não ouviu. O som ensurdecedor das ondas abafou a minha voz.

Corri pelo deck, com minha camisa já encharcada no meu corpo por causa da chuva e desci os degraus de madeira. A areia sob meus pés estava fria e úmida de toda a chuva. Eu gritei para ele novamente, mas ele estava mais perto da costa agora, pronto para ir para a água.

Areia salpicou, batendo em minhas costas enquanto eu corria pela praia. Eu não podia deixá-lo fazer isso. Ele poderia se machucar.

Ou pior.

Segurei o seu tornozelo, já na água. Gritei seu nome e ele girou. A surpresa cintilou em seu olhar e eu empurrei meu cabelo molhado, tentando manter minha visão clara.

—Que porra você pensa que está fazendo? —Gritei.

—Surfando!

—Você não pode surfar neste tempo! —Segurei seu braço.

Gentilmente ele puxou-o para longe. —Vá para casa, Talie.

—Não sem você!

—Eu não vou!

O vento batia em minhas roupas e cabelos, arrepios subiram por todo o meu corpo por causa do frio e as ondas caíam contra minhas pernas, molhando meu short completamente.



—Por favor, Gavin. —Peguei sua mão, puxando-o. —Por favor, não vá lá. Você pode se machucar.

Um músculo marcou sua mandíbula. —Eu vou ficar bem.

—Eu amo você! —Gritei.

O tempo parou.

Ficamos parados, completamente congelados, o choque aparecendo em todo o seu rosto. Uma gama de emoções tocando-o. Admiração, felicidade... Arrependimento.

—Eu não amo você. —Ele disse enquanto a água salgada salpicava nossos corpos.

Meu coração se partiu. Eu sabia que sim.

—Vá para casa. —Ele disse, a água da chuva caindo sobre seu rosto, em cascatas. Isso me lembrou daquela vez no banho. O momento em que tudo entre nós mudou.

Mas não foi o suficiente. Nem mesmo a química insana e intensa entre nós poderia fazê-lo sentir algo por mim.

Eu virei e fugi da praia. Subi as escadas para a casa. Água e areia grudadas em mim, mas eu simplesmente não me importava. Peguei minha mala e comecei a jogar todas as minhas coisas dentro, despejando tudo em uma pilha gigante.

Salty sentou no canto do quarto, apenas observando. Assim que estava tudo completamente embalado, coloquei tigelas extras de comida para o gato e uma tigela extra de água. Eu me senti meio mal em deixá-lo aqui sozinho. Mas não conseguiria ficar.

Eu precisava ir para casa. Precisava fazer uma vida para mim. Uma vida que não incluía Gavin.

Lágrimas borraram minha visão enquanto atravessava a chuva e ia em direção ao meu carro. Os caras da oficina o consertaram e entregaram alguns dias atrás, mas esta era a primeira vez que eu ligava o motor.

—Se você não ligar. —Eu ameacei o carro. —Vou levar você para um ferro velho.

Ele ligou na primeira tentativa.

Troquei de marcha, virei à sucata no sentido contrário e dei ré no caminho de entrada. Não pude deixar de olhar para a casa de Gavin, a última vez que eu a via. Respirei duas vezes quando percebi que ele estava me observando pela varandinha do lado de sua casa. Ele ficou ali, ainda vestindo aquela roupa preta, enquanto a chuva fluía ao redor dele. Seus lábios se moveram. Ele pode ter chamado meu nome.

Retirei o carro da calçada e fugi.

CAPÍTULO 23

Talie

O vento uivou em torno do meu Jetta, fazendo com que ele ficasse instável na estrada. A chuva batia contra o para-brisa, fazendo com que tudo parecesse embaçado. Ou talvez não fosse a chuva. Talvez tudo parecesse assim porque eu estava chorando.

Eu deveria saber que uma garota como eu, não poderia ter uma chance e não se envolver emocionalmente. Eu não fui feita dessa maneira. Eu era mole por dentro. Eu queria não ser.

—Está tudo bem, Talie. —Falei para mim mesma enquanto voltava para a estrada principal que me levaria à ponte. —Você vai ficar bem.

E eu ficaria. Talvez eu não confie mais meu coração à outro homem, mas esse não era o fim do mundo. Eu ainda poderia ter uma vida plena e feliz.

E a família que eu queria? Eu sempre poderia adotar.

A estrada estava molhada e grandes poças de água batiam contra meu carro enquanto passava pela estrada. Peguei meu celular e liguei para Claire.

Ela respondeu no segundo toque. —Ele apareceu aí? —Perguntou imediatamente.

—Oh, sim.

—E?

—E eu disse a ele que se não me desse o divórcio, eu arruinaria sua reputação.

Ela bufou. —Ele vai fazer tudo isso sozinho.

—O que você quer dizer?



—Eu quero dizer que a assistente dele está falando. Espalhou por toda a cidade que a razão pela qual você partiu foi porque ele está deixando você por ela.

Eu ri. —Ela pode tê-lo.

—Você está bem? —Claire disse, sua voz tornando-se séria.

—Na verdade, não. —Respondi quando a ponte apareceu. Havia poucos carros na estrada por causa da tempestade. A maioria das pessoas teve bom senso suficiente para ficar dentro de casa até que passasse.

—Sinto muito. —Disse ela. Eu sabia que ela queria dizer isso.

Meus olhos se encheram de lágrimas novamente e eu as pisquei. —Estou voltando para casa.

—O que? Pensei que fosse ficar mais tempo.

—Não vou me esconder da minha vida.

—Você não estava se escondendo, Talie. Você estava respirando.

—Minha respirada só piorou as coisas.

Claire conhecia-me bem e no segundo que eu disse isso, sabia que havia mais acontecimentos do que revelei. —O que está acontecendo, Talie?

—Eu vou te dizer quando chegar a sua casa.

—Você pode dirigir? Você parece distante.

—Estou bem.

Senti sua dúvida pelo telefone. —Te vejo mais tarde. —Eu disse. Não conseguiria entrar no assunto agora. Eu precisava de um pouco de tempo para processar.

—Tenha cuidado. —Disse antes de desligar o telefone.

Joguei o telefone no banco ao meu lado enquanto me dirigia para a ponte. A vista do centro era linda. Mesmo na chuva. O carro desceu em direção ao continente enquanto deixava a ilha para trás.

Como um filme, as lembranças do meu tempo com Gavin passaram pela minha cabeça. A intensidade do seu olhar quando olhava

para mim antes de chegar ao clímax. A maneira como seu cabelo caía sobre sua testa. O jeito que nunca usava uma camisa e empurrava bolinhos inteiros em sua boca. A sensação de estar embalada em seus braços...

Um grande estrondo de trovão quebrou no céu e me surpreendeu. Saí de meu sonho, a direção do carro seguindo meu movimento repentino. Virei para a direita bruscamente. Meus reflexos entraram e puxei o volante de volta para a esquerda.

A extremidade traseira do Jetta lutou por tração contra a estrada muito escorregadia. Meus pneus de baixa qualidade não encontraram o que precisavam, assim meu carro começou a girar.

O carro passou por toda a estrada e nada que eu fizesse parecia pará-lo. Desisti de dirigir e pisei nos freios. O carro trancou, mas não parou; continuou deslizando. Pequenos postes brancos conectados por correntes brancas limitavam a estrada, separando-a da área que levava às ondas.

Meu carro bateu contra a cerca e capotou.

A última coisa que me lembro de sentir foi a frieza da água do oceano batendo contra minha pele.

CAPÍTULO 24

Talie

O odor estéril de álcool queimava minhas narinas e franzi o nariz contra ele. A consciência lentamente cresceu em torno de mim e tudo estava escuro. O pânico era como um tiro de adrenalina quando me perguntei por que não podia ver.

E então percebi que meus olhos estavam fechados.

Dãã.

Pisquei, observando as paredes brancas, a televisão presa na parede e a feia cortina pendurada em volta da cama. Argh, eu estava no hospital.

Pensei em voltar para a última coisa que lembrava e uma dor afiada percorreu meu crânio. Gemi, achando que o médico poderia ter me dado pelo menos um Advil.

—Talie? —Disse uma voz familiar ao meu lado. Abri os olhos novamente enquanto a pessoa pairava sobre mim ansiosamente.

—Oi, Claire...

Ela fez um som de alívio e depois golpeou minha perna.

—Aii! —Eu disse sem emoção. —Por que você fez isso?

—Isso foi por quase ter morrido! —Ela me bateu de novo. —E isso foi por me assustar até a morte!

—Eu quase morri? —Me concentrei em seu rosto. Estava pálido com manchas escuras sob seus olhos. Seu cabelo estava mais bagunçado do que o habitual e sua camisa pelo avesso.

—O que há de errado com sua camisa?

—Eu estava com pressa para chegar aqui. —Ela disse.

—Há quanto tempo eu estive fora?

—Cerca de vinte e quatro horas.

—E nessas vinte e quatro horas você não poderia entrar no banheiro e consertar isso?

Ela fez um som estrangulado e se atirou em cima de mim. —Graças a Deus, você está bem!

A respiração sibilou entre meus dentes. Meu corpo inteiro doeu. —Meu carro. —Eu disse, a lembrança do acidente voltando em flashes nebulosos.

—Está totalmente arruinado.

—Eu não gostava dele mesmo.

Claire riu. —Eu também.

—O que uma garota precisa fazer para conseguir alguns medicamentos para a dor por aqui?

O sorriso de Claire caiu e a preocupação encheu o seu rosto. —Vou buscar o médico, dizer que você está acordada.

—Quer que eu apenas pressione o botão de chamada?

—Não, o médico é gostoso.

Eu ri. A ação me machucou e eu gemi.

Claire correu da sala, deixando-me em paz. Perguntei-me como ela me encontrou, como ela sabia que eu estava aqui. Perguntei-me quanto tempo eu fiquei do lado da estrada antes que alguém visse e pedisse ajuda.

Perguntei-me o que Gavin estava fazendo e se ele estava bem.

Me movi e uma bandagem deslizou na minha testa. Empurrei-a de volta, descansando minha cabeça contra o travesseiro desconfortável na cama.

Ouvi alguma agitação fora da porta e virei, ouvindo algumas vozes abafadas e alteradas. Segundos depois, a porta se abriu e alguém entrou correndo. Gavin parou próximo do final da cama.

Senti meus olhos se arregalarem enquanto o choque me percorria. —Gavin. —Engasguei, tentando me sentar. Meu pulso doeu e

eu deslizei um pouco, caindo de lado. Ele se aproximou imediatamente, gentilmente deslizando o braço em minhas costas e me ajudando.

Ele parecia horrível. Olhos avermelhados, cabelos selvagens, bochechas pálidas e roupas enrugadas. Eu ainda estava tentando me acostumar com suas roupas. A escolha de hoje era: jeans baixos (primeira vez que eu o via em jeans) e uma camiseta da Marinha.

—Oi. —Ele disse suavemente, ajustando os cobertores ao redor da minha cintura. —Como você está se sentindo?

—Já estive melhor.

Ele estava encostado no lado da cama, preocupação estampada em seu rosto. Mesmo com essa aparência, ele ainda era bonito. Meu coração doía por vê-lo aqui, vendo-o mostrar preocupação com alguém que ele não amava.

Ele pressionou dois dedos em meu pulso, como se estivesse medindo a pressão. —Dor de cabeça? Dores musculares? Náusea?

—Hã. —Eu disse, tentando continuar.

Outro homem entrou no quarto, este vestindo um jaleco de médico e sendo seguido por Claire. Ela me deu uma olhada que disse que queria saber os detalhes logo que estivéssemos sozinhas.

—Gavin. —Disse o médico. —Deixe-me fazer o meu trabalho.

—Seu pulso está elevado. —Ele disse, olhando para meus olhos. —As pupilas parecem normais.

—Gavin. —Disse o médico novamente. —Você não trabalha mais aqui.

Trabalhar aqui? Gavin costumava trabalhar aqui? Ele era um médico?

—Você não acha que sei disso? —Gavin disse, levantando-se da cama para olhar o médico.

Claire estava certa. Ele era gostoso. Ele tinha cabelos muito escuros, praticamente pretos e olhos azuis claros, frios. Seu rosto estava barbeado (ao contrário de Gavin) e seu maxilar era quadrado.

—Você deveria esperar lá fora. —Disse o médico gostoso a Gavin.

—Stitch, você sabe que não posso fazer isso.

Stitch? Não era aquele que o chamou no outro dia quando eu estava em sua casa? Minha cabeça começou a doer mais do que antes. Minha mente estava divagando. Eu estava tão confusa. O que diabos estava acontecendo?

—Você nem sequer deveria estar aqui. —Enfatizou Stitch.

—Você me conhece. —Disse Gavin, como se isso explicasse tudo.

Você me conhece. Não percebi como três pequenas e insignificantes palavras podiam doer tanto. O médico conhecia Gavin? Ele o conhecia de maneiras que eu não, de maneiras que eu provavelmente nunca conheceria.

—Você não tem parentesco com ela, cara. Você não tem nenhuma conexão. Espere lá fora.

Claire arregalou os olhos para mim. Ela estava observando totalmente isso. Gavin fez um som no fundo da garganta e virou-se para a porta, mas não saiu. Ele apertou os punhos em seus lados, como se fosse fisicamente doloroso para ele sair.

—Ele pode ficar. —Eu disse, ganhando o olhar de todos.

Gavin virou-se, com alívio escrito por todo o seu rosto exausto.

—Você tem certeza? —Perguntou o médico.

Eu assenti.

Stitch suspirou e aproximou-se de mim. Ele realizou um exame rápido, mas completo, verificando meus sinais vitais e me perguntando muitas das mesmas perguntas que Gavin fez quando entrou pela primeira vez na sala.

—Você teve muita sorte. —Disse Stitch, afastando-se quando acabou de me verificar. —Alguns pequenos cortes e contusões, um pulso torcido, costelas feridas e uma batida forte na cabeça.

—Você se lembra do acidente? —Claire perguntou, aproximando-se do médico.

—As estradas estavam escorregadias. —Lembrei. —Acho que perdi o controle do carro.

—Ele virou, rolou pela ladeira e caiu parcialmente no mar. —Disse Gavin do outro lado do quarto. Sua voz era baixa.

—Como cheguei aqui? —Perguntei, olhando para Claire.

Ela olhou por cima do ombro para Gavin.

—Eu trouxe você.

—Você? —Eu disse, chocada. Todos olhavam para Gavin, esperando que ele oferecesse mais informações. Ele não ofereceu.

Olhei para Claire. —Como você sabia que eu estava aqui, então?

—Quando você não apareceu na minha casa e seu celular continuou indo direto para o correio de voz, fiquei preocupada. Você não pareceu bem na última vez que conversamos. —Disse ela, baixando a voz. —Então vim para cá e fui para a casa de tia Ruth. Ele estava lá.

—Gavin?

—Eu estava procurando suas coisas, cuidando de Salty. —Ele murmurou. —Suas roupas não estavam lá.

—Elas estavam no carro comigo.

Ele grunhiu.

Claire mais uma vez me deu uma olhada que disse que eu lhe devia um monte de respostas.

Suspirei cansada. Todo o meu corpo doía. Olhei para Stitch. —Não acho que o remédio para a dor que você me deu esteja funcionando.

Gavin endureceu e se afastou da parede avançando em minha direção. —Você está com dor?

—Um pouco.

—Eu gostaria de terminar seu exame sozinho. —Disse Stitch, sua voz não deixando espaço para negociação.

—Vou estar lá fora. —Disse Claire, saindo.

Gavin foi mais lento para cumprir, mas eventualmente partiu, sem dizer se estava ficando ou não.

—Agora que eles se foram, você se importa em me dizer como você realmente se sente?

—Como o inferno.

Ele sorriu. —Sim, isso parece exato.

—Eu realmente vou ficar bem? —Perguntei a ele. Ele era um cara fácil de conversar. Não me senti estranha perto dele. Perguntei-me se isso era porque ele conhecia Gavin.

—Não vejo nenhum motivo para não ser otimista.

—Fala como um verdadeiro médico.

—Ei, eles não distribuem esses jalecos brancos para qualquer um.

Eu sorri.

—Senhora Ronson... —Ele começou, mas eu o cortei.

—Talie. —Eu disse.

—Talie. —Ele corrigiu. —Você está com algum tipo de cólica ou desconforto na sua área abdominal?

Pensei por um momento, realmente tentando me concentrar naquela parte do meu corpo. —Não.

—Isso é bom.

—O cinto de segurança fez algum dano na minha cintura? —Perguntei, levantando minha mão para minha barriga.

—Não. —Ele disse e fez uma pausa.

—O que é então? —Exijo.

—Quando você entrou, fizemos um exame completo de sangue, níveis de álcool, etc.

Assenti com a cabeça, sem entender onde ele estava indo com isso.

—Sra... Talie. —Disse ele. —Você tem baixos níveis de HCG em seu sangue.

—HCG?

Ele assentiu. —Nós fizemos novamente, apenas para ter certeza.

—O que foi? —Eu disse, começando a entrar em pânico.

—Você está grávida.

Toda a respiração saiu dos meus pulmões quando a descrença assumiu o controle. —Grávida. —Eu sussurrei depois de longos momentos.

—Por causa dos baixos níveis do hormônio na sua corrente sanguínea, eu suspeito que você não esteja de muito tempo. Eu duvido que um teste de gravidez em casa lhe desse um resultado positivo.

Sentei-me lá em estado de choque, mal ouvindo qualquer coisa que ele falou.

—Com base na sua surpresa, acho que você não estava tentando engravidar?

—O quê? —Eu disse, olhando para cima. —Oh não. Eu não estava tentando.

—Você perguntou sobre remédios para dor. É a razão pela qual você sente a maioria dos seus ferimentos. Ainda não lhe dei nada para a dor.

—Um bebê... —Eu disse, ainda tentando envolver meu cérebro em torno do fato de que estava grávida.

—Agora, temos certos medicamentos que são seguros para as mulheres em sua condição, mas eu queria...

Suspirei, cortando tudo o que ele estava prestes a dizer. —E o bebê... está tudo bem? —Oh meu Deus, o acidente poderia ter matado meu bebê.

Lágrimas brotaram nos meus olhos.



—Não há nenhuma razão para acreditar que houve qualquer dano causado ao feto. Agora, é muito pequeno e seu corpo foi projetado para protegê-lo.

Sem pensar, coloquei minha mão sobre minha barriga de forma protetora. Meu bebê.

—Agora sobre os medicamentos para dor... —Stitch começou.

—Eu não quero nenhum. —Eu disse com firmeza. Não iria fazer nada que pudesse prejudicar esse pequeno amendoim.

—Temos alguns que são considerados seguros.

—Não. —Disse. Prefiro sentir cada onda de dor do que injetar alguma droga no meu sistema enquanto meu pequeno estava tentando se formar.

—OK. Se você mudar de opinião, apenas fale com as enfermeiras.

—Não vou, mas obrigada.

Ele deu um olhar terno em seu rosto. —Eu diria que esta foi uma surpresa bem-vinda?

—Com certeza.

Ele se afastou da cama. —Você vai precisar ficar pelo menos mais uma noite. Então, falaremos sobre dar alta.

—Tudo bem. —Eu disse ainda distraída pela notícia. Era tão completamente surreal.

Ele parou quase perto da porta. —Ele é o pai, não é?

Olhei para cima. Ele não conseguiu esconder toda a sua careta. Ele não deveria fazer perguntas pessoais assim. Mas entendi imediatamente por quê. Gavin e Stitch eram amigos.

Gavin era o pai desse bebê.

Eu não pensei que fosse possível amá-lo tão rápido, mas estava consumida.

Um momento de pânico tocou meu peito. —Você falou com ele?



—Não. Confidencialidade médico-paciente. Mas espero que você diga a ele. —Ele me deu um olhar sugerindo que não queria que eu machucasse Gavin.

—É claro que vou. —Respondi.

O rosto de Stitch suavizou. —Eu realmente acho que você é exatamente o que ele precisa.

Antes de perguntar por que, ele saiu do quarto.

Sentei-me lá em silêncio com as paredes brancas que me rodeavam, esfregando uma mão sobre o meu abdômen. Onde o meu bebê e de Gavin crescia.

Stitch estava errado. Este bebê e eu não éramos o que Gavin precisava. Eu não era o que ele queria. Ele deixou isso perfeitamente claro.

CAPÍTULO 25

Talie

Claire entrou no quarto assim que Stitch partiu. Provavelmente deveria ter perguntado como as pessoas aqui no hospital o chamavam porque duvidava que fosse Stitch.

—Tudo bem? —Perguntou, sentando-se ao lado da cama numa cadeira de aspecto rígido.

—Sim. —Respondi, os pensamentos ainda há milhões de quilômetros de distância. Por um momento fugaz, perguntei-me como faria isso. Como eu agiria como se tudo fosse normal, como se nunca tivesse acontecido nada extraordinário.

Eu estava grávida.

Com o filho de Gavin.

Era totalmente insano, assustador e emocionante. Eu ia ter um pedacinho dele para sempre?

Eu só sabia sobre esse bebê por alguns minutos. Este bebê tinha apenas duas semanas de idade. No entanto, já o amava com todas as fibras do meu ser.

Naquele momento, fiquei feliz que este bebê não fosse de Blake. Eu não queria que ele tivesse algo tão perfeito e maravilhoso.

—Terra para Talie. —Disse Claire ao meu lado.

Olhei para ela culpada. —Desculpa.

—Devo chamar o médico de volta?

—Não, eu estou bem.

—Você tem certeza?

Eu sorri. —Você só quer uma desculpa para vê-lo novamente.

Ela arregalou os olhos. —Você viu seu traseiro? —Ela falou as palavras oh meu deus e eu ri.

—Não posso dizer que vi.

—Você estava muito ocupada olhando para Gavin.

—Eu não estava totalmente.

—Tudo bem. Desembucha. —Disse ela, sentando-se. —Obviamente, tem havido muita coisa aqui nesta ilha além de você e o gato numa luta de vontades.

—Salty deu uma trégua.

Ela levantou a sobrancelha. —Isso foi antes ou depois de você se envolver com Gavin?

Apertei meus lábios.

—Por favor... —Ela zombou. —Não aja como se não fosse verdade. As faíscas entre vocês dois estão fora dos gráficos.

—Você notou? —Perguntei surpresa. Eu pensei que ele e eu éramos os únicos que podíamos sentir isso.

—Uh, sim. Eu acho que todo mundo neste hospital percebeu.

Levantei minhas sobrancelhas em um inquérito silencioso.

—Quando cheguei aqui, você já tinha sido examinada e estava estável. Gavin estava na casa da tia Ruth, procurando suas roupas no quarto. Ele estava muito chateado por você ter arrumado e levado tudo com você.

—Eu não sei por que ele ficaria surpreso. —Murmurei. —Ele me disse para ir para casa.

—Quando voltamos ao hospital, todas as enfermeiras fizeram questão de sair do seu caminho.

Quando perguntei pelo seu quarto, elas me perguntaram se eu era da família. Eu disse a elas que era sua irmã. —Ela sorriu.

—Você é. —Eu disse simplesmente. Ela era a irmã do meu coração.

—De qualquer forma, a enfermeira parecia que ia dizer-lhe para ficar fora do seu quarto e ele quase arrancou sua cabeça. —Ela se

aproximou, uma preocupação cruzando seus traços. —Eu acho que ele pode ter problemas de raiva, Talie. Quão bem você o conhece?

Se ela soubesse.

—O médico... Stitch apareceu e interveio, dizendo à enfermeira que ele foi quem a trouxe. Depois disso, elas se afastaram. —Claire terminou.

—Mas ele não estava aqui quando acordei.

—Não, porque alguns resultados dos exames chegaram e ele estava perseguindo o Stitch para uma atualização sobre sua condição.

Tive um momento de pânico, talvez ele já soubesse sobre o bebê. Stitch falou que não lhe disse, que não podia. Não era que eu não quisesse que ele soubesse. Eu iria contar para ele. Este bebê era dele também. Mas eu queria ser a única a lhe dizer. Queria testemunhar sua reação inicial porque seria a única maneira de saber se ele realmente queria ser parte da vida dessa criança ou não.

—Mas ele estava aqui antes disso?

—Ele não deixou o seu lado. Toda vez que você respirava demais, ele estava acordado e verificando todos os monitores e seu acesso venoso.

Por que ele faria isso? Por que ele disse que não me ama, me disse para ir para casa e depois vem vigiar minha cama?

—O que está acontecendo entre vocês dois? —Claire perguntou. —Você está dormindo com ele?

Senti meu rosto esquentar porque, oh sim, eu estava dormindo com ele, e sim, foi o melhor sexo da minha vida inteira.

Gavin entrou, parecendo tão abatido e cansado como antes. Seus olhos azuis encontraram-me e observaram meu corpo como se para se certificar de que eu estava bem.

Olhei para Claire. —Você nos daria um tempo?

Ela levantou a sobrancelha.

—Por favor.

—Claro. Vou até a cafeteria.

—Na verdade, por que você não vai verificar Salty? —Eu odiava pensar que ele estava sozinho.

Ela olhou para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. —Eles tiraram minha bolsa do carro? —Perguntei a ela.

—Sim, está por aí.

—Você poderia pegar algumas roupas em algum lugar para mim? Uma das lojas de surf ou algo assim? A menos que, claro, eles tenham tirado a mala dos destroços? —Olhei para Gavin já que ele foi o único na cena comigo.

Ele balançou sua cabeça. —Essa parte já estava no fundo do mar quando eu consegui te tirar de lá.

Oh. Eu teria afundado se ele não tivesse aparecido? O pensamento me fez estremecer.

Gavin atravessou o quarto até um pequeno armário e tirou um cobertor branco e o trouxe para mim, enrolando-me.

O gesto derreteu meu coração.

—Há dinheiro na minha bolsa. —Falei a Claire.

Ela foi até a porta, ignorando minha bolsa. —Você pode me pagar mais tarde. —Ela disse. —Voltarei mais tarde. Vou lhe trazer comida de verdade.

—Obrigada, Claire.

Quando ela se foi, Gavin perguntou: —Ela não é realmente sua irmã, é?

—Minha melhor amiga.

—O que diabos estava pensando, Talie? O tempo estava horrível.

—O que você estava pensando quando resolveu surfar? —Eu respondi.

Ele franziu o cenho. —Isso é diferente.

—Por quê?



—Porque não fui eu quem quase morreu! —Ele disparou.

Sua pequena explosão me deixou momentaneamente sem palavras. Também machucou minha cabeça já dolorida.

Antes que eu pudesse responder, ele estava se movendo, avançando para colocar os dois braços ao meu redor e puxar-me contra seu peito.

Ele estava tão quente e o seu cheiro era o mesmo de sempre. Enterrei meu rosto em seu pescoço enquanto sua mão apertava minha cabeça ainda mais perto dele. Lágrimas brotaram nos meus olhos, mas recusei-me a deixá-las cair...

—Quando vi seu carro virar e depois desaparecer do lado da estrada, eu juro por Deus que meu coração quase parou de bater. —Ele murmurou, agarrando-me contra ele.

—Você viu? —Perguntei, minhas palavras presas contra seu peito.

Não achei que ele tivesse me ouvido. Ele me segurou por longos momentos e depois gentilmente me puxou para cobrir minha boca com a dele. O beijo não era como os que compartilhamos no passado. Não havia nada de urgente e quente sobre esse beijo. Não havia nada insistente e selvagem.

Mas exerceu mais poder do que todos os outros combinados.

Ele roçou seus lábios nos meus e eu senti isso até a minha alma. Havia algo bastante terno sobre a maneira como ele acariciava os meus lábios com os dele, como se fosse algo frágil e ele estivesse com medo de que eu pudesse quebrar. Sua mão segurou a minha nuca, apoiando meu peso e seu outro braço deslizou ao redor das minhas costas, me tirando da cama contra seu corpo firme. Quando finalmente sua língua mergulhou na minha boca, era como se ele estivesse me provando pela primeira vez. Ele gemeu com o ligeiro contato e enfiou a língua um pouco mais fundo, enrolando-nos da maneira mais deliciosa.

Ele tomou seu tempo, beijando-me como nunca fez antes. Com mais emoção do que nunca. Normalmente, havia uma parte dele que ele sempre retia, mas agora, enquanto nossas bocas se moviam como uma, eu senti que eu finalmente estava conseguindo experimentá-lo.

E maldição, isso foi devastador.

Quando ele finalmente quebrou o beijo, ergueu a cabeça apenas uma fração de centímetro acima da minha e depois voltou para um beijo suave e rápido no meio da minha boca.

Seus olhos se abriram e eu lutava para me concentrar nele porque tudo no meu mundo estava repentinamente nebuloso.

—Eu machuquei você, querida? —Ele perguntou, limpando uma lágrima com o polegar.

Eu neguei com a cabeça.

Como eu deveria ser beijada assim por ele... e não chorar?

—O Stitch lhe deu alguns medicamentos para a dor?

—Não. —Disse quando ele se afastou.

Ele me olhou bruscamente. —Não?

—Eu disse a ele que não queria nenhum. Eu queria ficar lúcida.

Ele franziu a testa. —Você vai estar ainda mais dolorida amanhã. Eu direi que você mudou de opinião.

Eu não discuti. Ele podia dizer ao Stitch o que quisesse, mas eu não tomaria nenhum remédio. Sim, agora teria sido um bom momento para falar sobre o bebê, mas ainda não estava pronta. Tínhamos coisas para discutir em primeiro lugar.

—Você viu meu acidente?

Ele se afastou lentamente e agarrou a cadeira com o pé, arrastando-a para o lado da cama. Assim que ele estava sentado, ele se inclinou para frente, passando uma mão pelo cabelo já selvagem.

—Eu não vi tudo, apenas o carro capotando e desaparecendo de vista. Eu não o vi capotar. —Ele empalideceu um pouco enquanto falava.

—Como?

—Segui você.

—Por que você me seguiria? Você me disse para partir.



—Eu disse para você ir para casa, Talie. Para a casa da praia. Não queria dizer para você deixar a cidade.

—A casa da praia não é minha casa, Gavin.

—Sim. —Ele disse, desviando o olhar. —Eu sei.

Comecei a pegar as pequenas bolinhas brancas no cobertor.

—Eu não deveria ter dito o que eu disse. —Gavin começou sua voz cheia de arrependimento. —Eu sabia que isso iria machucá-la. Quando você entrou correndo no carro, na tempestade, lá na praia, eu chamei você, mas você não ouviu.

Ele sabia que isso iria me machucar, mas ele disse isso de qualquer maneira.

—Então eu te segui. Quando vi você se afastar, entrei em pânico. Estava preocupado, então a segui. Cheguei apenas a tempo de ver o carro sair da estrada.

—Você disse que caiu sobre a margem?

Seus olhos pareciam concentrados na memória do que viu. —Estacionei ao lado da estrada e pulei do meu carro, deixando o motor ligado. Seu carro estava de cabeça para baixo, apenas parcialmente caído na margem. Com a corrente e o vento do jeito que estava eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que todo o resto caísse. —Enquanto ele falava, sua mão deslizou pela cama e se entrelaçou com a minha.

—Eu gritei seu nome e quando você não respondeu... —Ele olhou para mim. —Eu fiquei assustado.

—Gavin. —Eu suspirei. Com a minha mão livre toquei o lado de seu rosto. Ele se inclinou para o meu toque.

—Desci até o carro e olhei para dentro. A cena, por toda parte havia água... Estava enchendo o carro rapidamente. Se não fosse pelo cinto de segurança... Ele parou, olhando para mim. —Eu puxei você para fora, falando com você, tentando fazê-la reagir. Mas você estava inconsciente. Avaliei seus ferimentos o melhor que pude e decidi não ligar para uma ambulância. Eu não queria correr o risco de esperar que eles chegassem.



—Você me trouxe para o hospital?

Ele assentiu. —Eles me conhecem aqui. —Disse ele. —Eu quase assumi o PS quando trouxe você. —Ele me deu um sorriso irônico.

Não pude deixar de devolvê-lo.

Mas seu sorriso não durou muito. Desbotou então, como uma calça jeans azul lavadas muitas vezes. —Você estava tão quieta e pálida. —Ele sussurrou. —Assim como...

Ele parou de falar e desviou o olhar.

—Assim como o quê?

Quando ele não respondeu, pressionei. Ele estava falando mais comigo agora do que nunca e eu queria continuar a conversa.

Suavemente, passei minhas mãos em seu cabelo espetado caído na testa e envolvi meus dedos, levantando a cabeça para poder olhar nos olhos dele.

—Assim como o que, Gavin?

Algo em sua expressão retorceu. Ele respirou fundo.

E então ele respondeu.

—Assim como na noite em que minha esposa morreu.

CAPÍTULO 26

Talie

Ele tinha uma esposa.

Gavin era casado.

Uma mulher que morreu.

Ela o deixou sozinho.

—Você era casado?

Ele tentou assentir, mas eu ainda estava segurando seu cabelo. Soltei-o, afastando-o de seu rosto. Não ficou para baixo, mas continuou bagunçado.

—Diga-me. —Eu disse suavemente, sem querer nada além de ouvir.

Ele balançou a cabeça e desviou o olhar. A dor que ele estava sentindo era palpável. Estava pesada no ar. Agora entendi aquele olhar que às vezes via em seus olhos, o olhar de alguém com cicatrizes.

Não o afastei mais. Não disse a ele que sentia muito ou quaisquer palavras para tentar fazê-lo sentir-se melhor. Minhas palavras não o ajudariam. Nenhuma das palavras ajudaria. Isso era algo com que ele teria que viver todos os dias para o resto da sua vida. Dizer que sentia muito, nem sequer se aproximaria de aliviar esse tipo de dor.

Nós nos sentamos lá no quarto com nada além do monitor apitando constantemente atrás de nós. Passei os dedos pelos seus cabelos loiros. A sensação de deslizar seus cabelos entre meus dedos aliviou de alguma forma o aperto no meu peito.

—Éramos namorados desde o ensino médio. —Disse ele depois de um tempo. Continuei acariciando seus cabelos, deixando-o saber que eu estava lá e que o ouvia.



—Eu sabia que eu ia me casar com ela desde que tinha dezesseis anos. Ela era especial. —Disse ele. O carinho em sua voz fez meus olhos se fecharem brevemente. —Ela odiava matemática e amava doritos. Ela estava na equipe de patinação. Ela tinha pernas longas que podiam correr por quilômetros. Elas corriam sobre o pavimento com facilidade.

—Qual era o nome dela? —Eu sussurrei.

—Danielle.

—É um nome bonito.

Ele fez um som. —Ela odiava. Fazia todos chamá-la de Dani.

Ele olhou para mim, seus olhos azuis cheios de lembranças. —Ela era uma moleca.

Eu sorri.

—De qualquer forma, fomos juntos para a faculdade. Ela se formou antes de mim e conseguiu um emprego como professora e treinadora de uma equipe de atletismo. Quando se formou, pedi-lhe que se casasse comigo. Ela disse que a única razão pela qual eu queria me casar com ela era para que ela pudesse cuidar de mim enquanto eu sofria na minha residência no hospital. —Ele riu. —Mas disse sim de qualquer jeito, dizendo que alguém tinha que cuidar de mim.

Oh meu Deus, meu coração estava rasgando. Literalmente, por ele. Não sabia como era sentir esse tipo de dor. Não sabia como ajudá-lo, fazer com que ele se sentisse melhor.

—Você é médico? —Perguntei, tentando esconder a surpresa na minha voz.

—Fui para a faculdade de medicina. Tenho o diploma. Nunca terminei minha residência, no entanto. Ela morreu logo depois que comecei.

—Oh, Gavin. —Eu suspirei, mais uma vez puxando meus dedos através de seus cabelos.

—Aquele dia, o dia em que ela morreu, às vezes se repete no fundo da minha mente... atormentando-me. Lembrando-me de que eu a desapontei.



—Como você a desapontou?

Eu não tinha certeza se ele me ouviu ou se precisava dizer tudo em seu tempo.

—Nunca vou esquecer esse dia. —Disse ele, olhando para o espaço. Talvez eu tenha pensado que ele não estava mais presente no quarto comigo por causa do olhar distante em seus olhos, mas sua mão estendeu e seus dedos grossos se enrolaram nos meus.

Era minha vez de ser sua âncora.

E quando Gavin começou a falar, era como se eu estivesse com ele, ali mesmo naquele dia...

CAPÍTULO 27

Gavin

As mudanças no hospital iam me matar. De repente entendi porque metade dos médicos do lugar estavam com cabelos grisalhos ou calvos. Lidar com a vida "com a vida de outras pessoas" exigia e drenava. Eu não poderia me dar ao luxo de ficar cansado por um dia. Não poderia me dar ao luxo de ter pouca energia. As pessoas dependiam de mim. Elas me procuravam por respostas. Algumas delas olhavam para mim em busca de esperança.

Nunca pensei naquele lado de ser médico. Ser médico era sempre biologia e química, fórmulas e equações. Meu trabalho era olhar para uma doença, uma mutação tentando residir no corpo de alguém e encontrar uma maneira para tirá-la. Para vencê-la.

Nunca pensei sobre as pessoas reais que estavam vivendo com essas doenças. Nunca pensei nos olhos humanos que eu teria que olhar enquanto me perguntavam se iriam morrer.

Como um homem fazia isso? Quando sua equação científica, sua solução científica falhava, então o que? Meu fracasso poderia custar vidas.

Quando entrei no apartamento, o aroma saboroso do molho de tomate flutuava no ar. Deus, eu estava morrendo de fome. Não conseguia me lembrar da última vez que comi algo que não fosse de uma máquina de venda automática. Antes de ontem talvez?

Tropecei ao virar na esquina e ela estava lá. Não precisava beber café. Se eu quisesse um impulso de energia, tudo o que eu precisava fazer era olhar para ela.

—Oi, bonito. —Disse Dani, virando do fogão. Seu cabelo cor de caramelo caía nas costas em uma trança grossa. —Estou fazendo espaguete.

Ela estava vestida com uma calça preta de ioga e uma camiseta solta. Para mim ela era linda. Minhas mãos estavam prestes a tocá-la e meus pés obedeciam, de repente esquecendo que estavam cansados e me

levando para que eu pudesse abraçá-la por trás e acariciar sua nuca, tocando sua clavícula com minha língua.

—Humm. —Ela disse quando puxei o lóbulo da sua orelha entre meus lábios.

Ela virou do fogão, aproximando-se para me beijar, o tipo de beijo que apagava dias de estar no hospital. —Como foi a escola hoje? —Perguntei, me afastando, mas mantendo-a nos meus braços.

—Boa. Tudo bem até sexta-feira.

Eu a beijei novamente, só porque eu podia.

—A massa vai queimar! —Ela riu, tentando me afastar. Sua tentativa foi patética porque ela gostava quando eu estava por perto.

—Eu tenho um macarrão para você. —Eu disse, abanando minhas sobrancelhas para ela.

—Você não disse isso. —Ela gemeu, revirando os olhos.

Eu a soltei e ela foi verificar o macarrão, mas antes que ela pudesse ir, eu a puxei para trás. —Eu te amo.

—Eu também te amo. —Ela me bateu com um pano de cozinha. —Agora vá lavar as mãos.

Depois do jantar, foi a minha vez de lavar a louça. Eu as joguei na pia e derramei água sobre elas, depois me afastei. —Vamos sair para tomar sorvete.

—Como você consegue pensar em comida? Estou cheia.

—Você me conhece. —Eu brinquei. —Eu sou insaciável.

—Uma das muitas coisas que eu amo sobre você.

Eu dei-lhe um piscar de olhos.

—E os pratos? —Ela perguntou, levantando uma sobrancelha.

—Eles precisam ficar de molho.

Ela riu. —Bem. Vamos.

Era depois das oito, mas o tráfego nas estradas era moderado. Jacksonville, Carolina do Norte, era um lugar que nunca parecia dormir

completamente. Sim, o movimento nas estradas diminuíram, mas porque era uma cidade militar com jovens fuzileiros navais e bares em todos os lugares, o lugar nunca realmente dormia.

Cold Stone fechava às nove horas, mas não estava com pressa porque sabia que chegaríamos a tempo. Era uma noite quente, típica do sul e nós dirigimos com as janelas abertas. Dani tinha os pés descalços apoiados no painel, cantando horrivelmente uma música country que tocava no rádio. Não pude deixar de olhar para ela enquanto dirigia. Longos fios de cabelo escaparam de sua trança e caíam em torno de sua cabeça como uma auréola.

Talvez eu devesse ter percebido que esse era meu sinal.

Meu sinal de que tudo estava prestes a mudar.

Eu deveria saber que um anjo não seria autorizado a permanecer na Terra.

Um carro apareceu do nada. Atravessando o cruzamento, ignorando completamente o sinal vermelho. Eu o vi no último segundo, estendi a mão e bati meu braço contra Dani, tentando protegê-la mesmo enquanto girava o volante, tentando sair do caminho do carro acelerado.

Mas não conseguimos.

O som do vidro quebrando e do metal não era suficientemente alto para encobrir seus gritos. Eu ouviria esses gritos até morrer.

Quando o carro finalmente parou ao lado da avenida arborizada, silenciosa, a sensação de quietude tomou conta de mim.

Naqueles poucos batimentos cardíacos, eu sabia que tudo estava prestes a mudar.

—Dani! —Gritei, lutando com o cinto de segurança, tentando me libertar. Sua inconsciência me assustou e comecei a me esforçar mais.

Finalmente, fiquei livre e cai no meu lado, ignorando o corte do vidro e gritando para as pessoas correndo para ajudar. Eu a vi deitada no banco ao meu lado, encostada com um rio de sangue escorrendo pela cabeça.

—Dani, querida. —Eu disse, alcançando-a e envolvendo minha mão ao redor de seu braço.

Atrás de mim, alguém abriu a porta lateral do motorista. —Você está bem? —Alguém gritou.

—Ligue para o 9-1-1! —Gritei.

A porta do lado de Dani foi aberta. Mãos apareceram e levantaram-na. Livrei-me dos destroços e caí ao lado dela na calçada. O cheiro de borracha queimada e gasolina derramada encheram o ar. O som das pessoas falando e chorando nos pressionou. O som distante das sirenes que vinham em nossa direção era como um farol de esperança numa noite sem esperança.

—Dani. —Eu disse. —Abra seus olhos.

No escuro, seus cílios vibraram. Os olhos castanhos olharam para cima, sem foco e confusos.

—Oi. —Sorri. Alívio como nenhum outro derramou pelo meu corpo, fazendo com que minhas mãos tremessem. —Oi, querida. Graças a Deus.

—Gavin? —Ela perguntou, sua voz fraca.

—Shh. —Eu disse a ela, afastando o cabelo de seu rosto. —Houve um acidente. A ajuda está a caminho.

Então lembrei-me que era médico. Eu poderia ajudá-la agora.

Entrei no modo clínico, avaliando seus ferimentos, sentindo o pulso. Ela estava ferida, machucada, estava mal. Parecia que havia algum sangramento interno e sua respiração não parecia correta. Tive medo de ela ter perfurado o pulmão.

—Onde está a ambulância? —Gritei por cima do meu ombro.

Ninguém me ofereceu uma resposta.

Estava escuro lá fora, tão escuro. Como eu deveria fazer um diagnóstico no escuro sem suprimentos médicos, nem mesmo com um guardanapo para limpar o sangue?



Passei a mão em seu rosto e gentilmente virei sua cabeça na minha direção. —Ouça-me, Dani. A ajuda está chegando. Tudo vai ficar bem.

Ela sorriu ao som da minha voz. Mas não abriu os olhos.

—Fique comigo, querida. Eu te amo.

—Eu também te amo. —Ela sussurrou.

E então ela morreu.

Esse foi o último sorriso que vi em seu rosto. As últimas palavras que a ouvi falar. Ela morreu na calçada ao lado da estrada repleta de escombros e estranhos. A ambulância chegou minutos depois que ela morreu. Muito tarde.

Tarde pra caralho.

CAPÍTULO 28

Talie

Meu rosto estava molhado com lágrimas. Minha mão tinha caído a muito tempo do seu cabelo para meu colo. Gavin ainda segurava minha outra mão, não quebrou o contato durante todo o tempo em que falou.

O que ele passou foi horrível. Algo que ninguém deveria ter que passar. Observar a pessoa que você mais ama neste mundo, morrer ao lado de uma estrada enquanto você permanecia impotente era cruel.

Compreendi por que ele disse que estava emocionalmente indisponível. Entendi todas as vezes que ele me afastou. Todos aqueles momentos que pensei que estávamos nos aproximando, que ele estava me deixando entrar apenas para que uma porta se fechasse.

Ele perdeu a única mulher que já amou. Uma mulher que deveria estar ao seu lado para sempre. Ela não o enganou e nem mentiu. Ela não acordou um dia e decidiu que ele não era quem ela queria. Ela foi tirada dele. Roubada da pior forma.

E desde aquele dia, sua vida estava parada. Sua vida nunca tinha sido a mesma.

O que você diz quando alguém lhe conta a história de como foi roubado para sempre? O que você diz quando o homem que você ama está quebrado e triste na sua frente?

Não havia nada que eu pudesse dizer.

Gentilmente, tirei minha mão da dele e cuidadosamente deslizei, virando de lado para encará-lo. Gavin ergueu a cabeça, seus olhos vermelhos me observando. Levantei os lençóis da pequena cama do hospital, convidando-o para mais perto.

Ele nem hesitou. Levantou-se, tirou os sapatos e depois deslizou ao meu lado. A cama era pequena e ele ocupava a maior parte do espaço, mas não me importava. Quando ele estendeu o braço, deitei contra ele, colocando minha bochecha em seu peito.



Eu podia ouvir os batimentos do seu coração, o ritmo constante em seu peito.

Coloquei meu braço ao redor dele, ignorando todos os protestos do meu corpo. Tudo o que eu tinha passado neste último mês parecia nada se comparado ao que ele tinha sobrevivido.

Ficamos lá um longo tempo, nenhum de nós pronunciou uma única palavra. Só de estar perto dele era conforto suficiente. Eu fiz uma oração enquanto estava deitada lá. Fiz uma oração por Dani, para que ela encontrasse a paz na vida após a morte. E fiz uma oração por Gavin, que de alguma forma, ele acabasse por encontrar a paz também.

—Gavin? —Chamei depois de um tempo.

—Humm? —Ele virou a cabeça em minha direção. Seus lábios tocaram minha testa.

—O que aconteceu depois?

—Eu abandonei minha residência. Pensei que eu não merecia mais ser médico. Eu não tinha certeza se era para mim.

—Mas por quê?

—Eu não pude salvá-la. Quando as coisas ficaram difíceis e eu estava naquela situação que era necessário agir, falhei. Não consegui salvar a vida da minha própria esposa. Deixei-a morrer. Eu a deixei morrer.

Tanta culpa para carregar. Uma carga tão pesada.

—Você fez tudo o que pôde. —Eu disse, apoiando meu queixo na mão e olhando para ele.

—Não foi o suficiente.

Eu não iria discutir com ele, não sobre isso, não sobre algo que claramente causava tanto sofrimento.

Mas, para registro, ele estava errado.

—Então o que aconteceu?

—Recebi uma grande indenização da seguradora do motorista que causou o acidente. Tentei recusar. Eles enviaram de qualquer maneira. Não sei por que eles acharam que eu quereria aquele dinheiro

manchado de sangue. Pareceu-me errado aceitá-lo. Como se eu fosse de alguma forma me beneficiar com sua morte.

—O que você fez?

—Comprei a casa de praia na ilha e doei o restante para instituição de caridade.

—E você esteve lá desde então.

—Sim.

—Há quanto tempo você vive lá, Gavin? —Há quanto tempo você está sofrendo sozinho?

—Quase dois anos.

—Ela não foi a única que morreu nesse acidente. Você também morreu. —Eu disse.

—Por que eu vivi em vez dela? —Ele sussurrou, agonia em seu tom.

—Eu não sei. —Respondi, honestamente. —Mas, sinceramente, acredito que havia um motivo. Há uma razão para tudo. —Pensei no bebê que eu carregava dentro de mim. Sua razão de viver... Ele teve que viver para que tivesse alguém para deixar para trás.

—Deveria ter sido eu.

—Dani não gostaria que você carregasse tanto sofrimento e culpa.

Ele se moveu, envolvendo-me com ambos os braços. Seu domínio era forte e doeu um pouco, mas não disse uma palavra. Minutos depois, senti seus lábios na minha testa, pressionando um beijo gentil em minha têmpora.

—Gavin? —Sussurrei.

—Sim? —Ele sussurrou de volta.

—Você me salvou. Você me puxou para fora do carro e me salvou.

—Eu não podia vê-la morrer ao lado da estrada.

Foi por isso que ele me trouxe aqui. Por isso que ele sentou-se ao lado da minha cama. Ele tinha que garantir que eu não morresse. Tinha que ter certeza de que ele não era responsável por outra morte.

Quão horrível deve ter sido para ele ver o meu carro capotar para fora da estrada. Mas ele ainda estava aqui. Ele não fugiu.

—Você sabe que vou ficar bem.

—Eu sei.

—Você não precisa ficar aqui. —Pressionei. Não queria que ele fosse embora, mas não era sua obrigação. —Eu sei que isso deve ser difícil para você. Você pode ir para casa.

—Eu não posso ir para casa.

Provavelmente não. Meu acidente era muito parecido, uma forte lembrança do que aconteceu com Dani. Ir para uma casa vazia provavelmente faria com que ele pensasse demais. Ele não poderia ficar sozinho agora. Eu entendia isso.

—Bem, você é muito mais quente que esses trapos patéticos que eles chamam de cobertores. —Eu disse, incapaz de me impedir de aconchegar um pouco mais.

Sua risada era quente e genuína. Ela aliviou um pouco da dor que se abriu no meu peito quando ele me contou sobre seu passado. —Fico feliz em ser útil.

—Claire acha que Stitch é extremamente gostoso. —Eu disse, tentando manter as coisas leves.

Ele riu. —Ela e todas as outras mulheres no sul.

—Eu prefiro loiros. —As palavras escorregaram antes que eu pudesse recuperá-las. A última coisa que eu queria, era dizer algo que faria com que ele me afastasse de novo.

—Certifique-se de lhe contar isso. —Respondeu Gavin, não incomodado pelo comentário. —Talvez possa desinflar seu grande ego.

—Você o conhece há muito tempo? —Apenas pelo amor no seu tom, eu sabia que eles eram amigos.

—Nós fomos para a faculdade de medicina juntos. —Ele limpou a garganta. —Ele estava aqui na noite em que Dani foi trazida para o necrotério.

Fiquei contente, pelo menos, alguém esteve aqui para ele naquela noite.

—Foi ele a pessoa que me ligou naquele dia, no deck.

—Sério? —Eu disse, lembrando o nome, mas não me incomodando em dizer isso.

—O hospital tem mantido a minha vaga, para eu terminar a residência. Eles estão cansados de esperar. Tive uma reunião aqui naquele dia, para que pudéssemos conversar.

Lembrei-me da forma como ele estava vestido no dia em que encontrou Blake e eu. Ele provavelmente tinha acabado de chegar em casa da reunião. —Você está voltando ao trabalho?

—Não sei. —Ele disse, sua voz se afastando de novo.

Naquele momento, senti como se eu estivesse segurando uma linha longa... e ele era a pipa presa no final dela. Às vezes, o vento não soprava fortemente e eu conseguia puxá-lo. Trazê-lo próximo. Mas então, o vento soprava e começava a puxar os cantos da pipa e levantá-la novamente para o céu, então voava cada vez mais longe.

—Sabe, um médico deveria aperceber-se que não se vive só de bolinhos. —Provoquei.

Ele fez um som grosseiro. —Nada se interponha entre um homem e seus bolinhos.

Eu sorri, mas rapidamente transformou-se num bocejo.

—Você deve descansar um pouco, querida. —Porra, se ele não pontuasse essas palavras, pressionando seus lábios contra minha têmpora.

Eu não queria dormir. Queria ficar neste momento com ele. Eu sabia que ele provavelmente não estaria aqui quando eu acordasse.

Mas ele estava muito quente e confortável. Meus olhos começaram a fechar, levando mais e mais tempo para reabrir. Tentei lutar



contra isso, para ficar acordada. Neste momento, o vento parou. Ele estava próximo. Tão próximo.

Meu último pensamento antes de sucumbir ao sono foi me perguntar quanto tempo até o vento começar a soprar novamente, quanto tempo até ele ser puxado de volta para o céu.



CAPÍTULO 29

Talie

Eu estava sozinha quando acordei na manhã seguinte.

Eu pensei que estaria, mas isso não me impediu de ficar triste quando procurei e ele não estava lá.

Eu esperava que as coisas não fossem tão sombrias para ele neste novo dia. Esperava que contar a alguém sobre o que aconteceu com Dani tivesse ajudado a curar, pelo menos um pouco.

Não havia nenhum relógio na mesa ao lado da cama e a cortina estava parcialmente puxada, escondendo o relógio da parede, então levantei e me inclinei para dar uma olhada no horário.

Meu movimento foi curto quando a dor me impediu. Estava tão dolorida. Ainda mais do que ontem. Eles me disseram que eu estaria, que fazia parte do processo de cura. O processo de cura era doloroso.

Isso me fez pensar ansiosamente em remédios para dor.

E então me lembrei.

Lembrei que estava grávida.

Um sorriso curvou meus lábios e coloquei uma mão na minha barriga. —Ei, amendoim. —Sussurrei e estiquei levemente os braços e as pernas, tentando amenizar a dor. Eu precisava me mexer. Ficar deitada nesta cama só estava piorando.

Balancei minhas pernas sobre o lado da cama e usei o suporte de soro como apoio para me levantar. Meus pés estavam descalços e o chão de cerâmica estava frio. Eu estava vestida com uma dessas ridículas e excessivamente grande camisola de hospital que se pendurava para além dos meus joelhos.

Meu corpo inteiro parecia como um hematoma gigante, mas eu continuava em movimento. Depois de manobrar o suporte de soro, usei o

vaso sanitário e lavei minhas mãos. Então me assustei olhando no espelho.

Meu cabelo parecia que não tinha visto um pente em semanas, meu rosto estava pálido e havia um grande hematoma roxo ao longo do meu maxilar. Um pequeno corte vermelho estava perto da minha sobrancelha esquerda e vi o começo de uma contusão sob o decote do vestido. Parecia ser uma marca do cinto de segurança. Meu pulso esquerdo estava em uma gaze macia e a pele dentro coçava como se houvesse formigas ali.

Ouvi a porta do meu quarto abrir e fechar, então eu disse. —Estou aqui.

Eu não queria que a enfermeira ou Claire pensassem que algo aconteceu comigo.

A porta do banheiro foi praticamente arrancada das dobradiças segundos depois. A ação repentina me assustou e eu pulei. Meu peso transferido para o suporte de soro que estava sobre rodas, foi incapaz de me segurar, fui deslizando para trás em direção ao vaso sanitário.

—O que diabos você está fazendo? —Alguém rosnou em um tom que não era da enfermeira ou Claire.

—Gavin? —Engasguei.

Ele se aproximou, pegando-me pela cintura e me carregando.

—O que você está fazendo? —Perguntei.

—Impedindo você de cair e se matar.

—Oh, por favor. —Murmurei. —Ponha-me no chão. Eu quero caminhar.

—Não.

—Como você ousa discutir com uma mulher no hospital! —Eu disse.

—Você é a única que está discutindo.

Eu dei-lhe um olhar maligno. —Você está puxando meu soro.

Ele me abaixou, mas segurou meu braço como se eu estivesse impotente e não conseguisse andar.

Abri a boca para lhe dizer sobre como pensava sobre ser tratada como uma mulher de noventa anos, mas ele estreitou os olhos. —Você não me provoque. Vou bater nessa bela bunda nua.

Eu engasguei e fechei a parte de trás do meu vestido.

Ele sorriu. —Não é nada que eu não tenha visto antes. —Ele se inclinou e sussurrou no meu ouvido.

Memórias de todas as vezes que ele via meu corpo nu acendeu minhas veias. —Preciso pegar minhas roupas. —Murmurei.

—Claire está no corredor, flertando com Stitch.

—Que amiga que ela é! —Eu disse sem emoção. Na verdade, era bom vê-la flertar. Era algo que ela raramente fazia.

Voltei para a cama. Gavin acompanhou meus passos lentos e pequenos durante todo o caminho e nunca reclamou. Ele não me apoiava, o que eu teria odiado, mas ficou perto, de modo que se eu precisasse dele, estaria lá.

O aroma de comida e café flutuou em minha direção e meu estômago praticamente roncou. Havia um saco de papel marrom e um par de xícaras de café ao lado da cama.

Olhei para Gavin. Ele ainda estava vestido com a mesma roupa que usava ontem à noite. Seu cabelo ainda era uma bagunça e suas roupas estavam mais enrugadas do que antes.

—Você não foi para casa? —Falei, surpreendida.

—Não.

—Você tinha ido embora quando acordei. Eu simplesmente presumi...

—Eu fui buscar um café decente e alguma comida. Pensei que você poderia estar com fome.

Eu parei ao lado da cama. —Você ficou aqui? A noite toda?

—Sim. —Ele me colocou na cama e depois puxou as cobertas em volta das pernas.

—Mas por quê?

A porta se abriu e Claire entrou, com os olhos brilhantes. Flertar deve realmente fazer bem a ela. —Oi, Claire.

—Oi. —Ela disse, carregando uma bolsa com o que eu esperava serem roupas e uma escova de cabelo numa mão e um café na outra. —Obrigada pelo café com leite, Gavin.

—Disponha. —Ele respondeu, me entregando um copo alto e branco com uma tampa. —Aqui, não se queime.

—Obrigada.

Ele empurrou a cadeira para mais perto de Claire e fez um gesto para que ela se sentasse enquanto tirava um muffin gigante de mirtilo da sacola e me entregava.

—Humm. Isso parece tão bom. —Eu disse, pronta para devorá-lo.

—Bem, não é um bolinho.

Eu revirei os olhos. —Não, realmente tem frutas nisso.

—Superestimado.

Eu ri enquanto ele pegava seu próprio copo e tomava um gole. Ele não fez nenhum esforço para se afastar da cama. Claire estava olhando entre nós com surpresa no rosto.

—O que diabos há com vocês dois? —Ela perguntou. —Vocês estão namorando?

—Não! —Eu disse rapidamente, sentindo que minhas bochechas queimavam. Eu dei a Claire um olhar mortal e esperava que ela tomasse a dica.

—Nós somos apenas amigos. Gavin é o vizinho da tia Ruth.

Parecia que ela queria discutir, mas dei-lhe um olhar mortal novamente e ela fechou a boca.

Graças a Deus.

Gavin ficou de pé, bebendo o café, mas eu era muito covarde para olhar em sua direção.

—Essas roupas são para mim? —Perguntei, fazendo um gesto para a bolsa no chão ao lado dela.

—Claro.

—Preciso de um banho. —Eu disse com tristeza.

—Stitch disse que poderia ter alta hoje. —Disse Claire.

A porta do meu quarto abriu e Joanna entrou com sua aparência perfeita. Ela estava vestida com uma calça de linho azul marinho e uma blusa branca com babados no pescoço. Seu cabelo não estava solto, mas preso em um coque elegante em sua cabeça. Em seus pés havia um par de saltos que acentuavam sua altura.

—Talie... —Ela começou, sem fôlego. —Nós ficamos tão preocupados.

—Joanna. —Eu disse. —Estou surpresa em vê-la. —Olhei para Claire.

—Eu não sabia o quanto você estava ferida quando cheguei aqui. —Ela deu de ombros.

—Eu não sei por que você ficaria surpresa. Nós nos levantamos na primeira hora da manhã.

—Nós? —Eu olhei para trás dela.

—Mamãe, papai e Jack estão aqui, é claro. Eles estão estacionando o carro.

Eles estavam todos aqui? Ai meu pai...

—Vocês não precisavam dirigir todo esse caminho. —Eu disse, desejando que eles não tivessem. Adoro minha família, amo demais, mas na verdade não queria eles aqui. Agora não.

—São apenas duas horas. —Disse ela. —Nós estaríamos aqui mais cedo, mas Jack teve uma reunião importante ontem, ele simplesmente não conseguiu sair.

Ao meu lado, Gavin se moveu e os olhos de Joanna o contemplaram como se ele fosse um criminoso em uma batida policial. —Quem é?

—Joanna, este é Gavin. Ele me tirou do carro após o acidente.

—Mas isso foi há dias. Por que ele ainda está aqui?

Suspirei alto. —Ele tem ouvidos, você sabe.

—Por favor, perdoe-me. —Disse ela, arrependida. —Estou tão chateada em ver minha irmã assim.

—Sem problemas. —Gavin respondeu.

—Blake deve estar aqui ainda hoje. —Disse Joanna.

—Por que você o chamou? —Perguntei, ansiedade no meu peito. A última coisa que eu queria era outra briga com ele.

—Ele é seu marido.

Ao meu lado, Gavin endureceu.

—Em breve será ex. —Eu disse com força.

Joanna olhou entre mim e Gavin, com o olhar calculado. Falei, atraindo sua atenção. —Ligue para Blake e diga-lhe para não vir. Ele não é bem-vindo.

—Talie. —Disse Joanna.

Eu conhecia aquele tom de voz. Eu não seria influenciada desta vez.

—Agora, Joanna. —Eu gritei. —Não o quero aqui e não vamos voltar.

Ela ficou surpresa com a minha ferocidade. Olhou para Gavin como se fosse culpa dele.

Claire sabia que as coisas estavam prestes a ficar feias, então passou um braço ao redor de Joanna e disse: —Por que não saímos e você pode fazer essa ligação?

Joanna foi com ela, olhando para nós apenas uma vez.

Quando a porta se fechou atrás deles, soltei um suspiro.

—Ela é uma figura. —Disse Gavin.

—Ela é minha irmã. —Eu disse simplesmente.

—Seu quarto está prestes a ficar cheio de gente, então vou deixá-la para sua família.

Tanto quanto eu odiava, ele estava certo. —Obrigada por ficar... e pelo café da manhã.

Ele se inclinou, colocando as mãos em ambos os lados dos meus quadris. Levantei meu queixo para olhar em seus olhos azuis.

—Eu não vou embora. —Ele sussurrou.

—Não?

Ele balançou sua cabeça. —Vou encontrar Stitch. Talvez incomodar as enfermeiras.

Abri a boca para perguntar-lhe por que estava ficando, mas ele não me permitiu falar. Seu beijo cortou qualquer pergunta que eu teria feito.

Fogo lento.

É assim que descreverei esse beijo. Era lento e gentil, mas começou esse fogo na minha barriga, um fogo que eu sabia que tinha potencial para me incendiar. Quando ele recuou, pressionou outro beijo na minha testa e depois se afastou.

Assim que ele chegou à porta, notei que nosso beijo teve uma audiência. Meus pais, minha irmã e Jack estavam todos de pé, com as bocas abertas em choque. Gavin inclinou o queixo para o meu pai ao sair, deixando-me sozinha.

O traidor.

Minha família veio para frente, me fazendo um milhão de perguntas.

Esta seria uma longa manhã.

CAPÍTULO 30

Talie

Quatro lentas horas. Eu nunca soube que quatro horas poderiam parecer-se como uma vida inteira. Evitei muitas das suas perguntas mantendo uma mão na cabeça e fingindo que não me sentia bem. Não era mentira. Eu tinha dor de cabeça e meu corpo estava dolorido.

Depois que terminei meu café da manhã, a enfermeira removeu o soro. Fiquei tão feliz por tirar essa coisa da minha mão. Ainda atrasei a conversa sobre o que eles flagraram entre Gavin e eu, correndo para o banheiro com a sacola de roupas que Claire trouxe.

Não consegui fugir sozinha, no entanto. Minha mãe me seguiu ao banheiro com um olhar preocupado em seu rosto. Não tive coragem de expulsá-la do banheiro. Além disso, ela era minha mãe e eu meio que precisava da minha mãe agora.

As roupas que Claire me trouxe eram totalmente fofas. Trabalhar em uma loja de departamentos de moda, obviamente, ensinou-lhe muito sobre estilo. Ela me trouxe leggins com a parte superior de botão que era solta e confortável sobre minhas contusões. Depois, uma blusa branca grossa e adicionou um longo colar da cor do mar com um pendente em forma de âncora. Trouxe até uma sandália verde azulada para combinar.

Quando acabei de me vestir, sentia-me exausta. Lamentável. Minha mãe deve ter visto isso no meu rosto porque ordenou que eu sentasse no vaso sanitário para que ela pudesse pentear meus cabelos.

—Você cortou o cabelo. —Disse ela.

—Eu precisava de uma mudança.

—Eu gostei.

—Você gosta? —Perguntei surpresa.

—Sim, seu cabelo comprido era bonito, mas assim combina melhor com você.

—Joanna me disse para usar longo.

Mamãe se inclinou para baixo. —Joanna pode ser um pouco mandona.

Eu ri.

Ela continuou a pentear suavemente. —Você passou por muita coisa nessas últimas semanas. —Disse ela levemente.

—Eu não posso ficar com ele, mãe. Ele me traiu. Disse-me que faria isso novamente. Ele não quer uma esposa. Ele quer um troféu.

Ela continuava a pentear.

—E fui demitida do meu trabalho. —Admiti. —Meu chefe é um verdadeiro babaca.

—O que é um babaca? —Perguntou, parando.

Eu reprimi uma risada. —Ele queria que eu dormisse com ele como parte do meu trabalho.

—Você está certa. Ele é um babaca.

Desta vez, eu não consegui manter a risada dentro de mim.

—Blake nunca teria feito você feliz. Eu sempre soube disso. —Suas palavras eram irreverentes, quase casuais.

Olhei para cima bruscamente, surpresa me atravessou. —Sério? Por que você não disse algo antes?

—Às vezes, temos que cometer nossos próprios erros.

—Você não está chateada por eu me divorciar dele? —Pensei honestamente que a reação da minha mãe seria exatamente como a de Joanna. Eu sei que sou adulta, mas a opinião da minha mãe ainda é importante para mim.

—Eu ficaria chateada se não o fizesse. Você merece algo melhor do que um babaca como ele. —Ela disse.

Ai meu pai. Acho que ela acabou de encontrar uma nova palavra favorita.

—E o papai? —Perguntei, mordendo o lábio.



—Seu pai quer que você seja feliz. Assim como eu. —Ela disse o que era de conhecimento comum. E se eu realmente passei todos esses anos sendo tão dura comigo mesma porque pensei que todos estavam me julgando em silêncio, quando realmente, a única que me julgava era eu?

—Joanna...

A escova parou sobre minha cabeça e mamãe recuou para me olhar. —Joanna não é sua mãe. Às vezes, ela gosta de fingir que é, mas ela não é. Ela é sua irmã e ela a ama, mas ela não decide sobre como você deve viver sua vida.

Um peso saiu de meus ombros. —Eu te amo, mãe.

Ela sorriu e deixou de lado a escova. —Eu também te amo, Talie.

Da sacola de compras, ela pegou um elástico para cabelo e uma faixa azul marinho. —Eu a arrumarei hoje. Está bem?

Eu acenei com a cabeça e ela começou a fazer um pequeno rabo de cavalo na base do meu pescoço.

—Sobre aquele garoto...

—Ele não é um garoto. —Eu suspirei. —E o nome dele é Gavin.

—Há algumas faíscas aí?

—Não queria que isso acontecesse.

—Faíscas assim não podem ser controladas, Talie.

Olhei para ela novamente, surpresa.

—O quê? —Ela ergueu as sobrancelhas para mim. —Eu já tive a sua idade.

—Você e meu pai?

Ela sorriu.

—Nojento.

—Você quem perguntou.

—Argh. —Eu disse, mas por dentro, estava realmente encantada. Fiquei feliz em saber que minha mãe e meu pai estavam casados há mais de vinte anos porque realmente se amavam.

—Aí. —Ela disse, adicionando a faixa na minha cabeça e admirando seu trabalho. —Linda.

As lágrimas brotaram nos meus olhos sem nenhuma razão.

—Oh, querida. —Ela disse, envolvendo seus braços ao meu redor. —Tudo vai ficar bem.

—Eu não sei se vai. —Murmurei. Pensei em Blake e na humilhação que senti quando o vi na cama com outra pessoa. Pensei em todas as vezes que ele dizia ou dava a entender que ninguém mais iria me querer. Pensei em Gavin e na forma como ele me dominou com tanto desejo e emoção. Pensei no bebê que estava se formando dentro de mim. Gavin nunca disse que me queria. Na verdade, ele disse exatamente o contrário.

Talvez fosse melhor assim. Eu não deveria entrar em um relacionamento ao sair de outro, mesmo que houvesse uma criança envolvida.

—Será querida. A vida tem uma maneira de resolver por si só.

Eu funguei e me afastei.

—Por que você não fica comigo e seu pai? Você pode levar algum tempo para se curar do acidente e procurar um novo emprego quando estiver pronta.

Eu assenti. —Obrigada.

Deixei o vestido do hospital na pia do banheiro e peguei a sacola e a escova de cabelo para voltar ao meu quarto. Jack e Joanna estavam ao lado da janela, tendo uma conversa privada e meu pai estava assistindo EPSN na televisão. Claire estava fazendo alguma coisa em seu smartphone.

—Bem. —Disse minha mãe. —É claro que Talie vai ficar bem. Eu acho que devemos parar de sufocá-la e voltar para casa.

—E quanto aonde Talie ficará? —Perguntou Joanna.

—Vou levá-la para casa em um dia ou dois. Nós podemos ficar com a tia Ruth até que ela possa viajar. —Claire ofereceu.

—Sim, tenho certeza que terei que ver sobre meu carro antes de sair. —Acrescentei incrivelmente grata a Claire.

Joanna parecia que estava prestes a protestar, mas mamãe intercedeu. —Nós podemos parar nas lojas a caminho de casa, fazer algumas compras. Então podemos fazer um bom jantar.

Devo-lhe um grande momento.

—Bem, se você tem certeza. —Disse Joanna.

Assenti, tentando não parecer muito aliviada.

Mamãe se virou para mim. —Ligue-nos quando estiver a caminho. Vou preparar o seu quarto.

—Obrigada, mãe.

Depois de nos despedir, todos começaram a sair do quarto.

—Jack. —Eu disse e ele voltou. —Existe alguma maneira de fazer esse divórcio acontecer com maior rapidez?

Eu não queria dar à luz ao bebê de Gavin ainda casada com Blake.

—Talvez. —Disse ele, entrando no modo advogado. —Se ele não contestar.

—Ele não vai contestar. —Disse Joanna da porta. Eu não tinha percebido que ela estava lá.

—Como você sabe? —Perguntei.

—Porque quando liguei para dizer-lhe para não vir, aquela assistente espalhafatosa dele respondeu o seu celular privado. Tenho certeza que ela não se importa em aguentar suas... maneiras sujas apenas para obter seu sobrenome e prestígio.

A notícia nem me magoou. Isso só me deixou incrivelmente triste.

—Bem, se ele já tem outro relacionamento, então eu provavelmente conseguirei finalizá-lo em seis meses.

—Por favor, Jack.

Ele olhou para mim por longos momentos. Eu não sei o que ele estava procurando, mas deve ter encontrado. —Eu vou fazer isso acontecer.

—Obrigada. —Eu disse, correndo para abraçá-lo.

Minha onda de carinho pareceu deixá-lo desnorteado, mas depois de um momento, ele devolveu o abraço. —Você é da família.

Quando eles se foram, eu deitei de volta na cama. —Pensei que nunca iriam embora. —Murmurei.

—Nós duas. —Claire brincou.

—Estou tão pronta para sair daqui.

—Você vai me contar o que há entre você e Gavin? —Perguntou, cruzando os braços sobre o peito.

—Nada.

Ela me encarou.

Suspirei.

—Bem. Há algo, mas ele não está disponível.

Ela gemeu. —Ele é casado?

—Não. Nada assim. —Eu disse, não querendo contar a ela sobre Dani. Não tinha certeza de como Gavin se sentiria sobre isso e queria respeitar seus desejos.

Stitch entrou no quarto em seu jaleco branco e elegante corte de cabelo. Seus olhos foram primeiro para Claire e ela corou. Talvez eu precisasse pressioná-la para obter detalhes.

—Você está pronta para sair daqui? —Perguntou Stitch, me dando um sorriso.

—Por favor!

—Eu gostaria de te avaliar primeiro e então, sim te liberar.

Não pude deixar de olhar para a porta, perguntando-me onde estava Gavin.

—Eu o enviei para casa para tomar banho. Ele estava assustando os pacientes. —Disse Stitch, seguindo meu olhar. —Ele não ficou feliz, mas eu disse a ele que não o deixaria voltar a esse quarto a menos que estivesse limpo.

—Oh...

—Tenho certeza que ele voltará logo. —Disse ele, tirando o estetoscópio de seu pescoço.

—Vou esperar lá fora. —Disse Claire, saindo do quarto.

Os olhos de Stitch a seguiram enquanto ela se afastava.

—Você gosta dela. —Provoquei.

—Shhh. —Ele silenciou, fingindo que estava ouvindo meus batimentos cardíacos, mas o pontuou com um sorriso.

Depois de um exame geral, ele olhou para mim. —Suponho que sua cabeça está bem? —Ele perguntou, olhando para o curativo e os cabelos penteados.

—Uh, sim. Essa faixa me deixou louca.

—Ainda não há cólicas? Alguma mancha? —Perguntou, preocupado.

—Não. —Eu disse, medo batendo em mim. —Eu deveria estar preocupada com o bebê?

Ele balançou sua cabeça. —Acho que não. Ainda é tão cedo que tenho certeza de que tudo está bem. Eu pediria um ultrassom, mas não poderíamos ver muito.

—Você tem certeza de que estou grávida?

—Seus níveis de HCG estavam baixos, então é muito recente, mas sim, você está. Volte em um mês, talvez um pouco menos e faremos um ultrassom, para certificar que tudo esteja bem, faremos mais um exame de sangue e assim por diante.

—Você é obstetra?

Ele sorriu. —Não. Eu não sou um pediatra. —Ele brincou. —Mas esse é o bebê do meu melhor amigo. Eu quero ter certeza de que você e ele estejam saudáveis. Terei uma obstetra quando você voltar. Ela poderá avaliar o ultrassom e o seu exame de sangue.

Eu sei que acabei de conhecer Stitch, mas confiava nele. Fiquei intensamente feliz por ele estar cuidando do meu bebê.

—Eu realmente gostei disso.

Ele sorriu. —Até então, cuide-se. Descanse. Não force seu corpo. Você acabou de passar por um grave acidente.

Enquanto falava, Gavin entrou no quarto.

Stitch olhou para ele e então me deu um sorriso. —Irei buscar os documentos da alta. Te vejo em um mês.

Ao sair, ele parou ao lado de Gavin e respirou fundo. —Você cheira bem!

Gavin riu e deu-lhe um tapa nas costas.

Quando ele voltou, não pude deixar de olhar. Ele estava usando um jeans desbotado e uma camiseta vermelha com a palavra SURF escrita na frente. Seu cabelo ainda estava úmido nas pontas e já não estava mais bagunçado por toda a sua cabeça.

—Oi. —Eu disse.

—Oi. —Ele caminhou até a beira da cama, seus olhos examinando cada centímetro do meu corpo, tornando-o sensível de desejo. —Você está se sentindo melhor?

—Sim.

Seu olhar azul se aprofundou e seus olhos se estreitaram. —Então, por que você tem que voltar em um mês?

—Apenas um acompanhamento. —Menti.

—Eles não agendariam um acompanhamento para o seu tipo de lesões para daqui um mês. Seria apenas uma semana ou duas.

—Oh. —Por que ele tinha que ser médico? Eu não estava tentando esconder esta gravidez dele, mas não estava prestes a revelar-lhe também. Senti que precisava esperar até sair do hospital. Talvez até então termos a chance de conversar. —Eu não sei. Eu vou ter que perguntar a Stitch. —Tentei.

—Talie. —Disse ele, aviso em seu tom.

Olhei para longe da intensidade de seu olhar. —Eu não quero falar sobre isso agora.



Ele sentou-se ao lado da cama, usando o dedo para virar meu queixo em sua direção. —Há alguma coisa. Eles encontraram algo nos resultados de exame?

Eu procurei seus olhos. Eu não sabia o que estava procurando.

—Diga-me. —Ele exortou. —Os pensamentos que estou tendo agora... Por favor, não faça isso comigo.

Respirei fundo e sussurrei: —Estou grávida.

O silêncio foi tão pesado que comecei a pensar que ele não tinha ouvido.

Assim como apertar o botão de reprodução em uma tela que havia sido pausada, ele começou a se mover. Ele se afastou.

—Ele sabe? —Ele perguntou, sua voz ligeiramente rouca enquanto caminhava para o outro lado do quarto.

—Quem? —Perguntei confusa.

—Aquele bastardo com quem você está casada.

Ele pensou que o bebê era de Blake.

Acho que não é estranho ele pensar isso. É provável que a maioria das pessoas pensassem. Ele não sabia que o hormônio da gravidez no meu organismo era baixo e apenas agora começou a aumentar. Ele não sabia que eu não tinha tido relações sexuais com Blake em mais de seis meses.

Ele não sabia que esse bebê era dele.

—Não, eu...

—Como você pôde? —Ele perguntou baixo, girando para me olhar com olhos angustiados.

—O que?

—Como você pode deixar ele te tocar assim? Como você pode deixá-lo prender você para o resto de sua vida?

—Gavin. —Eu disse, querendo explicar-lhe que não estava presa a Blake. Eu estava presa a ele. A dor que vi em seus olhos me surpreendeu. Era quase como se desejasse que este bebê fosse dele.



A porta se abriu e Claire entrou. —Adivinhe quem liberou os papéis!

Gavin e eu olhamos para ela. Ela congelou. —Interrompi alguma coisa?

—Sim. —Eu disse ao mesmo tempo em que ele disse: —Não.

Limpei minha garganta. —Estávamos conversando. Podemos ter mais um minuto?

—Certo.

—Não é necessário. —Disse Gavin. —Nós terminamos aqui.

—Gavin, espere! —Chamei, mas era tarde demais. Ele se foi.

CAPÍTULO 31

Talie

A viagem para a casa da tia Ruth parecia ter demorado uma eternidade, assim como a viagem de cadeira de rodas até o carro no hospital. Eles não me deixaram andar e eu não ia fazer uma cena, então fiquei sentada enquanto eles me empurravam para o carro.

Claire sabia que eu estava chateada, mas não pressionou e eu estava agradecida. Eu não estava pronta para falar sobre isso com ninguém. Só queria encontrar Gavin. Queria fazê-lo me ouvir. Se, depois de ouvir que esse bebê é na verdade dele, ele ainda quisesse correr, eu não o deteria.

O carro de Gavin estava na entrada de sua casa. Assim que Claire estacionou, saí do carro, desci a praia e subi ao seu deck. Bati na porta de vidro, mas ele não atendeu. Olhei para as janelas, procurando por ele e até chamei seu nome, mas ainda não respondeu.

Girei com um suspiro frustrado e olhei para baixo na praia. À distância, eu podia vê-lo, um homem com jeans e camiseta vermelha. Ele estava usando um boné, mas eu o reconheceria em qualquer lugar.

Ele caminhava ao longo da costa, em direção a casa.

Pensei que não seria uma boa ideia correr para a praia depois de sair do hospital (embora eu quisesse), então me sentei em uma de suas cadeiras, disposta a aguardar.

Quando Gavin se aproximou, eu soube que ele me via porque parou de andar e olhou para onde eu estava sentada. Fiquei de pé com o coração saltando e minhas mãos tremendo. Eu estava com medo que ele continuasse caminhando, que ele virasse as costas me afastando novamente.

Em vez disso, ele voltou a caminhar, seus passos longos levando-o para o deck.

—O que você está fazendo aqui, Talie? —Ele perguntou.



—O bebê não é de Blake. —Eu disse em voz alta, devido ao barulho das ondas. —É seu.

Ele parou como se o choque o congelasse. Eu dei-lhe tempo para processar, para perceber o que eu disse.

—Esse bebê não é meu. —Ele disse, apontando para a minha barriga. —É muito cedo.

—Esse é exatamente o motivo pelo qual tenho que voltar em um mês. Porque um ultrassom não mostraria nada. Um teste de sangue confirmou isso.

Ele ainda parecia não querer acreditar.

—Eu não fiz sexo com Blake em mais de seis meses.

Seus olhos se aproximaram dos meus. Eu vi a esperança lá. Ele queria desesperadamente acreditar. Eu assenti. —Este bebê é seu. Stitch. Ele vai te dizer o quanto é recente essa gravidez.

Ele se moveu tão de repente que eu tropecei. Mas não importava porque seus braços estavam ao meu redor em segundos, me puxando contra seu corpo e reclamando minha boca com a sua. Eu era gasolina e ele era o fósforo. Nós explodimos em chamas que queimavam mais brilhantes que o sol. Sua boca era exigente enquanto me beijava tão profundamente que eu tinha que me apegar aos seus bíceps para me segurar no lugar.

A língua de Gavin sabia exatamente como acariciar, a quantidade exata de pressão aplicar e exatamente como enrolar em torno da minha. Gemi, minhas mãos puxando o tecido de sua camisa, tentando me aproximar. Eu o escalaria se ele deixasse. Não havia lugar que fosse suficientemente próximo a ele.

Ele quebrou o beijo tão repentinamente quanto começou. Seus olhos pareciam fogo azul enquanto me lançava um olhar. —Seis meses? —Ele exigiu.

Eu balancei minha cabeça. —Ele não me tocou em seis meses.

Ele rugiu profundamente em seu peito, o som de um macho alfa reivindicando o que era dele. Ele me levantou e me levou para dentro da casa, sem parar no sofá ou contra a parede, como costumávamos fazer.



Em vez disso, me levou para seu quarto, onde eu não tinha estado antes. As cortinas estavam puxadas, então tudo o que eu conseguia distinguir era uma cama grande no centro do quarto. Gavin colocou-me no meio do colchão e ficou ao pé da cama, olhando-me possessivamente.

Com uma mão, ele tirou a camisa e a jogou para trás, então pegou o botão no jeans. Eu sentei me aproximando de onde ele estava. Fiquei de joelhos e afastei a mão dele, alcançando o tecido desgastado de seu jeans para segurar o seu comprimento já rígido.

Em um movimento rápido, Gavin empurrou o jeans e a cueca, ficando completamente nu e na altura dos meus olhos. Seu pênis estava inchado e orgulhoso, impaciente pelo prazer.

Envolvi minha mão ao redor dele e apertei, esfregando meu lábio sobre sua glande. Ele fez um som gutural e eu sorri, gostando do poder que de repente tinha sobre ele. Mantendo minha mão nele, abaixei, engolindo-o. Seu corpo se sacudiu como se tivesse sido baleado e suas mãos esticaram para segurar meus ombros.

Comecei a subir e descer em seu comprimento, usando o calor úmido na minha boca para torná-lo liso. Quando seu membro começou a tremer, eu puxei, lambendo seu comprimento e chupando a delicada pele de suas bolas entre meus lábios.

Ele sussurrou meu nome, mas era quase indecifrável. Gavin arrancou o rabo de cavalo e a faixa para cavar suas mãos no meu cabelo. Me encolhi um pouco quando ele esbarrou a faixa na minha nuca, mas ignorei a picada de dor.

Tentei continuar mais ferozmente com a minha boca, mas ele não me deixou, me puxando de volta enquanto respirava com dificuldade.

Ele teve pouco trabalho com minhas roupas, jogando-as em lugares que nem olhava. Toda a minha atenção estava sobre ele e suas mãos, unicamente no prazer que ele poderia me dar. Quando finalmente estava completamente nua, nós recuamos na cama, Gavin se aproximando de mim, me fazendo sentir pequena enquanto seu corpo bloqueava todo o resto do quarto.



Ele se inclinou e me beijou, o tipo de beijo que me marcaria para sempre. Os lábios de Gavin desciam pelo meu pescoço e ombro, sugando e lambendo enquanto passava.

—Não quero que mais ninguém te toque novamente. —Ele falou, sua voz baixa e profunda.

Gemi enquanto sua língua passava pelo meu mamilo enrugado. Ele puxou o bico para dentro de sua boca e chupou. A ação era tão intensa que gritei e mergulhei meus dedos em seus cabelos.

Ele levantou-se sobre mim e acomodou-se entre minhas pernas. Nossos olhos se ligaram e a emoção inchou entre nós. Era tão intenso que eu estava quase surpresa. Gavin empurrou para dentro de mim, meu interior inchado cedeu ao seu pau rígido.

Gritei quando meu corpo se apertou ao redor dele, todo o meu corpo em chamas. Não consegui pensar depois disso. Minha mente estava simplesmente em branco porque havia tanto prazer que não havia espaço para pensar. Quando ele finalmente me permitiu gozar, uma explosão de cores rompeu no meu cérebro e gritei seu nome.

Ficamos enrolados nos lençóis, ambos respirando com dificuldade e tentando não cair das alturas. Agora que a adrenalina estava deixando o meu corpo, eu poderia dizer que ele não estava muito contente com toda a ação que eu acabei de participar, mas não me importava. Sentia-me tão bem.

—Talie. —Chamou Gavin, descansando de lado e olhando para mim.

—Humm?

—Você não faz ideia do tipo de merda que eu passei quando você me disse que estava grávida.

—Tentei dizer que não era de Blake.

—Eu estava além de ouvir. Tudo o que poderia pensar era o quão desesperadamente eu queria que esse bebê fosse meu.

Coloquei uma mão em sua bochecha. —Ele é seu.

—Ele?

—Pode ser ela.

Seus olhos brilharam e ele deslizou uma palma sobre meu abdômen plano, como se estivesse segurando o bebê que ainda estava se formando.

—Quando Dani morreu, pensei que esta parte da minha vida havia morrido com ela. —Ele confidenciou.

Coloquei minha mão sobre a dele para que ambos estivéssemos próximos ao nosso filho. —Eu jamais poderia tomar o lugar dela em seu coração, Gavin. —Eu disse honestamente. —Quero que você saiba que não espero nada de você. E que não vou afastar esse bebê de você.

Suas sobrancelhas franziram. —Por que você diria isso? —Sua mão se moveu um pouco para que ele pudesse apertar meu quadril.

—Eu sei que você não quer outro relacionamento e entendo o porquê. Espero que você queira este filho.

Ele fez um som sufocado. —Eu quero essa criança. —Seus dedos apertaram minha pele. —E quero você também.

A esperança estourou no meu peito como um presente mal embalado. —Eu não serei sua obrigação.

Ele fez um som. —Eu queria você antes de saber sobre o bebê. Foi por isso que te segui aquela noite na chuva. Foi por isso que dormi à beira da cama no hospital e pressionei as enfermeiras pelo melhor atendimento possível. Eu sei que te machuquei e que fiz tudo errado, mas não posso deixar você, Talie. Eu não quero.

—Você disse que não me ama. —Sussurrei, meu coração desfazendo-se em milhões de pedacinhos.

—Eu estava com raiva e medo. É assustador amar alguém depois de saber como é perder esse amor.

—O momento é tão ruim. —Dei-lhe um sorriso triste. —Tecnicamente ainda sou casada.

—Você é minha. —Ele rosnou, me puxando para cima contra seu corpo. —Eu não me importo o que um pedaço de papel estúpido diz.



—Jack me disse que aceleraria o divórcio. Não posso estar casada com Blake quando o bebê nascer.

Ele me beijou na testa. —Vamos fazer acontecer.

—Acho que não devemos viver juntos, não imediatamente. E se você decidir que não gosta de mim? —Me preocupei.

Ele riu, um som quente e rico que se espalhou sobre mim como manteiga em torradas quentes. —E se você não gostar de mim?

—Você tem um terrível hábito de comer porcarias.

—Mulher, não mexa com os bolinhos de um homem.

Eu sorri. —Eu vou te amar, Gavin. Para o resto da minha vida.

Ele franziu a testa. Não é exatamente a reação que essas palavras deveriam obter.

—Não serei um homem fácil de lidar. —Ele advertiu. —Eu vou ser superprotetor e muito vigilante. Às vezes sou mal humorado e sempre vou querer sexo.

—Acho que eu posso lidar com isso. —Sorri, enrolando meus dedos nos cobertores. Nunca, num milhão de anos, pensei que minha vida me conduziria até aqui. Que uma experiência de encontro sem compromisso acabaria por ser a melhor coisa que aconteceria comigo.

Mas foi.

EPÍLOGO

Talie

Nove meses depois...

Nunca pensei que gostaria de estar no hospital. E acho que ainda não gosto. Mas a razão de estar aqui desta vez faz tudo valer a pena.

Sentei impacientemente na cama, esperando, desta vez cheia de lindos cobertores que trouxemos de casa. Olhei para a porta, enquanto balançava meu pé impacientemente debaixo do cobertor.

—Ela estará aqui em um segundo, querida. —Disse Gavin ao meu lado.

—Você deveria ter ido com ela. —Eu me preocupava.

—Seu tio Stitch está com ela. Além disso, queria ficar aqui com você.

—Estou bem, mas...

A porta se abriu e Stitch entrou, empurrando um pequeno berço claro. Eu fiz um som impaciente e olhei para ele. —Por que demorou tanto?

—Nós só levamos dez minutos. —Ele riu. —Eu queria levá-la a lanchonete para beber um refrigerante, mas tive medo que você enviasse os policiais.

—Você não pode dar um refrigerante a um recém-nascido! —Eu disse, levantando meus braços para a minha bebê.

Stitch sorriu maliciosamente e Gavin riu. Gavin foi até o berço e pegou um pacotinho embrulhado em rosa. Com apenas dois quilos e setecentas gramas, ela parecia minúscula nos braços de seu pai.

—Oi, querida. —Disse Gavin a sua garotinha, encaixando-a contra o peito. Ela virou o rosto para o som de sua voz, já familiarizada.

—O teste de audição foi ótimo. Ela é perfeitamente saudável. —Disse Stitch.

Considerando que ele não era um obstetra. Ele com certeza tinha acompanhado toda a minha gravidez. Tanto que pedimos que ele fosse seu padrinho.

Foi meio gentil ver um arrasa corações como ele, finalmente sucumbir aos encantos de uma menina. E nesse caso, de uma pequena.

Antes que Grace Danielle Palmer nascesse, ela já tinha uma fila de homens para comer em suas mãozinhas. Seu pai sendo o primeiro é claro.

Ela é a bebê mais linda que eu já tinha visto (modéstia à parte). Com uma cabecinha arredondada, bochechas cor de rosa e fios de cabelo loiro, ela já parecia um garota da praia. Seus olhos eram da mesma cor bonita que o de seu pai.

Há quase três meses atrás, me concederam o divórcio de Blake. Jack manteve sua palavra e resolveu tudo. Logo após meu acidente, fiquei na casa da tia Ruth por mais um mês antes de Gavin me convencer a morar em sua casa.

Até agora, nós estamos muito bem.

Oh, a quem estou tentando enganar? Nunca estive mais feliz em toda a minha vida.

Descansei a cabeça contra o travesseiro, olhando para ele e nossa filha, maravilhando-me com o quão mais leve ele parecia, desde que nos conhecemos. Ele ainda lamentava a morte de Danielle, mas sua vida não era mais governada por este acontecimento. Ainda assim, eu sabia que um pedaço de seu coração sempre pertenceria a ela.

Mas eu estava bem com isso, porque Gavin tinha bastante amor em seu coração e eu tenho uma parte dele. E agora Grace também.

—Eu quero minha bebê. —Eu disse, levantando meus braços.

Gavin sorriu para ela, depois entregou-a suavemente, colocando-a nos meus braços. —Ei, amendoim. —Eu disse e ela se virou para mim. Seus olhos grandes e inocentes eram incríveis.

—Vou te ver amanhã? —Perguntou Stitch, olhando para Gavin.

Ele riu. —Não. Você sabe que estarei de folga pelas próximas duas semanas. Mas sinta-se livre para parar na praia e ver sua afilhada.

Ele sorriu e se inclinou sobre mim e a bebê. —Tchau, Grace. Vou te trazer um refrigerante.

Eu revirei os olhos.

—Ele é uma má influência. —Eu disse quando ele se foi.

—Ele a ama.

—Eu sei.

—Eu amo você, Talie. —Disse ele, subindo na cama com a gente. —Muito.

—Eu também te amo.

—Depois que Dani morreu, nunca pensei que seria feliz novamente. Se você não tivesse sido tão barulhenta e irritante, provavelmente nunca teria saído de casa e me apaixonado.

—Bem, se você não estivesse usando só uma cueca, provavelmente não me apaixonaria. —Retruquei.

Ele sorriu.

—Então. —Ele disse casualmente. —Eu trouxe um presente. —Ele pegou uma longa caixa de veludo e segurou-a na minha frente.

Enquanto ele segurava, levantei a tampa, pensando que era uma espécie de colar com a pedra do nascimento.

Eu estava errada.

Era um anel de diamante. Um anel de noivado. E estava sobre uma cama de pétalas de rosa.

Engasguei surpresa. —Pensei que concordamos em esperar.

O assunto casamento surgiu uma ou duas vezes, mas tendo em conta o meu recém-divórcio e os seus sentimentos tímidos sobre se casar de novo, decidimos que não precisávamos nos casar para estarmos realmente juntos.

—Nós podemos ter um longo noivado, se é isso que você quer. — Disse ele, observando-me. —Mas eu quero você e isso nunca mudará. Quero que você carregue meu nome como Grace. E que as pessoas saibam que você é minha. Estar com você é mais do que suficiente, mas casar com você seria a perfeição.

Olhei para Grace, dando-lhe um sorrisinho. —Acha que devemos mantê-lo?

Ela fez um pequeno som que eu tenho certeza que significava que ela estava com fome. Mas tomei como um sim.

—Ponto para o papai! —Ele disse, esfregando uma mão em sua bochechinha.

—É claro que vou me casar com você, Gavin. Nada me deixaria mais feliz.

Pétalas de rosas caíram na cama quando ele pegou o anel da caixa e deslizou a pedra solitária de um quilate no meu dedo. Era em formato de coração.

—Você trouxe meu coração de volta à vida, Talie. —Ele disse, beijando a pedra que agora eu usava no meu dedo. —É apropriado que você o use.

Então eu usei.

E nunca mais tirei.

Fim

